

Jóia do deserto

Sharon Kendrick

Herdeiros do Deserto 2

O sheik irá reivindicar sua esposa...

Cinco anos se passaram desde que Alexa pôs os olhos em Giovanni de Verrazzano pela última vez. Cinco anos desde que ela abandonou o casamento, levando consigo um precioso segredo.

Ao descobrir ser filho de um poderoso governante do deserto, Giovanni está determinado a fazer Alexa reassumir seu papel de esposa e acompanhá-lo ao seu reino. Mas como esse italiano orgulhoso de descendência Kharastani reagirá ao descobrir que tem um filho?



CAPITULO UM

Não era preciso estar se afogando para ver sua vida repassando diante de seus olhos. Nem estar dormindo para se sentir cambaleando, num pesadelo.

E esse era seu pior pesadelo.

Alexa piscava rapidamente, como se tivesse emergido da água. A visão borrada não a deixava ver claramente, e pensou que talvez não fosse ele. Por uma fração de segundo uma ponta de otimismo a tomou, vendo o homem gracioso que seguia pela rua de paralelepípedos. Mas a esperança se foi ao se aproximar e ver um grupo de mulheres o seguirem com o olhar.

Sem dúvida, ele caminhava como um líder, um homem nascido para o dinheiro, com mais do que o suficiente. Alto e arrebatador, ele tinha os cabelos escuros e cacheados, e seu rosto expressava um ar altivo e ligeiramente cruel.

Sua pele tinha um bronzado profundo, mesmo para um italiano do sul, e seu ar exótico acrescentava a mística de Nápoles, sua cidade natal. Mãe glamurosa, pai desconhecido.

Ele vestia um terno cinza perfeitamente talhado para seu corpo esguio e rijo e, ao passar, as mulheres se derreteram. Teria sido quase cômico se não tivesse doído no coração de Alexa. Uma dor que deveria ter desaparecido há muito tempo. No entanto, lá no fundo, havia um sentimento bem mais agudo do que a dor.

Medo.

Ela lambeu os lábios. Giovanni.

Giovanni, seu marido.

Ciumento, possessivo, fantasioso, idealístico. Giovanni...

Silenciosamente, ela disse o nome que havia tentado esquecer, mas jamais esqueceria. E como poderia, se ainda estava unida a ele pela lei, pelos sentimentos não resolvidos e por algo ainda mais profundo? Algo tão precioso que se... se...

Alexa engoliu em seco. Será que ele a vira? Seu coração quase parou diante da esperança tola que renascia. Será que sabia que ela estava ali?

Mesmo antes de cruzar com o olhar negro que passava pelas vitrines como a mira de um caçador, ou vê-lo atravessar a rua rumo a um edifício, ela soube que era uma pergunta vã.

Claro que ele sabia que ela estava ali. Por que outro motivo o milionário de coração de pedra estaria vagando pela tranquila rua inglesa, em vez de perambular por sua Nápoles barulhenta em seu carrinho esporte, com todos os homens gritando "Gio!" e todas as mulheres rebolando ao vê-lo passar?

De quê mais ele saberia? Teria ele... descoberto?

Ah, por favor. O mundo voltou a ficar embaçado e ela apertou o pedacinho de seda que segurava. Por favor, não o deixe saber.

A pele gelava e o coração começou a bater com força. Alexa sentia as palmas das mãos começando a suar e largou a camiseta de seda que dobrava com dedos trêmulos. Nenhum cliente rico daria dinheiro por um produto acima do preço se estivesse manchado de seu suor. Ela lambeu os lábios secos, dizendo a si mesma que era insano tentar adivinhar a situação. Apenas ouça o que ele tem a dizer e mostre-se tranquila, você certamente pode fazer isso, levando em conta o que está em jogo.

A campainha da porta da loja tocou e ela olhou direto para ele, que entrava, com um sorriso nos lábios. O tipo de sorriso que uma esposa distante mostraria ao marido que tivesse dado ao dicionário uma nova definição de "comportamento irracional".

— O... Olá, Giovanni — disse ela, ouvindo o tremor na própria voz, o que ele ouviu também, pois apertou os olhos negros imaginando o motivo. — Mas que...

— O que? — perguntou ele, letal como uma serpente.

— Surpresa. — Ela engoliu, sentindo a garganta conter a palavra.

— Ah! Mas que afirmação de menosprezo, cara! — murmurou ele — Você realmente esperava passar o resto de sua vida sem voltar a me ver?

— Não pensei muito sobre isso.

— Não acredito em você — disse ele, suavemente, lançando um olhar de deboche. Não pensar nele? A lua deixaria de surgir no céu antes que isso acontecesse! — Todas as mulheres que me conheceram são obcecadas por mim e, em vários aspectos, você me conheceu melhor que a maioria, já que é a única com quem me casei.

Mas Giovanni sabia que era muito mais do que o laço legal que os unia, tornando-a tão única. Um casamento que havia sido bem mais forte e não tão fácil de se desvencilhar quanto ele imaginara. Fora por Alexa tê-lo visto de guarda baixa. Ela vira Giovanni quase vulnerável e lhe ensinara uma lição que ele já devia saber: jamais se deve confiar nas mulheres.

O sorriso estático de Alexa se transformou numa careta grotesca.

— Você gostaria... de falar comigo? — As sobrancelhas negras se ergueram, interrogativas.

— Acha que quero comprar umas roupas femininas, talvez para uma de minhas amantes?

Se ele soubesse! Se ao menos tivesse uma noção dos pensamentos loucos que passavam por sua cabeça como um rodamoinho descontrolado... Pois você sabe que o que fez a esse homem foi errado!

Ela desejou que a voz de sua consciência cessasse, com a lembrança das palavras duras e ásperas que ele lhe dissera. Tudo que ela havia feito tinha uma razão.

— Não posso falar agora, estou trabalhando.

— Estou vendo. — Ele olhou ao redor da loja, fingindo interesse, mas, na realidade, era para estabilizar seu batimento cardíaco. Ficou perplexo com as batidas estrondosas e subestimou o impacto que ela causava em seus sentidos. Ou talvez tivesse simplesmente esquecido.

Ele deixou seus olhos famintos se banquetearem sobre ela. Os cabelos estavam presos num coque austero e ela vestia uma saia preta risca de giz com blusa branca, provavelmente um tipo de uniforme de trabalho. No entanto, nela, em nada parecia com um uniforme. Com a saia justa marcando seus quadris e a blusa de seda acariciando seus seios, ela mais parecia uma fantasia masculina. Giovanni engoliu. Mais tarde.

— Ainda continua como assistente de compras? — perguntou ele, sarcasticamente. — Não foi assim que você entrou? A menos que seja dona do local, é claro.

— Não, não sou dona.

Então não houvera mudança súbita em sua sorte. Nenhum amante para esbanjar sua riqueza com ela, sendo envolvido por aquela sensualidade supostamente inocente. Aqueles olhos verdes que podiam variar de serenos a irritadiços, em meio a centenas de expressões. Ela tinha o tipo de corpo que o fazia desejar cobrir de diamantes, depois removê-los, lentamente, um a um.

Ele se surpreendera por ela não o ter abordado com um robusto acordo de divórcio. Sim, mas talvez seus advogados a tivessem advertido que um casamento de meros três meses não renderia uma pensão muito significativa.

— Não dá para chamar isso de uma promoção rápida, não é? — refletiu ele. — Assistente de compras, num lugarzinho atrasado, onde você cresceu.

Mas que inglês fluente e análise precisa de sua situação! Alexa exibiu um sorriso descompromissado.

— Bem, nem todos podemos ser comandantes da indústria — disse ela, baixinho. — Ouça, Giovanni, ninguém irá duvidar de que você foi o grande realizador de nosso relacionamento, mas eu realmente não tenho tempo para ficar de papo. Principalmente sobre algo tão doloroso e explosivo quanto nosso passado.

Ele olhou ao redor da loja vazia.

— Mas você não tem nenhum cliente! — observou ele, ríspidamente.
— Se esse lugar fosse meu, eu faria uma mudança drástica.

— Bem, felizmente, para mim não é. Afinal, o que você quer, Giovanni? — Ela o olhou, imaginando se ele estaria ouvindo o ligeiro tom de dor em sua voz, pois, às vezes, a emoção simplesmente se apossa das pessoas.

E se ele tivesse vindo para lhe dizer que queria sua liberdade? Que conheceria alguém novo e se apaixonara? Só que dessa vez era algo real, não um coquetel juvenil de luxúria e falsas expectativas.

— Pode me dizer, rapidamente.

Giovanni ouviu uma ponta de esperança na voz dela e deu um sorriso lento.

— Você acha que viajei da Itália para lhe dizer algo rapidamente? — ele repetiu, suavemente.

Ele deixava seus sentidos girando e ela queria que aquilo parasse. Queria que o disparo de seu coração e a sensação de desmaio passassem, junto com o arrependimento e todas as coisas que ele revolvera dentro dela naquele espaço de poucos minutos. Alexa respirou profundamente.

— Você deveria ter me avisado que viria — disse ela, em voz baixa. E como ela teria reagido se ele tivesse avisado? Teria fugido até ter certeza de que a área estava limpa, levando Paolo junto? Mas não se pode fugir a vida toda. Subitamente, uma intimidação de terror começou a assomar sobre ela.
— Você devia ter me avisado — repetiu ela, agora com mais ênfase.

Giovanni olhou seus lábios trêmulos. Nem por um instante ele achara que ela fosse imune a ele, mas a reação de Alexa era muito interessante.

Diante das circunstâncias, ela estava bem mais no limite do que ele esperava. E por quê?, pensou ele. Por ter se dado conta do que havia jogado fora? Ou porque queria que ele a pegasse nos braços e beijasse? Pressionando seu calor contra a maciez de seu corpo, entrando com sua rigidez até o fundo, até que ela implorasse pela libertação?

Os lábios sensuais de Giovanni exibiram um sorriso cruel, enquanto ele sentia uma onda de calor na virilha e um pulsar poderoso de ansiedade. Ainda assim, sentia um ligeiro desânimo e uma pontada de raiva, pois as sensações que ela causava desafiavam toda a lógica.

As lembranças da traição e decepção o invadiram, enquanto ele olhava seu rosto oval. Mas também havia o desejo, uma fome sexual voraz que ele não havia saciado totalmente. Isso certamente teria a ver com a guinada estranha em seu coração.

A finalidade que ou trouxera até ali era simples: o convite que queimava em seu bolso e a vontade de que a esposa cedesse aos seus desejos. Havia também a curiosidade. Uma sensação de algo que não havia

sido conluído. Aquela pergunta feita por todos que tiveram um casamento fracassado: e se?

Giovanni exibiu uma expressão severa nos lábios. Eram sentimentos puramente desnecessários. Deixando isso de lado, ele sabia exatamente o que queria e isso ia além de fazê-la concordar em acompanhá-lo numa ocasião tão importante. Ah, sim. Ele a queria mais uma última vez. Iria se deleitar em seu corpo e se saciar inteiramente, depois... Ele engoliu. Então aquele último legado preso ao casamento mal-fadado seria satisfeito e ele poderia seguir em frente.

No interior luxuoso da loja as luzes brilhavam e transformavam os cabelos dela em ouro puro. Porém, as luzes faziam truques, assim como o coração. Seus cabelos não eram realmente louros, mas de uma estranha tonalidade entre o ruivo e o dourado. Uma cor especialmente rara para adornar uma cabeça, principalmente em sua cidade natal do sul da Itália.

Seus olhos tinham a cor do pistache fresco e a pele parecia baunilha cremosa. A primeira vez que a viu, ele disse que ela parecia um sundae de creme, e teve de se conter para não dizer que queria lambê-la inteira. Bem depois ele a provocou dizendo que queria mergulhar sua colher nela e o rubor em resposta selou seu destino. O rosto dele ficou vidrado. Ela era dele. Alexa.

Alexa O'Sullivan. Um nome incomum como seus cabelos, assim como seu corpo curvilíneo e macio, com a pele clara sedosa. Agora ela parecia tão inocente quanto no dia em que se conheceram. Mas inocentes não mentem nem enganam.

Ele estava preparado para a raiva, mas não para o arrependimento. Por ter se casado com ela, para começar. Ou por ter deixado que seus olhos verdes claros e seus lábios avermelhados pudessem iludi-lo e fazê-lo crer em uma fantasia.

— A que horas você sai? — perguntou ele, gentilmente.

Alexa hesitou por um instante, reconhecendo que ele não partiria até que conseguisse o que queria, por mais que quisesse que ele fosse. O mais sensato seria combinar de encontrá-lo para o almoço, no dia seguinte. Isso lhe daria tempo para se recompor, se preparar para a batalha verbal. Mas significaria que ele estaria por perto, talvez em um dos hotéis da redondeza. E depois? Giovanni fazendo perguntas, bajulando as funcionárias, ou, pior, as pessoas locais vendo suas feições mediterrâneas bronzeadas e juntando os fatos.

— Saio às seis — disse ela, rapidamente.

— Bom, bom. — Os olhos de Giovanni cintilaram de satisfação. A primeira parte de sua missão fora realizada. A segunda era decidir aonde levá-la. Um hotel? Com a conveniência de um quarto à mão? Porque não

começar como se ele quisesse ir adiante? A avidez estampou-lhe um sorriso nos lábios. — Eu a pegarei aqui.

— Não! — A palavra escapou da boca antes que ela pudesse contê-la, mas Alexa queria um território neutro, seguro. Mas será que realmente havia algum lugar seguro com Giovanni? O poder de sua presença não dominava sutilmente os arredores, sendo indiferente o local onde estivesse? Ela cruzou com seu olhar interrogativo. — Minha chefe não gosta de mais ninguém na loja enquanto estou fazendo o caixa. Sou eu que cuido disso.

— Tenho de dizer que não acho que haverá muito no caixa, a julgar pela falta de clientes — observou ele, sarcasticamente, erguendo as sobrancelhas. — Você terá que se esforçar mais que isso para arranjar uma desculpa, cara mia.

Era muita arrogância achar que ela precisava de uma desculpa para não falar com ele. Mas sua arrogância não estava em pauta.

— Não vou conseguir me concentrar com você bufando em meu pescoço. — Ele sorriu. Melhor. Muito melhor.

— Não, entendo que isso pode ser um problema — concordou ele. — Então, onde posso vê-la?

A mente de Alexa estava acelerada. Ela teria que ligar para a babá e combinar de passar lá mais tarde, mas provavelmente não seria problema.

Ela pensou em todos os locais possíveis até sugerir um, onde achou menos provável encontrar alguém conhecido. Mas, como alguém que raramente saía à noite, ela podia ter um bom leque de opções,

— Encontre-me no Billowing Sail — disse ela. — Logo após as seis. E um pequeno pub, escondido na esquina da marina.

— Um pub? — repetiu ele.

— Isso mesmo.

— Mas eu não gosto de pubs, Alexa — disse ele, suavemente. — Você sabe disso.

E ela não gostava de ser forçada a encontrar com um homem que conseguia virar suas emoções de pernas para o ar. Ele, assim como ela, teria de lidar com isso.

— Receio que os pubs façam parte da vida londrina. E nenhuma cafeteria vai estar aberta às seis.

— Então, em vez disso, vamos jantar.

— Jan... jantar?

— A refeição que as pessoas costumam fazer à noite — ele esclareceu, sarcasticamente — Sabe?

Alexa sentiu seu coração bater desesperadamente. De uma coisa ela sabia, com certeza. De forma alguma poderia suportar a intimidade de um restaurante, com sua iluminação reduzida e clima relaxante.

Ela balançou a cabeça.

— Não, jantar não.

Ele estreitou os olhos negros.

— Você quer dizer que não quer jantar, não janta, ou vai jantar com outra pessoa?

Por um segundo ela ficou tentada a dizer sim, que o homem de seus sonhos a estaria esperando em casa, com um sorriso terno e uma cama mais terna ainda. Pois a maioria dos homens desistiria ao saber que ela seguira adiante e encontrara outro. Mas Giovanni não era como a maioria dos homens, e seu ciúme era uma lenda. Isso ajudara a destruir o relacionamento com um veneno sombrio, e Alexa não poderia enfrentar isso agora.

Ela balançou a cabeça.

— Não, não vou jantar com ninguém. Mas estou cansada — disse ela, falando a verdade. — Foi uma semana longa, e eu não imagino que tenhamos muito a dizer um ao outro. Certamente não o bastante para preencher o tempo de uma refeição. Um drinque rápido deve resolver.

Por um minuto os olhares se encontraram, numa batalha silenciosa de vontades, e ele pensou em tentar impor a sua; mas isso não a faria erguer a guarda? Alexa tinha algo que ele queria e, por enquanto, ele jogaria conforme suas regras. Além disso, ele logo a convenceria a deixar de lado sua postura arredia. Ou a beijaria para isso. Seu coração disparou de expectativa. Um drinque rápido, pois sim!

— Muito bem — concordou ele. — Eu a verei logo depois das seis. Ciao, bella. — E deu as costas, saindo pela porta, parecendo levar consigo toda a luz e a cor ao fechá-la com uma badalada do pequeno sino no batente.

Entorpecida, Alexa o observou sair, com a sensação de que seus joelhos não aguentariam, quase sem acreditar que o que ela mais temia acabara de acontecer.

Mas ainda não tinha terminado. Faltava muito para isso.

Ela se virou e pegou uma caixa de lenços de papel embaixo do balcão do caixa, contendo as lágrimas que não paravam de brotar em seus olhos. Sequer viu que a porta da loja voltou a se abrir e se virou somente ao ouvir uma voz, vendo que sua chefe estava bem ali. A loura cinquentona elegante tinha uma expressão preocupada.

— Teri! — disse ela, ofegante. — Eu estava a milhas de distância. Eu não...

— Eu sei. Aquele era seu marido, não era? — disse Teri, com percepção. — O garanhão italiano que atualmente está deixando a população feminina de Lymingham perplexa?

Alexa concordou, tentando se compor.

— Ex-marido — corrigiu ela, contendo as lágrimas.

— Eu achei que vocês não eram divorciados.

— Não somos, oficialmente, mas o divórcio é apenas um pedaço de papel — disse Alexa. — Assim como o casamento.

— Você acha? — perguntou Teri, como uma ponta de curiosidade na voz. — E por que nunca o vimos antes?

Alexa ficou tensa.

— Porque ele mora em Nápoles e eu vivo aqui, e não compartilhamos a vida.

— Não foi isso que eu quis dizer, Lex — disse Teri. — Ele é o pai de Paolo, não é?

Houve uma pausa. Foi exatamente como Alexa havia pensado. A semelhança era gritante e uma nuvem negra começou a encobrir o sol. O menino era uma cópia perfeita do homem.

— Sim — sussurrou ela.

Os olhos de Teri se estreitaram, lentamente assimilando, e ela levou as pontas dos dedos à boca.

— E ele não sabe, sabe?

Houve um silêncio terrível.

— Não.

— Oh, Alexa.

Mas Alexa sacudiu a cabeça, lembrando das palavras amargas de Giovanni. A tortura de um dia ter vivido com ele, depois de sua afirmação de que ela não estava exatamente dentro dos padrões de como deveria ser uma mulher. A acusação que ele fizera, quando ela deixou sua casa, sua cidade e sua vida. E ela lembrou de sua imensa fortuna e determinação. Oh, não. Ela seria uma tola em começar a relembrar euforicamente do homem com quem se casara, e mais ainda, em subestimar o seu poder.

— Ele o tiraria de mim, se soubesse — disse ela. — Essa é a verdade.

— Mas, como... por quê? — perguntou Teri, confusa. — Eu quero dizer, como isso foi acontecer?

Como? Porque os sonhos das pessoas são estilhaçados em mil pedaços, enquanto outros são meramente dissipados, como o final de um filme?

Ela poderia contar a Teri que havia viajado à Nápoles e se apaixonado por aquela cidade vibrante, ao lado do Monte Vesúvio, a ilha de Capri e suas águas azuis. Da mesma forma como se apaixonara por Giovanni, ou pensara ter se apaixonado. Com seu bronzeado e seu charme perigoso e sua determinação de possuí-la... Sim, possuí-la, quem teria resistido?

Recém saída da universidade e indecisa quanto ao futuro, que parecia ter deixado um vácuo dentro dela desde que a mãe se casara novamente e emigrara, Alexa fora para a Itália para se aperfeiçoar numa língua na qual já tinha boa fluência.

Não levou muito tempo para ver que os homens italianos só estavam atrás de uma coisa: sexo fácil com mulheres prontas a se dar de bandeja. E Alexa não estava pronta. Sua única aventura havia sido o suficiente para torná-la cautelosa, pois o homem para quem perdera sua virgindade tinha a sensibilidade de um touro. Mas depois ela conhecera Giovanni e todas as suas boas intenções voaram pela janela.

Ao trabalhar na loja de departamentos mais opulenta da cidade, Alexa se tornara quase uma novidade. Uma estrangeira que falava um italiano fluente, e certamente não havia muitas assistentes de compras em Nápoles! Os clientes ficavam encantados com seu sotaque e os homens, particularmente, vinham comprar luvas de couro com a criatura de pele branca e olhos verdes. As vendas subiram. Ela logo recebeu um aumento e foi transferida para a sessão de bolsas. Numa certa manhã, Giovanni entrou e tudo mudou. Num instante ela se tornou a vítima do sentimento que a inundou, um sentimento no qual jamais acreditara até o momento em que aconteceu com ela. O mundo parou de girar, ficou suspenso, congelado, e tudo nele ficou embaçado, exceto pelo homem que entrou passeando, aparentemente alheio a todos os olhares sobre ele, que veio em sua direção como uma mariposa sobre a lâmpada. E Alexa se apaixonou.

Ela não sabia que ele era dono da loja, e de várias outras como aquela ao redor da Itália, nem que saía em todas as listas dos "Mais bem vestidos", ou "Melhores partidos", sempre próximo ao topo. Tudo que sabia era que ele tinha olhos de ébano e uma pele especialmente morena, como madeira polida, e que o terno que usava escondia muito pouco da perfeição de seu corpo rijo. Ela ficou de boca seca, mas se escondeu atrás de seu sorriso de assistente de compras.

— Então você é a mulher que está causando toda a empolgação — murmurou ele.

Alexa olhou ao redor, notando todas as mulheres que o observavam, e sorriu, respondendo em italiano.

— E você é o homem que parece estar fazendo exatamente a mesma coisa!

Ele ficou ligeiramente surpreso, tanto pela resposta, quanto pela fluência. Giovanni já sabia que ela falava seu idioma, mas não esperava que fosse tão... tão... perfeito.

— Disseram-me que você era muito bonita — disse ele, com uma voz rouca. — Mas as palavras não lhe fazem justiça. Eu nunca vi uma boca tão suplicante para ser beijada.

Os olhos de Alexa ficaram turvos. Esse era o tipo de frase que ela sabia não conter qualquer significado. Nas últimas semanas ela ficara craque em desprezar homens amorosos, embora isso nunca tivesse sido qualquer dificuldade antes.

— Está interessado em comprar uma bolsa, senhor?

Giovanni pensou numa centena de maneiras de responder à pergunta. Ele poderia dizer sim, passar por uma pantomima de flerte e pedir sua opinião, depois comprar a bolsa que ela mais gostasse, provavelmente a mais cara, e presentear-lá com um floreio teatral, antes de convidá-la para jantar. Mas um tom reservado nos olhos verdes lhe dizia que essa estratégia não lhe renderia o resultado desejado. Ela não estava flertando com ele, foi o que ele percebeu, com certa perplexidade. Não estava flertando com ele!

— Não, não estou interessado em bolsas. Estou interessado em lhe mostrar Nápoles.

— Eu tenho um mapa.

— E eu tenho um carro.

Alexa deu um sorriso.

— Eu gosto de caminhar. Mesmo assim, obrigada.

— Estou acostumado a fazer as coisas do meu jeito — disse ele.

— Então, receio que vá se decepcionar dessa vez.

— Jamais me decepciono quando ponho meu coração em algo.

Alexa descobriu que ele era rico e mudava de mulheres com mais frequência do que trocava de carros. Ela disse a si mesma que o melhor era evitá-lo, mas Giovanni de Verrazzano saiu em sua captura e, quanto mais recusava seus convites, mais ardente se tornava sua abordagem.

Se ela fosse mais velha e experiente, teria percebido que a recusa em sair com ele só estava aumentando sua determinação e admiração. Mas não estava fazendo aquilo como um joguinho. O fazia por medo de se magoar.

Por isso, quando ela já não podia mais recusar e concordou em almoçar com ele, num pequeno restaurante aromatizado de jasmim com vista para a cidade, Giovanni já a colocara num pedestal tão alto quanto o próprio Vesúvio.

Ele a arrebatou com uma arrogância magistral que a deixou tonta. No entanto, foi sua surpreendente ternura que a seduziu e alimentou o fogo de uma paixão que ela não sabia possuir. O respeito quase reverente que ele demonstrava por sua determinação em não cair em sua cama mostrava que Alexa podia relaxar.

Pela primeira vez na vida Giovanni ouvia uma mulher e falava com ela, e essa era uma experiência nova. Ela o fazia rir e ele demonstrava que um homem sexy e viril podia ter alma de poeta.

Ele se apaixonou, foi arrebatado, com a inocência de uma criança diante do ataque impetuoso desse sentimento poderoso. O homem cínico do mundo, que vira e fizera de tudo, estava vulnerável ao se tratar do coração.

Mas ninguém lhes falou sobre a brevidade do golpe difulmine, o trovão de amor que entrou estrondando em suas vidas da mesma forma que saiu. Ninguém teria acreditado neles, mesmo se tivesse tentado.

— Case comigo — disse ele, um dia.

O coração de Alexa se apertou, e quase a ensurdeceu de tão fortes que foram as batidas.

— Mas...

— Case comigo, Lex — disse ele, novamente, suavemente, com doçura, passando os lábios nos dela de uma forma que a fez querer desmaiar de prazer.

Talvez fosse loucura, mas em Giovanni Alexa viu seu futuro glorioso. Ele queria tomar conta dela. Seu lindo italiano à moda antiga, forte, parecia ser a resposta para algo que ela nem soubera estar procurando.

Então, eles se casaram, numa cerimônia que tinha a intenção de ser simples até que a mãe de Giovanni chegou de uma temporada em Monte Carlo, transformando tudo num espetáculo. Mas nada podia destruir o prazer quase inacreditável de Alexa com a súbita reviravolta que sua vida tinha tomado. Parecia um sonho, era um sonho, pensava ela, feliz, esquecendo que os sonhos não resistem à frieza da luz do dia.

E o dela desmoronou na própria noite de núpcias, quando Giovanni descobriu que sua noiva de cabelos claros não era nenhuma virgem. Ele ficou petrificado, olhando-a incrédulo, dizendo as palavras alguns instantes depois de estar dentro dela.

— Houve algum outro?

Foi uma pergunta feita para romper a bolha de sua paixão, embora, por um instante, Alexa não estivesse bem certa de ter ouvido corretamente. Mas ele repetiu, ou melhor, gritou, e o amor que faziam até o instante da consumação, no qual vira as mais incríveis fantasias se tornando realidade, subitamente murchou. Ficou horrendo. Vergonhoso. Giovanni aproximou o rosto, queimando-a com o olhar. Mas não parou o que estava fazendo. Continuou a se movimentar dentro dela, e a única brecha em sua armadura foi quando ele perdeu o controle e gritou seu nome.

Depois disso, ela ficou deitada nos travesseiros, sentindo como se ele tivesse arrancado um pedaço de seu coração e de sua alma, olhando o silêncio banhando pela lua, quando seu interrogatório furioso começou.

E a primeira noite da lua de mel foi apenas o começo, pois sua descoberta despertou a serpente do ciúme que estava adormecida até aquele instante. Cada movimento que ela fazia era vigiado. Cada uma de suas afirmações era analisada. Ela havia dormido com cinco homens. Não, dez. Ou era mais que isso? E com quantos estava dormindo agora, além dele? Ela tinha que dizer, pois ele precisava saber!

No entanto, ele estava determinado a lhe dar prazer, quase como se estivesse demonstrando um sexo de maestria. Como se quisesse mostrar a ela como podia ser bom. E, de algumas formas, era. Em seus braços, Alexa ficava ofegante de prazer, repetidamente. Mas a falta de sentimento e a

raiva no rosto de Giovanni a faziam se sentir vazia depois. Como uma praia, depois que a maré baixa.

Era um tipo de tortura lenta, e Alexa só suportou três meses de seu casamento mal fadado. Depois ela partiu, jurando jamais voltar a pisar naquele cenário sombrio. Mas ela nunca esqueceria das palavras raivosas de Giovanni ecoando em seus ouvidos.

— Pelo menos temos que dar Graças a Deus que você não esteja grávida, pois como saberíamos a identidade do pai ?

Sim, os fatos eram simples. O que estava por trás deles era o complexo. Ela era jovem demais para saber a diferença entre amor e cobiça, ou entre a proteção e a possessão. Ela deveria ter sabido algo sobre os homens italianos, particularmente os do sudeste da Itália, antes de se comprometer com o casamento.

— Você vai contar a ele? — perguntou Teri, com a voz preocupada, trazendo Alexa de volta ao presente. — Que ele tem um filho?

Alexa secou a última lágrima e sacudiu a cabeça.

— Eu não posso — disse ela, engolindo, desafiando-a. — Não posso correr esse risco.

CAPÍTULO DOIS

Depois que Teri deixou a loja, Alexa se empenhou para lidar com o lado prático. Ligou para a babá, que disse sim, claro que Paolo podia ficar para o chá.

— Vou buscá-lo por volta de sete e meia — disse Alexa, numa voz que subitamente parecia trêmula. — Você poderia... poderia dizer que mandei um beijo? — Ela ouvia a emoção tremulando em sua própria voz ao falar com a babá que respondeu que sim, e depois disse que os veria mais tarde.

Alexa largou o telefone. Seu filhinho lindo e orgulhoso não ficaria contente em ter sua rotina modificada, mas logo faria a babá atender todos os seus pedidos com um olhar de partir o coração.

O que Paolo diria se soubesse que seu pai estava na cidade? Ela mordeu o lábio de dor e culpa, mas não fazia sentido deixar sua mente divagar nessa direção. Ela já não havia passado por isso, repetidamente, e

decidido que essa era a única forma de dar a seu filho uma vida sem traumas?

Até a hora em que Alexa finalmente trancou a porta da loja, no fim do dia, ela estava uma pilha de nervos, e sabia que precisava se recompor. Não fazia sentido imaginar o que iria dizer ou como se portaria até saber o motivo pelo qual Giovanni subitamente surgira. E se ela chegasse ao pub aparentando nervosismo isso aumentaria as suas suspeitas.

Alexa tirou a roupa de trabalho e colocou um jeans, um suéter e uma jaqueta, e olhou sua imagem, sabendo que estava vestida de forma prática e inteligente, em vez de feminina. Mas as aparências tinham importância, principalmente para um homem como seu marido. Ele a julgaria pelo que estivesse vestindo e ela não se vestiria de modo desejável. Escovou os cabelos, colocou um pouco de batom e esfregou os dedos na bochecha para provocar um pouco de cor.

Ao menos a brisa fresca que vinha do mar a fez sentir viva, mesmo com o coração parecendo morto. Ela caminhou pela enseada, onde barquinhos boiavam na água, com seus mastros repletos de gaivotas em busca de comida.

Numa noite tão fria apenas algumas pessoas estavam por ali, e o local parecia tão desolado e tão inglês que, por um instante, Alexa mal pôde acreditar que seu marido pudesse estar ali sentado, esperando por ela, nessa cidadezinha. Seu território, pensou ela. Não o dele.

A campainha do pub soou e Alexa agarrou o casaco com força junto ao corpo ao abaixar a cabeça e entrar no bar, à procura de Giovanni.

Não foi difícil de achar. O pub estava razoavelmente calmo, com apenas alguns trabalhadores tomando um drinque antes de seguirem para casa, para sua rotina familiar noturna. Em comparação, Giovanni parecia profundamente exótico.

Na mesa à sua frente havia duas taças de vinho tinto e suas pernas longas e musculosas estavam esticadas, realçando o volume de sua virilha e acentuando sua masculinidade.

Alexa pensou em como sua pele parecia ainda mais morena sob a iluminação fraca, no entanto, tinha um tom dourado radiante que contrastava com seus cabelos fartos, negros como o carvão que aguardava para ser jogado ao fogo.

E ela subitamente se sentiu terrivelmente desejosa, como alguém, em pé na neve, que acaba de avistar um cobertor. Quanto tempo fazia desde que ela olhara para um homem e sentira algo que se aproximasse de desejo?

Desde a Itália, nada.

E ela jamais desejara alguém da forma como fora com Giovanni, Como poderia? Quem poderia acompanhar um padrão como o dele?

Bem, ela não pensaria sobre isso agora. Mantenha o foco. Descubra porque ele está aqui e mantenha as coisas simples. Com um sorriso nos lábios ela seguiu em direção a ele.

Os olhos de Giovanni se estreitaram ao vê-la e, novamente, aquela sensação alienígena e inesperada o assolou. Como era clara a sua pele, pensou ele, franzindo o rosto. E como ela sempre conseguia projetar sua imagem como se estivesse tão sozinha no mundo. Seria para que um homem a quisesse proteger? O franzido em seu rosto se acentuou. Pois esse era o jogo que ela fazia. O jogo de todas as mulheres bonitas e espertas. Sua própria mãe era mestra nisso. Alexa estava simplesmente capitalizando seus recursos, enfatizando sua estranha fragilidade e sua beleza pálida.

Forçando-se a se concentrar em seus lábios, em vez do balanço de seus quadris e da idéia de seus seios ocultos por baixo da jaqueta, ele foi surpreendido com uma fígada na virilha. Ele se levantou quando ela se aproximou, pois era sempre impecável, mesmo se o lampejo sombrio de seus olhos transmitissem tudo, menos cordialidade.

— Aqui estou — disse ela.

— Estou vendo.

Eles se encaravam como dois boxeadores no ringue, um tentando intimidar o outro psicologicamente.

Ele jamais a deixaria sair vestindo uma jaqueta à prova d'água daquelas, que agora tinha gotas da maresia cintilando. No entanto, o dilema de ter uma mulher como Alexa era, por um lado, querer que ela mostrasse aquele corpo magnífico, e, por outro, não gostar que nenhum outro homem o visse. Mas agora eles estavam separados, e nenhuma das normas habituais contava. Sua maneira de se vestir nada tinha a ver com ele, que só estava interessado em vê-la sem roupa alguma.

Os olhos dele varreram-na, observando seus cabelos gloriosos espalhados em mechas sobre os seios.

— Pelo menos você veio de cabelos soltos — observou ele, suavemente.

— Giovanni, nós não estamos aqui para...

— Para o quê, cara? — perguntou ele, inocentemente.

— Para... fazer afirmações pessoais como essa. — Para fazê-la se sentir como uma mulher de verdade pela primeira vez em anos e lembrá-la de sua habilidade como amante. Não estaria ela em perigo considerando isso como algo bom? Ela precisava se forçar a lembrar da realidade da noite de núpcias e seu desfecho amargo. — Não é apropriado — concluiu ela.

Giovanni ouviu um tom ligeiramente desesperado em sua voz e prendeu um sorriso. Isso era bom. O que diziam mesmo os ingleses? Ele estava dando em seus nervos. Da mesma forma que ela fizera com ele, com

joguinhos maliciosos para fisgá-lo, como as mulheres vinham tentando fazer desde que ele começara a se barbear.

— Sente-se — disse ele, estreitando os olhos diante de seu ar de autêntica hesitação.

— Eu não sei se devo.

Ele exibiu um sorriso de deboche. Será que ela realmente pensava que o deixaria falando sozinho uma segunda vez?

— Eu disse sente-se — repetiu ele, suavemente.

Pensando bem, ela não tinha certeza de que poderia sair andando novamente, mesmo que ele lhe dissesse para fazê-lo. Os sentimentos que haviam se apoderado dela desde que ele entrara na loja tinham seu preço e, com as pernas fracas, Alexa subitamente sentou num dos sofás de couro estofados, olhando ao redor, como faz uma mulher que encontra alguém que não conhece.

Às vezes, quando saía, ela se sentia paranóica, como se outros a estivessem olhando. Mas hoje realmente estavam. E não tinha nada a ver com a mulher vindo do trabalho, descabelada pelo vento. Tinha tudo a ver com o homem exótico ao seu lado. Ele estava recostado em sua poltrona como um espécime perigoso que precisa de uma placa de alerta ao seu lado.

Ele empurrou a taça de vinho na direção dela.

— Parece que isso lhe cairia bem.

Alexa pegou o drinque, mas nem tocou. Apenas o olhou direto nos olhos e se dispôs a não reagir a todos aqueles sinais potentes que ele estava emanando. Porém, o mais potente de tudo era a semelhança de partir o coração entre ele e Paolo. Os mesmos cílios negros cheios, as maçãs do rosto saltadas. Os mesmos cachos escuros. Ela espantou os pensamentos.

— Como você me achou? — perguntou ela, passando a ponta do dedo ao redor da taça, como se isso fosse aquecer a hostilidade congelante.

— Oh, encontrá-la foi simples, cara, bem mais fácil do que eu imaginava. — Ele sacudiu os ombros. Ficara surpreso por ela ainda estar ali, mas as mulheres sempre voltam ao lugar onde conhecem, não? Ela já havia morado lá, antes de ir para a Itália. Antes de sua mãe se mudar para o interior canadense, e antes que ele tolamente decidisse que Alexa precisava ser cuidada e tivesse se casado com ela. Ele contraiu a boca. — Eu tentei seu antigo número telefônico e ouvi a secretária eletrônica.

— E se não fosse assim?

Ele deu de ombros, mas seus olhos brilharam.

— Então, teria de contratar alguém para encontrá-la. Tudo é possível.

— Um... detetive?

— Algo assim.

— Mas não o fez? Quero dizer, arranjou um detetive? — perguntou ela, até ver o rosto dele e se dar conta de que falara demais. Subestimara sua

inteligência aguçadíssima. Ele certamente teria notado a forma como ela arregalara os olhos de medo e se perguntara o motivo. Portanto, era melhor começar a retroceder antes que fosse tarde demais.

— Qual é o problema, Alexa? Qualquer um pensaria que você tem algo a esconder de mim.

— Oh, não seja tão melodramático! — disse ela, astuta, porém se odiando por dentro pela mentira deslavada que saíra de seus lábios. — Apenas estou curiosa a respeito do que o trouxe aqui.

— Está? — Ele passou o dedo indicador no lábio inferior, pensativo. Claro que ela ficaria assustada. Que mulher não ficaria, em sua situação? Estaria olhando para ele agora e percebendo que engano estúpido havia cometido? Mas ela teria de viver com as consequências de sua estupidez, e esse não era o motivo pelo qual ele estava ali.

— Sim, é realmente uma história fascinante — concordou ele, mas, pela primeira vez na vida, as palavras não vieram facilmente. Não havia um ensaio para esse tipo de situação. Ele correu o dedo pela borda do cálice de vinho e percebeu que, apesar de separados, ele continuava a tratá-la como esposa. Simplesmente por se casarem eles haviam estabelecido um laço profundo que ele jamais tivera com nenhuma outra mulher, apesar do que acontecera depois. Por que outro motivo ele estaria prestes a confidenciar a ela uma história inacreditável que jamais dissera a nenhuma outra mulher? — Você se lembra de minha mãe? — perguntou ele, com a voz rouca.

Não era o que Alexa estava esperando e isso a pegou desprevenida.

— Sim, claro que me lembro dela — respondeu, lentamente. — Ela é uma figura bem difícil de esquecer. — Natala, sua mãe charmosíssima, com sua predileção por diamantes e aqueles vestidos colantes pretos de cetim, apertados como uma segunda pele. Até conhecer Natala, Alexa não sabia que mães podiam ter a aparência de estrelas de filmes. — Como vai ela? — perguntou, incerta quanto à etiqueta sobre perguntar por uma mulher que um dia se dirigira a ela como ordinária. E ela nem tem dinheiro, Gio!

Ele baixou os cílios, ocultando o tom sombrio de seus olhos.

— Ela faleceu, ano passado — disse.

Alexa resfolegou, esquecendo todo o restante, pois sua mãe era relativamente jovem.

— Oh, Giovanni, eu sinto muito — disse ela, instintivamente, parando a tempo, depois de se inclinar à frente para tocá-lo.

Os olhos de Giovanni se estreitaram e ela viu um tom breve de dor. Mas logo se foi, como o flash de uma câmera.

— Você veio até aqui só para me dizer isso? — perguntou, incerta. Os olhos negros exibiram um tom severo.

— Não, claro que não.

Houve uma pausa, enquanto ele parecia buscar as palavras certas. Era tão incomum ver Giovanni hesitar que a própria Alexa se sentiu contrair de apreensão.

— O que foi, então? — perguntou, nervosamente, pois minutos preciosos estavam se passando, e não era somente por ela querer estar de volta a tempo para buscar Paolo. Ela também queria se afastar da força sexual poderosa que seu marido exercia, se distanciar da tolice em seu coração que a fazia querer passar os braços ao redor dele e trazê-lo para perto, num gesto de carinho. Ele tamborilava seus dedos longos sobre a madeira polida da mesa.

— Depois que ela morreu eu estava vasculhando seus papéis e fiz uma descoberta.

— Que tipo de... descoberta?

Tenso, repassando os arquivos em sua mente, pela primeira vez, Giovanni pareceu ordená-los de forma coerente.

— Do tipo não bem vinda, que mostra que você passou quase toda a vida sob uma ilusão — disse ele, e sua voz ficou subitamente áspera,

— Que ilusão?

A voz dele ficou mais dura.

— Como você sabe, eu cresci acreditando que meu pai era um aristocrata espanhol, que se recusou a me reconhecer publicamente, apesar de se mostrar disposto a pagar generosamente pela minha criação e pelas jóias de minha mãe. Ela me disse que seu silêncio quanto à sua identidade garantiria seus bens para o resto da vida. E assim foi. — A expressão petrificada de seus olhos parecia combinar com o tom de suas palavras. — Ela também me levou a crer que ele havia morrido e eu não tinha motivo para não acreditar.

— Você quer dizer que ela estava mentindo?

Giovanni lançou um olhar de deboche.

— Por quê? Você sentiria afinidade com ela se fosse o caso? — perguntou ele, rispidamente.

— Não estou interessada em revolver isso, Giovanni — respondeu ela, baixinho. — O que está tentando dizer?

— Que meu pai não tem nada de espanhol e ele não está morto. Apesar de bem idoso, se aproximando ao fim da vida e...

— E? — disse ela, num sussurro.

— Eu sou filho de um — disse ele, finalmente atento aos próprios ouvidos, de tão bizarras que soavam as palavras. Ele podia ver sua própria reação nos olhos arregalados dela.

— O quê?

— Meu pai é um sheik. — Mas em meio ao torpor da irreabilidade surgiu um sentimento de intensa... satisfação. Era como se ele tivesse

encontrado uma pequena parte perdida dele mesmo, o que, de certa forma, foi exatamente o que aconteceu. — Mais especificamente, ele é o sheik Zahir, de Kharastan — acrescentou. Então, como se pretendesse diminuir o impacto de suas palavras, ergueu as sobrancelhas negras, interrogativo, como um professor universitário arguindo uma estudante. — Talvez você já tenha ouvido falar.

Por um instante, Alexa esqueceu a história dos dois, esqueceu seu próprio segredo obscuro e seu medo do homem com quem havia se casado, pois sua revelação estarrecedora apagou totalmente todos os outros pensamentos. Ela nem sequer parou para questionar. Giovanni não mentiria sobre algo assim. Por que o faria? Ele tinha a riqueza e o poder pelos quais a maioria dos homens anseia, e não mencionaria um sangue real a menos que fosse verdade. E isso não o tornaria um milhão de vezes mais atraente ao sexo oposto?, pensou ela, com uma ponta de saudosismo.

— Claro que já ouvi — respirou. — Os jornais não têm falado de outra coisa há semanas. Haverá um grande casamento real a ser realizado lá, em breve, não é?

Ela tentou se lembrar de mais coisas, mas havia dado mais atenção às fotos de um belo noivo e sua linda futura esposa quando estava no salão. Trabalhando em tempo integral, cuidando do filho e da casa, algumas coisas passavam despercebidas, e a leitura da seção internacional de notícias era uma delas. Alexa franziu o rosto.

— Mas eu achei que era o filho do sheik que estava se casando. E ele não é francês?

Giovanni esboçou um sorriso, pois, de certo modo, ela tornara as coisas mais fáceis para ele.

— Sim. Ele é. O nome do francês é Xavier — disse ele. — E como você diz, ele é filho do sheik. Também é meu meio-irmão.

— Você quer dizer que há mais de um filho? Eu... não entendo, Giovanni.

Ele próprio havia pensado exatamente a mesma coisa, quando os fatos inacreditáveis lhe foram apresentados por Malik, o assistente do sheik. De uma hora para a outra Giovanni deixou de ser um homem sem família para ter um pai e um meio-irmão.

— Embora tivesse sido casado por longo tempo, o sheik teve dois rebentos ilegítimos, que nasceram na Europa durante essa época. Xavier era um e eu era o outro — explicou ele, lentamente. — Nenhum de nós foi publicamente reconhecido por medo de ofender a esposa do sheik. Porém, após sua morte, era seu maior desejo se reconciliar com ambos os filhos e fazer com que eles se conhecessem. — O rosto de Giovanni era implacável. — E foi isso que aconteceu.

— Você quer dizer... você os conheceu?

Giovanni concordou, seus olhos negros brilhando, inquietos, buscando... quase desejosos. Como se o início dessa descoberta tivesse despertado em seu sangue um tipo de vontade de correr o mundo. Como um homem que, apesar de sua experiência mal fadada com Alexa, estava habituado a guardar seus sentimentos congelados, era algo estranhamente inquietante se sentir dessa forma.

— Sí — disse ele, com a voz agora rouca de uma paixão que ele não esperava sentir por nenhum outro país exceto a Itália, sua terra natal. — Eu os conheci. Voei até Kharastan. A um palácio mais azul que o céu mais brilhante de verão. A uma terra onde os falcões dominam o deserto e a fome espreita os incautos em cada esquina. E lá fui apresentado à minha... — Ele brincou com a palavra "família", como um gato brinca com um rato antes de atacar. Mas Giovanni não atacou. Seus lábios se franziram, pois o título íntimo parecia inapropriado para alguns homens que ele mal conhecera, apesar do laço de sangue que possuíam. — Conheci o sheik e Xavier — disse ele, cuidadosamente. — E a mulher com quem Xavier irá se casar. Eles querem que eu vá ao casamento.

Houve uma pausa enquanto Alexa tentava digerir os fatos inacreditáveis que ele dissera. Em quaisquer outras circunstâncias ela teria passado os braços ao redor de seu pescoço e dito que estava feliz por ele. Ou talvez tivesse mergulhado no fundo de sua mente e perguntado como ele se sentia sobre sua súbita descoberta quanto a ter uma família pronta.

Mas Alexa não podia se dar ao luxo de fazer nada disso, mesmo se o relacionamento deles tivesse permitido. Eles haviam se separado de forma amarga, com muita coisa que fora dita e não podia ser retirada. E havia muito em jogo para que ela arriscasse perguntar qualquer coisa além do horário de seu voo de volta à Itália.

— É uma história muito interessante — disse ela, cuidadosamente, pousando sua taça sobre a mesa. — Mas não compreendo porque você veio lá da Itália para me contar, se estamos...

— Se estamos o quê, Lex? — disse ele, prontamente. — Nem casados, nem divorciados?

— Estamos separados, distantes.

— Mas ainda legalmente unidos. Portanto, teoricamente, ainda somos uma família. Eu me pergunto por que será? Por que você não entrou com o pedido de divórcio, cara? — questionou ele, suavemente. — Algum advogado esperto lhe aconselhou a ganhar tempo, dizendo que il tempo viene per chi aspetta ?

— Quem espera sempre alcança. — Alexa traduziu lentamente, pois sua fluência do idioma estava enferrujada. Ela não praticava havia anos. Nem quisera. Só o som a levava a lugares muito dolorosos.

— Bravo, bella — ele aplaudiu, baixinho. — No entanto, mesmo em sua excelência, evitou responder à minha pergunta. Você foi aconselhada por um advogado sobre o divórcio? Acompanhando meus negócios de perto para dar o melhor bote financeiro?

Alexa sentiu a aceleração de seu pulso, chegando junto com o perigo desconhecido.

— Você é um cínico, Giovanni.

— Talvez a vida tenha me feito assim, e você ainda evita a minha pergunta.

Porque se ela respondesse, a história toda sobre Paolo sairia junto. No entanto, ela não podia evitar o divórcio eternamente, podia? De alguma forma imaginara que Giovanni entraria com o pedido de divórcio logo após a separação e tudo se resolveria sem a necessidade de envolvimento legal. Resguardada por advogados, ela estaria segura. Mas agora muito tempo se passara e isso causara novos problemas. Ela honestamente não conseguia ver um meio de sair da confusão que ajudara a criar.

Como ela poderia lhe contar a verdade quando estava tão confusa em sua mente e em seu coração, a ponto de nem ter mais certeza do que era real e o que não era?

E se você demonstrar qualquer fraqueza ele irá atacar.

— Eu não vi qualquer razão para pedir o divórcio.

— Nem sequer um acordo?

Alexa hesitou. Um acordo bem que a teria ajudado. Mas o orgulho a impediu. Ela escolhera a independência e a liberdade de seu ciúme obsessivo acima de tudo, de modo que, diante das circunstâncias, não poderia lhe pedir qualquer quantia. Se o fizesse, a verdade viria à tona e a chance de um acordo financeiro generoso era um preço alto demais para pagar, se isso significasse que Giovanni poderia lhe tirar Paolo.

— Talvez você queira continuar casada comigo? — Seus olhos negros brilhavam enquanto ele prosseguia com o interrogatório. — Quem sabe se arrependa que nossa separação tenha acontecido? Você se afastou pensando que haveria um milhão de outros por aí, como eu, e descobriu o quanto estava errada?

Alexa abriu a boca para questionar sua arrogância, para lembrá-lo sobre suas expectativas irreais quanto a ela, que jamais haviam sido satisfeitas. Porém, acusações e recriminações não eram somente fúteis, mas também potencialmente perigosas. Haveria algum resquício de verdade por trás delas? Apenas vá. Levante-se e vá embora.

— Não faz sentido fazer afirmações inflamadas, Giovanni. — Ela se curvou para pegar a bolsa soltando um suspiro, pois a provação estava quase terminada. Entretanto, havia uma pequena parte da psique feminina, e da sua, particularmente, que tornava a experiência terrível, uma pontada

arrasadora diante da idéia de que essa realmente poderia ser a última vez que ela o veria. E parte dela ansiava por fazer uma porção de perguntas sobre sua descoberta. Mas não é de sua conta, ela lembrou a si mesma. Ele não faz parte de sua vida.

Não faz?

A questão eminente dentro de sua cabeça a perturbava mais do que deveria, e Alexa pegou a alça da bolsa como se sua vida dependesse disso.

— Se isso é tudo que você queria dizer, então eu realmente preciso ir. Foi realmente... — Ela sacudiu os ombros sem ação. — Fascinante.

— Não seja absurda, Alexa — alertou ele. — Você não pode simplesmente levantar e sair.

— Posso fazer o que eu quiser — respondeu ela. Pois agora o pulsar de temor estava começando a invadir seu coração, até que lembrou a si mesma que nem mesmo Giovanni se atreveria a mantê-la ali à força. — Esse é o prazer de ser solteira!

Furiosa, ela deixara transparecer que não havia nenhum outro homem em cena, mas Giovanni não achou necessário se permitir um sorriso de satisfação. Mesmo se ela tivesse um amante ele logo seria despachado, pois quem, sobre a Terra, ganharia uma mulher em disputa com Giovanni de Verrazzano?

— Você ainda não ouviu a razão por eu ter vindo aqui hoje, Alexa. Certamente está um pouquinho curiosa.

Ela fingiu desinteresse, mas, subitamente, seus sentidos foram aguçados. Havia um leve ar de empolgação na voz dele. E também algo além. Algo que ela não sabia exatamente o que era.

Será que ele pediria o divórcio?, pensou ela. E, para seu espanto, ela sentiu uma pontada no coração, como se ele fosse uma moeda em queda livre do alto de um prédio. Era estranho como algo tão sensível e irrevogável, uma conclusão legal de um casamento há muito terminado, possuía a força para doer mesmo depois de tanto tempo.

— Está certo, estou curiosa. Diga-me. Ele sorriu.

— Eu quero que você me acompanhe a Kharastan. Eu a quero ao meu lado para o casamento de meu meio-irmão.

CAPÍTULO TRÊS

Alexa encarou Giovanni e seu coração agora batia muito rápido.

— Você quer o quê?! — disse ela, incrédula, como se tivesse ouvido mal, embora cada palavra dita de forma sedosa tivesse sido tão clara quanto

a expressão de prazer em seu rosto vidrado. Ele estava gostando daquilo, pensou ela.

— Pare de brincar para ganhar tempo, Alexa. É bem simples. Venha comigo para Kharastan — murmurou ele, com os olhos se estreitando de sarcasmo. — Você não pode ser tão indiferente a isso — disse ele. — Eu confesso que estou surpreso. Afinal, não é todo dia que uma mulher recebe um convite para um casamento real. A possibilidade não a seduz?

Ela imaginou que haveria mulheres radiantes com essa possibilidade de participar de um evento de alto status, independente do preço que tivessem de pagar por isso. Mas Alexa não era do tipo que se abalava ou seduzia por dinheiro, ou armadilhas. Não abandonara todas as suas peças de roupa e jóias para trás, em Nápoles, quando deixou o casamento?

— Você só pode estar fora de si! — disse ela, engasgando. — Dê-me um bom motivo para acompanhá-lo a qualquer lugar!

— Porque você é minha esposa.

— Só no papel.

— Isso é o bastante.

— Para mim, não é.

— Mas eu estou falando de minhas necessidades, cara, não das suas.

Alexa pegou a taça de vinho e conseguiu dar uma golada antes de pousá-la de volta à mesa. Ela sentiu a queimação até o estômago, mas ao menos isso lhe deu um pouco de coragem.

— Você não está fazendo qualquer sentido, Giovanni. E, mesmo que estivesse, a resposta seria igual. É não. Como poderia ser outra, diante das circunstâncias? — Ela podia ver aquele olhar petrificado que conhecia tão bem em seu rosto. — Deve haver mulheres que fariam fila ao redor do quarteirão para acompanhá-lo!

Ele ficou parado e quando falou, sua voz era fria como gelo.

— Você não se importaria? Não a incomoda pensar que eu poderia levar outra mulher?

Ela elevou o tom da voz.

— Por que deveria?

Então, ela tinha o coração calculista de uma mulher que podia simplesmente abandonar um casamento sem olhar para trás, sem qualquer arrependimento. Haveria alguma pequena parte enlouquecida nele que podia pensar que ela reagiria, que sequer se importasse?

O rosto de Giovanni foi tomado por uma ira que o fez querer machucá-la.

— Não a preocupa o fato de eu beijar outra? Nem de me imaginar bem fundo dentro dela, com suas pernas enlaçadas ao redor de minhas costas, até que ela grite de prazer?

Despreparada para essa provocação sexual, Alexa não esperava a onda de náusea que surgiu dentro dela. Ela recuou.

— Giovanni...

Ele franziu a boca, sem qualquer intenção de esconder a onda triunfante que o tomou.

— Claro que se importa! — ele tripudiou. — Você teria de ser feita de pedra para que isso não a afetasse.

E ninguém podia acusá-la disso. Seu corpo era quente e macio. E tremava violentamente sob seu toque, como se ele fosse um músico tocando um novo instrumento. Ela fora feliz em seguir quaisquer caminhos liderados por ele. Quando ela concordara, ruborizada, com sua sugestão severa de deixar para consumir o relacionamento após o casamento, ele sentira uma emoção como nenhuma outra.

Ele esperava pela inocência e Alexa o levou a crer que havia encontrado. Somente após a noite de núpcias Giovanni descobriu a farsa, e já era tarde para fazer qualquer coisa sobre sua traição. Exceto desprezá-la por tê-lo feito de tolo. E Giovanni jamais fora feito de tolo.

Algo dentro do coração dele morreu na noite do casamento. No entanto, em meio à dor e à raiva, Giovanni estava determinado a tomar o prazer que lhe era de direito e se deleitava em tirar de Alexa sua própria reação relutante. Ela sabia que Giovanni a desprezava pelo que fizera, mas não conseguia resistir a ele. Para ela, cada vez que explodia de prazer era uma espécie de derrota. Para ele, um tipo de vitória.

— Admita — disse ele, suavemente. — Você não gosta de me imaginar com outra mulher na cama!

Claro que ela não gostava. Isso a fazia se sentir profundamente enjoada. Ela engoliu o gosto amargo na garganta e torceu para que seu rosto não refletisse o turbilhão interior.

— Da mesma forma que não gosto de imaginá-lo na cama com outro homem — disse ela. Nada havia mudado, pensou Alexa. — Isso é ridículo — disse ela, com as mãos juntas, pousadas sobre a mesa, diante dele. — Estamos separados. Não nos víamos há quase cinco anos. Um de nós tem de entrar com o divórcio. Não é exatamente um relacionamento fácil, mas você surge do nada e me pede para acompanhá-lo a esse casamento? Não pode querer isso, honestamente, numa ocasião tão importante.

— Ah, mas é aí que você se engana — disse ele. — Eu quero muito isso. Na verdade, é você que quero. Só você.

Por um instante, Alexa pensou se seus ouvidos estariam lhe pregando uma peça, pois não eram essas exatas palavras que ela sonhara ouvir Giovanni dizendo? Vindo até ela com uma declaração arrependida e verdadeira, de que ele estivera errado em tratá-la como um objeto? Um bem? Alguém que ele vira como perfeita, mas não exatamente real? Uma

mulher que só podia ser julgada por seus padrões arcaicos? Que mulher no mundo suportaria isso?

Mas claro que ele não teria mudado. Homens como Giovanni se consideram sempre certos. Admitir o contrário iria contra cada átomo arrogante de sua carapaça de macho.

— Bem, você não pode ter a mim.

Ele cuidadosamente colocou a palma sobre as mãos dela, entrelaçadas, cobrindo-as inteiramente com sua pele morna e a sentiu despertar, viu os olhos verdes pistache assumirem um tom vidrado e seus lábios abrirem, num convite inconsciente.

— Não posso? — disse ele, suavemente.

Por um instante, Alexa se deixou ir até lá, até um lugar onde a sensação dominava tudo. O toque de sua mão fez seus dedos apertados relaxarem levemente, como se fossem gravetos de gelo sob o calor inesperado do sol de inverno. Um contato aparentemente tão inocente, no entanto, trouxe de volta todos aqueles sentimentos há muito reprimidos e proibidos. Pele com pele. A sensação de ser tocada, acariciada, induzida. Satisfeita.

— Por que você ia querer me levar para o casamento com você? — sussurrou ela.

Deliberadamente, ele ergueu a mão dela, deixando seu polegar circular, lentamente, em sua palma.

— Porque eu quero uma amante enquanto estiver lá, uma parceira sexual para a estadia — murmurou ele. — E será menos ofensivo para as sensibilidades de Kharastan se a mulher for minha esposa.

Houve uma pequena pausa de descrença.

— Uma parceira sexual para a estadia? — disse ela, por entre os dentes, como se ele pudesse, subitamente, voltar atrás e pedir desculpas, dizer que não estava pensando com clareza e não era o que queria dizer. Mas, é claro, ele não o fez. Seus olhos negros simplesmente reluziam de diversão e Alexa percebeu que ele estava, na verdade, gostando daquilo. — Você está fora de si?

Ela nem sequer notara que ele ainda estava segurando sua mão e chegara um pouquinho mais perto.

— Deixe-me ser honesto com você, Alexa, de uma forma como você nunca foi comigo. Nunca deveríamos ter nos casado, aceite isso. Mas ainda há muito sexo que não aconteceu entre nós. Eu sinto isso e você também. Posso ver, só de olhar para você, pela forma como você treme sob meu toque. Então, por que lutar contra isso? — Ele deu uma risadinha ao olhar abaixo, para os dedos dela, totalmente aconchegados aos dele. — Não imagino que você jamais receba outro convite como esse.

Puxando a mão, Alexa se levantou. Ela percebeu que não havia qualquer meio diplomático de fazer isso. Jamais houvera. Com Giovanni, não. Ele faria tudo até conseguir o que queria. Só que nesse caso, ele não conseguiria. E o quanto mais cedo soubesse disso, melhor.

— A resposta é não — disse ela, em tom baixo, lutando contra seu instinto de gritar, mas não queria atrair mais atenção para eles. — Acabou, Giovanni. Jamais deveria ter começado. Por favor, vamos deixar isso de lado. Já dissemos tudo o que havia a ser dito. Exceto, talvez, adeus.

Ela saiu do pub, caminhando de cabeça erguida e o rosto em brasa, feliz porque seu estilo de vida significava que nunca ia a lugares assim, nem seus clientes. Ao menos era improvável que ela fosse cruzar com alguém que perguntasse Quem era aquele homem lindo com quem a vi ontem à noite?

Mas, ao chegar do lado de fora, ela começou a correr como se sua vida dependesse disso. Arriscou uma olhada por cima do ombro, mas, Graças a Deus, oh Deus, Giovanni não a seguira.

Ela estava sem fôlego ao chegar à casa da babá de Paolo, mas ao menos começava a relaxar. Claro que ele não a seguiria. Podia querer uma "parceira sexual para a estadia", conforme sua escolha nojenta das palavras, mas não estaria desesperado a ponto de fazer um discurso em público para convencê-la a acompanhá-lo.

— Mama!

Paolo se atirou em seus braços no instante em que a pequena porta da frente se abriu e o coração de Alexa se apertou, como sempre acontecia, ao ver seu lindo e esperto filhinho. Mas sua felicidade foi interrompida por outras emoções desconfortáveis enquanto ela o ajudava a vestir seu casquinho.

Medo, sim. Culpa também.

Por que os olhos castanhos que a olhavam com tanta confiança eram tão parecidos com os de Giovanni? Será que o fato de vê-lo depois de cinco anos havia tornado as semelhanças tão aparentes? Ou seria o ligeiro revolver de sua consciência que a perturbava, uma consciência que ela conseguia pôr de lado, nos cantos de sua mente, durante a movimentação do dia a dia?

— Onde esteve, mama? — perguntou Paolo, com a mãozinha segurando firmemente a sua, enquanto seguiam pelo caminho estreito até sua pequena casa.

— Fui tomar um drinque após o trabalho, querido.

— Com quem?

— Com... — O que foi que ela disse? O que poderia dizer? Oh, com alguém que conheci há muito tempo. Na verdade, seu pai. Ela sentiu o rosto

queimando, vermelho e quente, mas não tinha certeza se era de culpa ou vergonha pelo segredo pesado que carregava. Não havia mais nada que você pudesse fazer, nenhuma outra alternativa. Se tentasse teria perdido seu único filho! — Olhe, já estamos quase em casa, querido. Vamos fazer chocolate quente quando chegarmos?

— Oh, sim, por favor, mama!

Alexa estava tão preocupada com seu turbilhão de pensamentos que, ao abrir a porta e acender a luz, não percebeu o vulto surgindo das sombras atrás deles antes de ser tarde demais.

Instintivamente, ela empurrou Paolo para dentro, mas isso também foi um erro, pois a criança ficou sob a luz, encarando, destemida, o homem cujo porte poderoso preenchia quase todo o espaço da porta.

— Quem é você? — perguntou seu filho, inocentemente.

Mas Giovanni estava encarando a criança com um ar de incredulidade, paralisado de espanto pela visão de si mesmo quando menino. Mas o choque lentamente o deixou, e ele olhou Alexa nos olhos.

Uma pergunta silenciosa foi feita e ela acenou a cabeça afirmando. Como poderia fazer outra coisa? Sim, seus olhos diziam. Ele é seu.

— Quantos anos tem o seu filhinho? — perguntou ele, com uma voz que, de alguma forma, permaneceu equilibrada. Apesar de no fundo saber a resposta, Giovanni era articulador demais para não querer juntar todos os fatos diante de si. E isso lhe dava tempo para pensar...

Houve uma pausa.

— Paolo tem quatro anos... e meio — disse ela.

Talvez ele não acreditasse nela. Por que deveria, se já lhe havia atirado todas aquelas acusações, com sua mente febril e ciumenta imaginando aquela lista de homens com quem ela supostamente já tivera intimidade? Mas cinco anos depois ele havia mudado percebeu Alexa. Talvez agora lhe fosse conveniente enxergar além de seus preconceitos, ou talvez ele não pudesse negar a evidência de seus próprios olhos, pois ela viu, no mesmo instante, que ele aceitou Paolo como seu.

Um breve instante de alegria que logo foi substituído por uma expressão bem mais sombria ao olhar para ela.

Se achara ter visto amargura naqueles olhos antes, agora sabia que nem chegara perto disso, e quase recuou ao ver a luz mordaz que recaía sobre ela, como um brilho sombrio.

— Você vai contar a ele? — perguntou Giovanni, suavemente. — Ou conto eu?

CAPÍTULO QUATRO

— Me contar o quê? — perguntou Paolo, exigente.

Alexa mordeu o lábio ao olhar para o filho, para seu lindo rostinho inocente, reconhecendo que, depois que lhe fosse contado, seu mundo jamais seria o mesmo. E isso não deveria ser feito com um pouquinho de prudência?

Ela olhou para Giovanni e seu olhar negro glacial a atravessou com um punhal, mas as recriminações que viriam em sua direção não eram importantes. Nada era, exceto Paolo. Deliberadamente, ela projetou um olhar de apelo.

Por favor, não o magoe, disse a mensagem silenciosa. Magoe a mim, mas não ele, pois nada dessa confusão é culpa dele.

Giovanni teria estreitado os olhos de forma quase imperceptível, balançado ligeiramente a cabeça em resposta, ou Alexa teria imaginado isso?

— Eu sou amigo de sua mãe — disse ele, baixinho.

— Eu não te conheço — disse Paolo, num tom de teimosia, e Alexa reconheceu que aquele homem estranho estava entrando no território do menino, ou ao menos era assim que Paolo estava interpretando. Giovanni seria sensível o bastante para ver também? Pensou ela.

— Eu nunca o vi antes. Você é namorado da mama? — perguntou ele, exigente, com um olhar suspeito.

— Por quê? A mamãe tem muitos namorados? — perguntou Giovanni, e lançou a Alexa um olhar de pura malícia.

Como ela poderia parar aquilo? Ele nunca acreditaria se ela tentasse explicar que na realidade nunca tivera um namorado, pois Giovanni tinha grande prazer em imaginar o pior sobre ela.

— Eu conheci Giovanni muito tempo atrás — disse Alexa, numa voz que soou exposta, aberta.

Os olhos negros novamente reluziram, com uma expressão de espere e verá.

Paolo sacudiu a cabeça vigorosamente, com os olhos escuros encarando o italiano.

— Você vai ficar?

Houve um silêncio tenso, até que Giovanni deu uma leve risada que pode ter convencido Paolo de ter encontrado algo interessante, mas não fez o mesmo com Alexa.

— Você terá de perguntar isso à sua mãe — disse ele, num tom suave que soou como uma ameaça.

— Olhe, nós precisamos fechar a porta, estamos deixando sair todo o calor — disse Alexa, desesperadamente, dizendo a si mesma que não poderia desabar. Simplesmente não poderia, não em frente ao filho. — Giovanni... — Desse vez havia um novo apelo em seu rosto, um pedido sutil e digno em sua voz. — Por que você não volta amanhã? Você poderia vir tomar um chá... você ia gostar disso, não ia, Pao...

— Não vou a lugar algum — disse Giovanni, baixinho. — Contanto que Paolo não se importe?

Totalmente fascinado por um homem de aparência tão empolgante e encantado por ser incluído na decisão de adultos, Paolo sacudiu a cabeça.

— Você sabe brincar de quê? — perguntou ele, puxando o sobretudo de Giovanni.

— Por que não tentamos alguma coisa? — foi a resposta.

Alexa ficou observando enquanto ele seguia Paolo rumo à sala de estar, com uma expressão que beirava a descrença, querendo se beliscar, dizer a si mesma que isso não estava acontecendo, nada disso, desde o instante em que ele entrou na loja, naquela tarde, deixando um rastro de devastação emocional. Não imaginava que não poderia haver nada tão ruim quanto um reaparecimento de Giovanni? O quanto se pode ser ingênuas? Pois isso era bem pior... Giovanni descobrir a verdade dessa forma.

Mas há uma razão para que você não tenha lhe contado!

Era imprescindível que ela não se esquecesse e se mantivesse forte, pois sua força era sua única defesa, e era preciso cada milímetro dela para proteger Paolo. Ignorando a hostilidade em seus olhos, que a perfurava, sempre que surgia uma oportunidade, durante o domínio doce e injusto de Paolo no jogo de dados Alexa ligou alguns abajures e foi acender a lareira. Somente quando havia uma chama viva ela se aventurou rumo à minúscula cozinha para fazer o chocolate prometido.

Ela nem podia imaginar o sofisticado e urbano Giovanni bebendo o chocolate com leite, mas incluiu uma caneca a mais e os homenzinhos de pão de gergelim que fizera com o filho, que já estavam no limite da sobrevivência mas ainda comíveis. E Paolo ficaria tão orgulhoso deles, pensou ela ao colocá-los na travessa, antes de desencostar da parede da cozinha, horrorizada.

No quê ela estava pensando?

Ela não estava pensando, esse era o problema. Por um instante havia mergulhado no tipo de reação de uma mãe servindo drinques a um convidado. Exibir o lado criativo de Paolo era uma coisa, mas isso era o limite.

No entanto ela não tinha a menor idéia do que aconteceria a seguir. Alexa não era burra, e tinha noção do homem com quem estava lidando. A

última coisa que Giovanni faria seria entrar num avião e desaparecer da vida deles.

E agora?

Ela precisava manter a calma, isso sim.

Ao entrar com a bandeja na sala de estar, o fogo já ia alto, e a sala estava toda iluminada e aquecida. A luz da lareira não era apenas misericordiosa; era acalentadora como a luz de velas. Estalava e dançava, criando todo tipo de ilusão, escondendo a realidade vil e horrenda da sala, envolvendo-a com suas chamas douradas. A mobília barata reluzia como antiguidade e não dava para notar o tapete gasto sob a luz fraca.

— Aqui estamos! — disse Alexa, com um sorriso tão largo que dava a impressão de que poderia partir seu rosto, sentindo estar representando uma farsa horrenda e cruel.

Dois rostos se voltaram para ela, com uma semelhança de partir o coração. Mas, enquanto os olhos de Giovanni cintilavam de aversão, os de Paolo eram repletos de amor e confiança.

Confiança.

Ele ainda confiaria nela depois que descobrisse o que agora parecia inevitável? Que ele tinha um pai. Por que ela nunca havia parado para pensar sobre isso?

Ao entregar as bebidas, que ninguém realmente queria, ela pôde ver que Paolo estava se esforçando desesperadamente para não bocejar. E, apesar de odiar ter que ficar sozinha com Giovanni, não podia mais adiar a hora de seu filho ir dormir. Se esforçando para ficar de pé, ela abriu os braços.

— Venha, meu bem, hora de ir para a cama! Mas Paolo não levantou para abraçá-la como costumava; em vez disso, pôs a mãozinha na dela, como um adulto, o que partiu seu coração, e se virou para olhar Giovanni.

— Você vai voltar? — perguntou ele.

Giovanni sacudiu a cabeça.

— Ah, sim — disse ele. — Eu voltarei. — Depois, suavizou a voz e a expressão com um empenho consciente, fascinando a criança com um sorriso aberto. — Da próxima vez eu posso lhe ensinar um jogo italiano?

Paolo concordou.

— Você é... italiano?

Houve uma pausa, uma fração de segundo, e Alexa teve que desviar o olhar da amargura do rosto de Giovanni.

— Si — disse ele. Agora não era hora nem lugar de explicar que ele também tinha sangue de Kharastan correndo em suas veias e que, portanto, Paolo também tinha. Pois esse era um assunto extenso demais para um menininho tão pequeno. — Eu sou italiano, e esse é o idioma mais bonito do mundo. Sua mãe nunca lhe ensinou um pouco?

— Mama não fala italiano!

— Ah, eu acho que você vai descobrir que ela fala, não é, Lex?

Os olhos de Alexa voltaram ao seu rosto, como limalha de ferro irresistivelmente atraída em direção a um magneto. Ela engoliu.

— Não mais... fiquei enferrujada.

— Que pena — murmurou ele, mas a trivialidade era revestida de aço.

— Toda criança deve falar mais de uma língua.

Alexa ignorou a ameaça sedosa entremeada em suas palavras. Tudo que tinha a fazer era colocar seu filho na cama, em segurança, sem a erupção de nenhuma cena terrível.

— V... venha, querido — murmurou ela, hesitante. Ela passou pela rotina de colocar Paolo na cama quase em piloto automático. Nada de tempo para o banho, nem escovar os dentes, ou pentear os cabelos, lavar o rosto e contar história, como sempre faziam, num ritmo calmo. Não é culpa dele que adultos imbecis tenham estragado suas vidas, pensou ela, puxando o edredon.

Mas, enquanto cobria seu corpinho de pijama azul com trenzinhos, ela foi arrebatada pela inocência sincera em seu rostinho. Teria Giovanni um dia olhado dessa forma para a mãe dele, como se ela pudesse responder qualquer pergunta que ele fizesse, ou resolver qualquer problema que tivesse?

— Eu gosto daquele homem — confidenciou Paolo, sonolento, se aconchegando sob as cobertas, cedendo a um bocejo.

— Boa noite, querido — disfarçou Alexa, imaginando por que sua culpa tinha uma sensação tão intensa e forte, como se alguém tivesse acabado de lhe atirar um balde cheio dela, deixando-a pingando. Eu fiz isso por você, Paolo, pensou ela, olhando os cílios encostando às bochechas de pele morena clara. Somente por você.

Será que ela havia torcido para que, ao terminar de dar o boa-noite, Giovanni tivesse partido? Fugido pela noite, como um sonho ruim?

Mas ele não fora a lugar algum. Estava de pé, com a lareira por trás dele, transformando-o numa silhueta ameaçadora. Ela não conseguia ver a expressão em seu rosto e nem precisava, porque raiva pura irradiava dele, vindo em ondas quase tão quentes quanto as do próprio fogo.

— Feche a porta — disse ele, baixinho.

— Paolo...

— Eu disse feche a porta — repetiu ele, contraindo a boca. — Apenas faça.

A mão de Alexa estava tremendo ao obedecer, e ela precisou de toda a coragem que possuía para se virar e encará-lo.

Giovanni a olhava, observando os olhos sombrios e a boca avermelhada tremendo.

Será que Alexa estaria esperando que, ao chegar lá embaixo, ele tivesse partido?

Seus olhos a perfuravam.

— Então, você ia me contar algum dia? — perguntou ele, numa voz perigosamente sedosa.

— Giovanni...

— Ia? — continuou ele. — Se ia, quando teria sido, eu me pergunto. Quando ele tivesse dezoito anos? Talvez quando se formasse? Ou teria sido quando ele se casasse? Eu seria o estraga prazeres, Alexa? O pai desconhecido que surge para amaldiçoar a mulher que lhe negou conhecer seu próprio filho todos esses anos? — Ele baixou o tom de voz e começou a andar na direção dela. — E se ele tivesse morrido...

— Pare! — ela gaguejou, pondo as mãos sobre os ouvidos.

— Se ele tivesse morrido — continuou ele, brutalmente, gostando de seu desespero, pois ela que se danasse, maledizional. Ela não se importara com o dele... Se ele pudesse feri-la com palavras, miraria a jugular! — E então? Eu jamais saberia, não é Alexa? Que meu filho teria nascido, vivido e morrido sem que eu jamais pusesse os olhos nele?

— Não! — gemeu ela, pois não importava o quanto ela tentasse impedir o som, suas palavras penetravam como um martelo persistente.

Ele brutalmente afastou suas mãos da cabeça.

— Como pode viver com você mesma? — continuou ele, sem remorso.

— Fiz isso por ele!

— Não, sua desgraçada mentirosa, você fez isso por você! Fez porque o queria só para si! — Ele a agarrou pelos cotovelos, prendendo-a. Alexa se retorcia como uma serpente encurralada num canto, tentando desesperadamente escapar. Mas Giovanni foi mais rápido que ela, seus sentidos estavam mais alerta. Subitamente ele a segurou com força, junto a seu corpo, e os olhos de Alexa se arregalaram de medo e uma sensação de reconhecimento desejoso terrível. Ele sacudiu a cabeça.

— Si — ele concordou severamente. — Você sente a minha rigidez? Sente o quanto meu corpo quer o seu, mesmo quando minha alma a despreza pelo que fez comigo e com meu filho? — E, com um gesto mais movido pela raiva do que pela frustração, ele baixou a boca até a dela.

Por um segundo ela se debateu, mas isso a fez se aproximar mais, e ela pôde sentir o calor rígido do corpo dele a buscá-la, colado à maciez do seu. Com uma pressão experiente ele abriu seus lábios e levou a língua ao interior de sua boca, num movimento violento que deveria tê-la feito silenciar, e não reagir querendo beijá-lo avidamente.

— Oh! — Perplexa, assombrada, e tão fogosa que se contorcia, ela sentiu a forma arrogante como ele levantou sua blusa, passando os dedos sobre o mamilo arrepiado de forma quase indecente junto à renda do sutiã,

enquanto sua outra mão apertava-lhe a nádega. Ela ouviu a si mesma gemendo junto a ele, sentiu os joelhos cedendo diante de um pensamento selvagem que lhe passou pela cabeça.

Será que isso a absolveria pelo que fizera? Se lhe desse isso, será que ele encontraria um pedacinho de seu coração para perdoá-la? Para ver as coisas pelo seu lado e tentar entender o terror de perder seu filho para um homem infinitamente mais poderoso do que uma jovem sozinha?

Giovanni sentiu sua rigidez ameaçando explodir, e a tentação de rasgar seu jeans e invadi-la ali mesmo, contra a parede, era esmagadora. Ele poderia silenciar seus gritos com beijos e sentir seu próprio poder de dominação ao levá-la ao clímax. E enquanto ela estremecesse em volta dele, encontraria seu próprio alívio reconfortante no prazer sexual temporário. Essa seria a única forma de banir os pensamentos sombrios que ameaçavam levá-lo à loucura?

Mas algo o deteve. E não foi pensar que seu filho poderia ouvir. Seu filho. As mãos de Giovanni se afastaram como se estivessem contaminadas.

— Donnaccia! — rangeu ele. Cravando as unhas nas palmas fechadas, ele recuou, parando quase ao arrancar sangue, e somente então sua acusação foi despejada sobre ela. — Desgraçada! Quantos homens você deixou que a tomassem contra a parede, dessa forma, enquanto meu filho dormia lá em cima, sem saber?

CAPÍTULO CINCO

Não foi o abuso de Giovanni que trouxe os sentidos de Alexa de volta. Afinal, o fato de chamá-la de desgraçada não era nada além do comum. E se ela não o quisesse pensando assim, não deveria ter se derretido em seus braços daquele jeito, não é? Não, foram aquelas duas pequenas palavras de profunda possessão que cortaram sua espinha de medo, como se alguém a tivesse ferido com um milhão de agulhas.

Meu filho, ele havia dito. E as palavras poderosas vieram salpicadas tanto de ameaça quanto de determinação.

O mundo de Alexa ameaçava a desmoronar e, se ela não fizesse algo logo, se não retomasse parte do controle, isso poderia muito bem acontecer, e seria tarde demais para fazer qualquer coisa a respeito.

— Afaste-se de mim — disse ela, buscando um pouco de ar.

— Você mudou subitamente de ideia? Não é um pouquinho tarde para isso? — disse ele, destruidor. — Porque eu poderia estar dentro de você, se não tivesse parado!

Seu desprezo era tão arrasador que Alexa se sentiu fraca até se forçar a pensar com clareza. Você não fez nada que ele também não tenha feito e você não é uma vítima, disse ela, a si mesma. E quanto mais rápido parar de agir como se fosse, melhor para todos, principalmente Paolo.

— Você não pode ver por que não quis lhe contar, Giovanni?

— Não, não posso — rosnou ele. — Nem em um milhão de anos!

— Ao longo de todo o nosso casamento você me acusou de dormir com dúzias de homens — disse ela, trêmula.

— Diante da evidência do que quase aconteceu, você pode me condenar? — disse ele, franzindo a boca com desdém. — Ou eu devo ficar lisonjeado por você estar esperando que eu voltasse à sua vida para excitá-la novamente?

Ela tentou imaginar o seu desprezo incrédulo, se dissesse sim, mas era um caminho insensato no qual não tinha intenção de ingressar. No entanto, ela precisava fazê-lo ver as coisas sob seu ponto de vista. Precisava. Alexa estabilizou sua respiração.

— Você se lembra da última coisa que me disse quando deixei Nápoles?

— Tchau? — disse ele, furioso.

— Você disse: Ao menos precisamos agradecer por você não estar grávida, pois como saberíamos a identidade do pai!

Houve um silêncio por um instante, enquanto ele a encarava, incrédulo.

— Você está me dizendo que usou uma afirmação que fiz quando estava com raiva como motivo para não me dizer que eu tinha um filho?

— Foi uma das minhas razões, sim.

— E as outras? — exigiu ele. — Talvez você queira me elucidar sobre o que a fez se sentir no direito de fazer o papel de Deus com a vida das outras pessoas.

— Você quer dizer como o seu ciúme inveterado? — devolveu ela. — As acusações ridículas que sempre atirava em mim? — continuou ela, firme. — O fato de você me considerar como a uma prostituta?

— Você deveria ter me contado que não era virgem!

— Eu não sabia que um hímen intacto era condição para o casamento. Ou quem sabe eu não estivesse vivendo num século diferente?

— Foi sua traição que iniciou a minha reação — interrompeu ele, gélido. — E hoje você provou, além de qualquer dúvida, que eu estava certo em não confiar em você.

Sacudindo a cabeça de frustração, Alexa pôde ver o grande abismo de comunicação que havia entre eles. Haviam voltado a cair no mesmo padrão de acusações e nada seria resolvido, não numa situação carregada de emoção como essa.

— Acho melhor nós dois nos acalmarmos um pouquinho, não acha? — perguntou ela, trêmula.

Nesse momento Giovanni podia tê-la pego pelos ombros e sacudido, exigindo que explicasse como se atrevia a falar com ele dessa forma, como uma professora encarregada do aluno travesso.

Ele deu a volta bruscamente, e caminhou até a janela, que exibia a noite estrelada, e tentou dissipar o bolo que se formara em sua garganta, ameaçando sufocá-lo. Seu filho. Seu filho.

Ele olhou o minúsculo jardim. Seu olhar lentamente encontrou um pequeno trator de plástico, que parecia irreal sob a luz prateada do luar, e o brinquedinho barato pareceu simbolizar tudo que ele havia perdido. Ou melhor, tudo que ela havia roubado dele. Ele não sabia quanto tempo ficou ali em pé, mas se virou somente quando achou que podia encará-la sem lançar-lhe injúrias.

Ela o observava, cuidadosamente, começando a perceber, lentamente, a dimensão de suas ações. Quis chorar, mas suas lágrimas não pareceriam um gesto de autopiedade de uma mulher que Giovanni sempre julgara danosamente e ainda continuava a fazê-lo?

— Eu sinto muito... — começou ela, mas ele a cortou com um gesto, lançando a mão drasticamente no ar, como se estivesse decapitando as palavras enquanto ela as dizia. E subitamente a direção que ela havia escolhido pareceu equivocada, e ela sentiu imenso arrependimento. — Talvez eu devesse ter lhe contado sobre Paolo. — Seus olhos buscavam pelo rosto dele, num apelo silencioso. — Eu não queria que as coisas terminassem assim, Giovanni, sinceramente.

— Oh, poupe-me de suas mentiras — rangeu ele. — Você não me disse e provavelmente não teria dito. Foi somente o acaso que me trouxe até aqui hoje!

— Mas eu te escrevi uma vez... quando estava... grávida. — Ela o viu olhá-la perplexo diante da palavra. — Você se lembra?

Os olhos dele se estreitaram. As lembranças eram sempre distorcidas. Ela havia escrito? Ou agora seria conveniente para ela imaginar que o teria feito? Mas não, ele se lembrava sim, de uma carta. Uma coisinha minúscula que ele recebeu quando ainda estava sofrendo e amaldiçoando sua própria estupidez e falta de bom-senso. Ela havia cogitado se eles poderiam ter um

encontro e ele xingara, amassando o papel barato e fazendo uma bola que arremessou no cesto de lixo.

— O bilhete atrevido? — perguntou ele. — Não havia menção à gravidez, havia?

Ela estava testando o terreno, querendo ver se estavam maduros o suficiente para serem civilizados um com o outro. E ela também estava sofrendo, com o despedaçar de seus sonhos e o coração saudosos pelo homem que amava. Seu silêncio parecera tão conclusivo que, para seus pensamentos embaralhados, aquilo parecia o melhor. Ele a queria fora de sua vida. Portanto, por que complicar mais as coisas?

— Não — admitiu ela, baixinho. — Mas você não respondeu.

— E por essa omissão fui punido ignorando a existência do meu filho?

— Giovanni...

— Não! Você não tem defesa contra minha acusação, pois não há defesa — disse ele, violentamente. Ele podia ver o lacrimejo em seus olhos verdes claros, mas endureceu o coração diante dele. — Por que fez isso, Alexa? Você realmente me odeia tanto assim?

Odiá-lo? Ela poderia cair em prantos dizendo o quanto ele estava errado. Ela o adorava com uma paixão que jamais sentira antes, nem depois.

— Não tanto quanto você parece me odiar.

Mas ele pareceu distraído, seus olhos se estreitaram, como se ele estivesse tentando manter os pensamentos acelerados.

— O passado é passado e não podemos trazê-lo de volta — disse ele.

— A questão é: o que vamos fazer a respeito?

Ela pôde ver a expressão calculista em seus olhos enquanto pensava numa lista de opções, e Alexa sentiu seu sangue correr gelido nas veias.

— Fazer a respeito?

Ele ouviu seu medo e subitamente foi tomado pela consciência de seu próprio poder. Teria ela pensado que estava no controle, podendo tomar todas as decisões e fazendo tudo a seu modo? Talvez, até agora, mas ela estava prestes a ter uma lição sobre a realidade.

— Você realmente acha que eu estou prestes a me afastar? — disse ele, suavemente.

Ela tentou se manter calma, mesmo com o tom implacável na voz dele e a expressão determinada em seu rosto, que a faziam começar a entrar em pânico.

— Não, claro que não, mas...

— Mas, o quê? — perguntou ele.

— Bem, não será fácil, não é? Se você quiser ver Paolo.

— Se eu quiser ver Paolo? — ecoou ele, perigosamente.

— Bem, sim, quero dizer, você mora na Itália e eu moro na Inglaterra. Teremos que consultar advogados quanto ao acesso, não? Fazer algum tipo de acordo.

Um nervo repuxou no rosto de Giovanni. Será que ela percebera que sua afirmação seca quanto a advogados havia focado a mente dele perfeitamente?, pensou ele. Que sua tentativa desinteressada acabara de selar o seu destino?

Seus olhos negros cintilaram.

— Você teve as coisas do seu jeito por muito tempo, cara, e isso está prestes a mudar.

— O que quer dizer? — Ela podia ouvir o medo na própria voz e, pelo triunfo nos olhos dele, notou que ele também ouvia.

— Eu quero levar meu filho a Kharastan para conhecer o avô — disse ele, secamente.

Alexa o encarou. Seu primeiro pensamento foi o de ter feito tudo errado e, por favor, não teria como voltar a fita? Mas o quanto voltaria atrás? Até o começo dessa tarde? Ou antes de ter tido seu bebê? Talvez ela voltasse até antes disso, para que nunca tivesse ido para a Itália nem o tivesse conhecido.

Ela podia ouvir o retumbar do próprio coração e sentir a secura da boca.

— Giovanni, por favor, não vamos ser precipitados.

— Precipitados? Você tem muita audácia! Você teve quase cinco anos e agora quer ganhar mais tempo? — Ele respirou fundo, gostando do súbito pânico que surgiu nos olhos dela. — Bem, eu sinto muito... isso não é uma opção. Já perdi o bastante e não pretendo perder nem mais um segundo. Vou levar Paolo comigo.

Giovanni percebeu que o assunto que dominara seus pensamentos até duas horas antes agora se desenrolara com repercussões diferentes.

Ele era filho e herdeiro de um sheik. Mas isso já não era mais uma informação isolada para que ele pudesse agir como bem quisesse. A descoberta de seu direito de nascença teria impacto em seu filho, ele percebeu.

Seu filho!

— Você não pode simplesmente arrancar uma criança de uma área rural inglesa e transportá-la para um lugar exótico do qual ela jamais sequer ouviu falar! — protestou ela.

— Eu quero levá-lo a Kharastan — repetiu ele, com teimosia. — Vou levá-lo.

Alexa podia ver que, a julgar pela expressão em seu rosto, ele realmente falava sério, e percebeu que teria de ser muito cautelosa.

— Ele não irá sem mim — disse ela, suavemente. Seu olhar em resposta poderia ter sido proferido em dez atos, mas ela forçou a si mesma a não recuar diante de sua intimidação.

— Então você deve vir também — disse ele.

Como ele originalmente pretendia e, por Deus, ela pagaria pelo que havia feito.

— E se eu recusar?

— Você não pode se recusar. — Ele franziu a boca. — Não tem escolha, Alexa. A menos que queira declarar uma guerra com nosso filho como espólio. Então, eu a aconselho a cooperar comigo.

— Com nosso filho como espólio? — ecoou ela. — Como um tipo de troféu? Se é assim que você o vê...

— Chega! — A voz dele cortou seu protesto como uma guilhotina. — Você vem fazendo papel de Deus por toda a vida dele... Mal pode me condenar se agora eu decidi fazer o mesmo. — Ele passou os dedos pelos cabelos fartos e escuros, seu sorriso largo repleto de triunfo. — O casamento é no começo da semana que vem. Nós voaremos juntos para lá.

Ela se sentiu tonta e amedrontada com sua escolha da palavra nós, pois aquilo soava quase como se fossem uma família de verdade, e nada podia estar mais longe disso. Como as palavras podiam pintar imagens tão falsas dentro de sua cabeça, pensou ela, conforme uma imensa onda de tristeza a oprimia.

— E quanto ao meu emprego? E o que vou dizer a Paolo?

Com uma hesitação incomum, Giovanni pensou nas possibilidades. Mas em nada acrescentava ao seu sucesso monumental sem saber que, às vezes, é necessário recuar. No momento, ele não era nada além de uma curiosidade pelo menino, e não tinha qualquer influência sobre ele. Ao menos por enquanto, embora isso fosse mudar em breve. Ele sentiu novamente um aperto no coração, e seus olhos brilharam sombrios, acusando-a.

— Isso é problema seu, cara, não meu.

CAPITULO SEIS

— Acorde, querido, acorde.

Os cachinhos negros se mexeram sob o toque da mão de Alexa. Paolo se virou com a mudança do som das turbinas, indicando que já começavam o procedimento de pouso em Kharastan.

— Ele já vai despertar — disse ela, vendo que Giovanni observava cada movimento seu, com os olhos negros pesando em tudo que fazia, como fizera durante as seis horas de vôo e mesmo antes disso. Ela sentia como se estivesse passando por uma avaliação difícil e silenciosa, como se tivesse seu comportamento de mãe examinado para ver se estava conforme os padrões. Não, Giovanni não mudou, pensou Alexa, decepcionada, mas você não vai deixar que ele a provoque.

Ele os buscara ao nascer do sol, em um carro preto com motorista que deixara todos os vizinhos fofocando antes mesmo de seguir rumo ao aeroporto. Lá, embarcaram num dos jatos particulares do sheik Zahir, que os aguardava.

Era a primeira vez que Paolo viajava num avião, e Alexa sinceramente torcia para que ele não fosse tomar esse vôo como exemplo para todos os que estariam por vir. Ela também não era uma passageira aérea experiente, mas essa aeronave da frota do sheik era algo fora da experiência da maioria das pessoas, incluindo ela. O exterior do avião era de uma brancura impressionante, estreito como um pássaro, enquanto o lado interno era só luxo, com madeiras reluzentes e acessórios em ouro puro.

Havia sofás baixos nos quais se podia dormir, uma área completa de refeição, com mesa e lustre, uma sala de estar com almofadas em seda e um banheiro que não deixaria nada a desejar a um hotel de luxo.

Parecia que tudo que eles quisessem podia ser providenciado, desde ovos cozidos até costeletas de cordeiro, mas Alexa perguntou se poderiam experimentar algo da cozinha típica de Kharastan. Imaginava ser uma boa idéia deixar Paolo se acostumar à comida local enquanto estava ligeiramente maravilhado com o luxo da aeronave.

Ela vira os olhos de Giovanni se estreitarem ao cruzar com os dela, e ele acenara com a cabeça, relutante, em resposta. Alexa não estava em busca de sua aprovação, mas não seria humana se não tivesse gostado.

Sim, Paolo havia adorado cada segundo do vôo, o que era muito mais do que se podia dizer sobre Alexa. Para ela a maior parte havia sido como andar na ponta dos pés sobre um campo minado de perguntas não feitas e assuntos proibidos, e ficara ainda pior quando Paolo resolvera se aconchegar em sua poltrona para dormir.

Ao menos enquanto ele estava acordado havia um certo grau de civilidade entre ela e Giovanni, em vez de uma tênue fricção disfarçada que se dissipava sob a superfície de emoções indesejadas. Era quase como se nenhum deles se atrevesse a abordar os assuntos mais difíceis. Como se, ao

fazê-lo, pudessem começar algo que fosse constrangê-los e assustar Paolo, ou dar motivo de estranheza à discreta tripulação.

O súbito rugir das turbinas disse a Giovanni que eles logo estariam descendo naquela terra estranha e bela, habitada por um povo forte e exótica de homens de olhos negros que ele talvez tivesse governado, caso o destino não houvesse decretado de outra forma.

— O que você disse a ele, Lex? — perguntou Giovanni, suavemente, observando o menino começar a despertar. Ele sentia uma onda cada vez mais familiar de admiração e deleite pelo fato de seu filho já crescido ter saído de seus genes.

Ela ouviu o tom possessivo em sua voz e, mais uma vez, isso causou preocupação. Até onde ele iria para ter o que queria?, pensou. E quanto ele desejaria de Paolo? E se ele resolvesse que o menino de quatro anos era um inconveniente e decidisse não ser um pai participativo?

No entanto, Alexa sabia em seu coração que isso era uma esperança vã. Bastava ver a expressão arrebatada no rosto do marido para entender isso. Era como se ele não se cansasse de olhar seu filho, demonstrando aquela sensação de novo caso de amor que todo pai tem.

— Então, o que você disse a Paolo sobre mim? — repetiu ele.

— Não mencionei você, especificamente. — Ela viu a expressão de fúria revolvendo, deixando seu rosto sério. — Ele sabe que estamos indo para Kharastan. Eu disse que vamos a um casamento muito especial, num palácio real. Com você.

— E o que ele disse?

— Ele perguntou quando íamos.

— Ele não perguntou por quê? — questionou, incrédulo.

Alexa balançou a cabeça.

— As crianças pensam de forma diferente dos adultos.

Foi a coisa errada a dizer.

— Eu não saberia, não é? — disse ele, zangado. Ele viu o rubor colorir o rosto dela e soube que esse tiro fora na mosca. — Então, como exatamente você irá explicar a ele? Ele precisa saber quem eu sou, Alexa, e nós precisamos concordar em algum tipo de estratégia para contar.

Ela sentiu o sangue gelar. Como as coisas mudavam rápido. 24 horas e ele se considerava no direito de ser incluído na tomada de decisão. Nós, disse ele, e só de ouvir aquilo sentia arrepios em sua espinha. Mas como poderia evitar?

— Ainda não — disse ela.

— Você está ganhando tempo.

— Estou pensando em Paolo.

— Não — ele contradisse, voraz. — Não está. Se estivesse pensando em Paolo, talvez tivesse parado para pensar em suas necessidades. E todas as crianças precisam de um pai!

— Mesmo se esse pai tivesse julgado uma mulher e a achasse desejável à maneira dos tempos medievais. — declarou ela. — Que põe uma mulher num pedestal tão alto que a única forma que ela tem de sair é fazê-lo desmoronar?

— Mas você se fez de inocente para me fisgar, não foi? — ele acusou, suavemente. — E eu fui tolo o bastante para cair, hipnotizado pelos cabelos ruivos alourados e esses olhos verdes que reluziam tão inocentemente.

— Eu não o iludi — disse ela, orgulhosamente. — Nunca disse que era virgem.

— No entanto sabia o quanto era importante para mim. — Teria sido o fato de ele ter crescido com o som de homens entrando escondidos à noite, quando a mãe trazia os amantes para casa, que o fizera dar um valor mais alto que a maioria dos italianos à questão da pureza? — Você me enganou!

— Não. — Alexa mordeu o lábio. — Eu era jovem e inexperiente demais para sequer sonhar em compactuar com tal invenção. — Apaixonada demais, e fascinada por esse homem...

— Então, por que não me disse, Lex?

— Porque nosso relacionamento tinha a ver com romance, ou pelo menos eu pensei que tivesse. Não esperava um colapso por causa de parceiros do passado, lembrando que tive apenas um!

Um nervo se contraiu no rosto dele. O tempo que passara com Alexa fora a única época em que ele se permitira acreditar no suposto conto de fadas.

— Romance, não — estourou ele. — Eu chamaria de fantasia. Você fingiu, Lex, você sabe disso!

— Você nunca perguntou! De alguma forma parecia... esquisito falar de algo tão clínico. Você me fez sentir como se eu fosse a única mulher com quem se importava. Eu pensei que quisesse prolongar a expectativa, a agonia gloriosa de nos fazer esperar — sussurrou ela. — Eu não imaginei que você teria dois pesos e duas medidas, que estaria tudo bem para você ter montes de amantes, mas que minha única experiência sexual daria início a uma série irracional de questionamentos. Ou eu era uma virgem, ou uma prostituta aos seus olhos, Giovanni, um estereótipo, não uma mulher de verdade.

— Uma mulher de verdade não teria mantido meu filho escondido de mim — disse ele, frio como uma rocha.

Alexa respirou fundo.

— Eu fiz o que pareceu o melhor na época. Estava errada. Sinto muito. Ele lançou um olhar frio.

— Você resolveu que agora é uma boa hora para se desculpar? — debochou ele. — Está ganhando algum tempo, é isso, Lex?

Oh, de quê adiantava? Alexa se recostou na poltrona, fechando os olhos, cansada, ao pensar nas noites em branco que passara desde que ele voltara à sua vida.

Agora ela ficava acordada durante as noites pensando seriamente na possibilidade de juntar alguns pertences e partir de Lymingham com Paolo, para longe de Giovanni e de todas as complicações que seu regresso havia trazido. Não fora a falta de coragem que a impedira, mas a absoluta consciência de que poderia ir até os confins da Terra e ele ainda assim a encontraria, agora que havia descoberto que tinha um filho. E outra coisa a impedira também. Algo que ela não esperava que fosse arrebatá-la com tanta força.

O fato de que já não podia negar a Paolo o que era legitimamente dele, um pai.

Mas como se conta a uma criança algo assim? Como se coloca em palavras que um menino de quatro anos entenda o fato de que ela jamais o mencionara antes de um jeito a não pintar Giovanni de forma negativa? Porque isso não seria justo com nenhum dos dois. E não seria outra razão por trás de sua relutância de não contar a Paolo o leve temor de que o filho pudesse se revoltar e ficar com raiva dela? No fim das contas, será que Giovanni estaria certo e ela estaria deixando que seus próprios interesses guiassem seu comportamento em detrimento ao filho?

— Você terá que lhe dizer algo logo! — A voz de Giovanni irrompeu em meio a seus pensamentos. — Pois outras pessoas já sabem.

Alexa abriu os olhos.

— O que quer dizer? Que pessoas?

— Eu disse a Malik, o assistente do sheik. Foi necessário dar alguma explicação — disse ele, sério. — Como eu poderia explicar que queria levar uma criança comigo? E o sheik Zahir já terá sabido a esta altura. E isso vai se espalhar, particularmente ao chegarmos. — Seus olhos negros brilhavam com a mágoa que ele escondia por irás da raiva. — Mesmo que eu não dissesse nada as pessoas não precisariam ser tão observadoras para fazer a ligação, dada a semelhança entre nós.

— Não, creio que não — disse ela, lentamente, com a cabeça cheia de pensamentos conflitantes. Semelhança era, talvez, a descrição errada. O mais preciso era dizer que eles eram o espelho um do outro, pois Paolo era uma versão em miniatura do pai.

Alexa observou o menino. Verdade, a pele de Paolo não tinha o tom tão escuro como a de seu pai, mas os cabelos negros e encaracolados e as belas feições eram iguais. E os olhos. Eram os olhos escuros e profundos que

mais se assemelhavam, oblíquos e inteligentes, emoldurados por vastos cílios negros que a maioria das mulheres pagaria uma fortuna para possuir.

Com sua aparência contrastante, pálida e dourada, Alexa não via um único traço físico que tivesse em comum com o filho, e isso a deixava com a sensação de ser uma intrusa. E agora ela temia que Panlo fosse alçar vôo rumo a uma vida gloriosa de palácios e sheiks, enquanto sua mãe, uma assistente de compras, ficaria cada vez mais apagada e distante.

— Então, o que vai dizer a ele? — exigiu Giovanni,

Alexa lançou um olhar passageiro a Paolo, que voltou a dormir num piscar de olhos, como as crianças fazem. Ela estava certa de que ele não podia ouvir, mas não se diz que a audição é o sentido mais aguçado de todos?

Ela pousou o indicador sobre os lábios, mas Giovanni sacudiu a cabeça.

Será que ela achava que poderia silenciá-lo por conta da proximidade da criança, evitando, assim, discutir os assuntos que precisavam ser abordados? Bela tentativa. Ele franziu a boca num sorriso severo.

— Se você não quer ser ouvida, então venha falar em particular. — Ele levantou e caminhou até o fim da cabine luxuosa, bem longe de onde o filho o poderia ouvir, e gesticulou para ela de forma arrogante.

Por um instante ela pensou em desafiá-lo. Mas quase no mesmo momento percebeu que seria total perda de tempo, pois Giovanni tinha todas as cartas. Eles estavam no avião do sheik, de quem ele era filho e convidado ilustre. Ela era meramente um meio para um fim.

Alexa tinha algo que ele queria, e o desejo inicial por uma parceira sexual havia sido superado por algo muito mais importante. Agora ele queria o filhinho deles. Com o coração apertado, ela percebeu que estava realmente encurralada, e isso nada tinha a ver com o espaço limitado da aeronave. Ela se sentiria da mesma forma depois que aterrissassem em Kharastan.

Mas, enquanto isso, tinha de considerar os sentimentos e o bem estar de seu filho, e a pergunta que Giovanni fizera era importante. Como iria contar a Paolo? Se pudesse, enterraria a cabeça na areia, rezando para que tudo desaparecesse. Mas não desapareceria, pois Giovanni não o permitiria, e mesmo ela reconhecia que isso seria errado.

Mas também reconhecia que a forma mais danosa seria soltar a notícia pouco antes de pousarem. Portanto, havia pouca escolha a não ser desafivelar o cinto e ir se juntar ao homem com quem havia se casado, tentando ignorar, sem sucesso, o fato de seu coração ainda se apertar sempre que o olhava.

Ele estava todo vestido de preto, num terno muito bem talhado para seu corpo esguio, enfatizando suas pernas longas e musculosas. A camisa

também era escura, e ele estava sem gravata. Sua aparência era sofisticada e perigosa, com uma leve sombra no maxilar, da barba por fazer, como símbolo potente de sua virilidade.

Ao se aproximar dele, sentiu o aroma da colônia pós-barba que ele sempre usava e, mesmo com o despertar de algo tão desejoso por dentro, Alexa se desesperou ao ver que poderia estar pensando em algo desse tipo numa hora tão conturbada.

— Então, o que vai dizer e quando pretende fazê-lo? — perguntou ele, suavemente. — Eu acho que o quanto antes será melhor.

— Com... — Alexa engoliu. — Com você presente, você quer dizer?

Ele a olhou com os olhos estreitos, e naquele instante sua raiva se tornou uma ira prestes a explodir como um champanhe dentro de uma garrafa que acabara de ser sacudida furiosamente.

— O que você achou? — esbaforiu ele. — Que eu deixaria que você convenientemente desse a ele a sua versão da "verdade" em segredo? Para me pintar como um monstro sombrio de seu passado?

— Eu nem sonharia em fazer algo assim! — defendeu-se ela, num sussurro.

— Não? E o que você disse a ele quanto ao fato de não ter um pai?

Ela já vinha esperando por essa pergunta e toda a sua dolorosa complexidade.

— Eu apenas disse a verdade. Que sua mãe se casou, mas, lamentavelmente, o casamento não deu certo. — Alexa encolheu os ombros num movimento rápido, pois sua afirmação casual não adiantou nada para esconder o profundo sentimento de fracasso que ela sentia quanto ao casamento desfeito.

— Mas que explicação perfeita — disse ele, sarcasticamente, — Ele nunca fez perguntas?

Alexa sacudiu a cabeça.

— Ele pareceu aceitar isso. Muitos de seus amigos têm pais divorciados...

— Ah, sim, claro! Mas em que mundo convenientemente descartável vivemos! — interrompeu ele, numa voz baixa e brutal. — Talvez a razão por ele não ter feito perguntas foi ver que você não queria falar a respeito. As crianças são muito boas em assimilar o humor dos adultos e agir de acordo.

Alexa abriu a boca para defender o que fizera, mas pensou melhor, e aquilo nada tinha a ver com temer a ira de Giovanni, mas uma súbita visão de sua origem. Pois, pela primeira vez, ela se dava conta de que negara a Paolo um pai da mesma forma que fizera o próprio pai de Giovanni. A dimensão daquilo a golpeou.

Ela sussurrou as palavras:

— Eu só agi da forma como podia, naquela época...

— E eu já lhe disse — ele a cortou violentamente — que não quero nem preciso de suas explicações. Não me venha toda penitente agora, Alexa, apenas para tornar a sua vida mais fácil!

— O que você teria dito? — perguntou ela, magoada.

Ele queria açoitá-la verbalmente. Mas a criança que dormia do outro lado da cabine o inibia.

— Que pena! Os homens raramente estão na posição privilegiada que as mulheres ocupam na vida de uma criança. Eles não podem sumir com o rebento e fazer a parceira evaporar da história!

Ela queria explicar, dizer a ele que estivera assustada, verdadeiramente amedrontada, por todos os seus ataques de fúria e sua possessividade. Mas se ela admitisse aquele medo agora, não estaria reconhecendo uma fraqueza ainda existente? E Giovanni certamente avançaria em cima dessa fraqueza, usando-a como trampolim para algum tipo de vingança pelo que ela fizera.

— Eu direi a ele no momento certo — prometeu ela.

— Você dirá a ele quando ele acordar.

— Isso é uma ordem?

— O que acha, cara mia? Que eu imploraria, ou esperaria à sua conveniência?

Os olhares se prenderam. O fogo ébano faiscava do dele, que parecia queimá-la até a alma. Mas Alexa sabia que tinha de ser forte ou Giovanni tentaria levar tudo. Muito tempo atrás ele já havia roubado seu coração, mas ela não o deixaria levar seu filho ou sua sanidade.

— Mama!

Alexa sorriu.

— O que foi, querido? Você dormiu bem?

— Já estamos perto? — perguntou Paolo, piscando os olhinhos e olhando ao redor.

— Estamos — disse Alexa. — Por que você não vem aqui e dá uma olhada pela janela?

Paolo pulou e veio até o lado dela.

— Olhe, mama! — Ele apontou, empolgado. — Olhe!

— São montanhas — disse Alexa, olhando abaixo, percebendo que estavam sobrevoando um lugar que ela só imaginara existir em revistas de viagem. — São montanhas nevadas.

— E veja, lá está o deserto — disse uma voz suave e profunda.

Alexa engoliu, pois Giovanni estava em pé, atrás deles, e ela podia sentir sua presença quase palpável. Sentia seu cheiro, seu aroma único de almíscar que entrava por suas narinas, preenchendo o ar com sua essência.

Não se diz que as mulheres são atraídas por homens fortes por um mecanismo sutil que acontece em nível subliminar? Seria isso o que teria

acontecido? Seu corpo teria assimilado todos os fatores que a fariam escolher o mais forte e viril de todos? Ela queria gritar com ele: por favor, fique longe de mim! No entanto, também queria que a pegasse nos braços. Que a puxasse para perto de seu calor rijo e a cobrisse de beijos. Beijos ardentes que não lhe permitiriam sequer a consciência para resistir.

— Está vendo, Paolo? — murmurou ele, debruçando mais perto. A julgar pela postura dela era certo que sentira sua presença. Estaria ela desconfortável com ele ali, tão próximo? Ela o queria? Bom!

A atenção do filho estava totalmente voltada para os prédios prateados e brancos, e Giovanni deliberadamente encostou seu corpo ao de Alexa. Será que ela sentia sua rigidez junto às suas nádegas? Ele ouviu uma golfada de ar quase imperceptível, sentiu o breve tremor de seu corpo esguio e soube, num momento triunfante que o recompensou pelo pulsar frustrado. Sim, ela o queria!

Afastando-se, ele ouviu um ligeiro suspiro, enquanto ela soltava o ar que estava prendendo, e ele inclinou a cabeça, junto à do filho.

— Você sabe por que estamos indo para Kharastan, Paoto? — perguntou ele, gentilmente.

— Porque há um casamento!

— Você sabe de quem é o casamento?

Paolo sacudiu os cachinhos escuros.

— Não.

— É o casamento de Xavier.

— Quem é Xa... Xa... Xavier? — hesitou Paolo.

— Ele é meu irmão. — Giovanni esticou a mão e acarinhou um punhado de cachos. Para espanto de Alexa, Paolo deixou. — Bem, ele é meu meio-irmão, nós temos o mesmo pai, mas mães diferentes.

— Duas garotas da minha sala têm isso!

Giovanni balançou a cabeça.

— Muita gente tem isso hoje em dia, mas eu só descobri que tinha um irmão bem recentemente.

Os olhos de Paolo se arregalaram ao olhar para cima, para Giovanni.

— Foi mesmo?

— Si — disse Giovanni, baixinho, e se agachou para ficar com os olhos ao mesmo nível do olhar do menino. Sentiu o coração apertar. — Às vezes, as famílias se complicam, por todo tipo de motivo.

Ele sorriu para o menininho e Alexa ficou perplexa com o brilho de afeição em seu sorriso. Aquilo doeu ao ser comparado com a forma como ele olhava para ela. Mas não tinha nada a ver com ela, lembrou a si mesma. Tinha a ver com Paolo e com a melhor forma de contar a ele e, se ela não agisse agora, Giovanni contaria.

— Paolo, o que Giovanni está tentando dizer é que...

— Eu sou o seu pai.

As palavras saíram e pareceram ecoar pelo espaço, e Alexa mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto do sangue. Ele havia contado, de qualquer maneira.

Fez-se um terrível silêncio, e Giovanni ficou assustado, quando deveria estar transbordando triunfo, ao ver a dor e a mágoa estampadas nos olhos verdes. Mas ela também o magoara, pensou ele, vorazmente. Magoara mais do que ele jamais pensara ser possível. Ela não tinha o direito exclusivo de causar dor.

Ele subitamente pôs essas reflexões de lado e olhou o rostinho de Paolo, torcendo para... não, na verdade, rezando para que dizer a verdade tivesse sido a melhor forma de lidar com aquilo.

Alexa também ficou esperando, sentindo-se como uma intrusa diante de uma conversa particular.

— Paolo? — indagou ela.

O filho olhou para ela, depois, ela viu uma expressão que jamais vira. Era uma mistura de emoções, de curiosidade e alívio, certamente um encanto, mas também uma expressão de reprovação e confusão.

— Mas mama não tem marido — protestou ele.

— Sim, eu tenho — disse ela, numa voz baixa, rezando para não gaguejar. — Giovanni é meu marido. Nós nos casamos...

— Num rompante? — Giovanni interrompeu, cruelmente.

— Muito tempo atrás — disse Alexa. — E nós meio que... perdemos o contato. — Ela esperou que Giovanni fosse contradizê-la, mas, para sua surpresa, ele não o fez. A expressão em seus olhos demonstrava que ele não a perdoara, mas não tinha intenção de fazer o filho sofrer porque o relacionamento deles era uma confusão.

Paolo parecia abençoadamente inconsciente da tensão ao seu redor, e às imensas implicações por trás do que ele não lhe contara. Os olhos dele pareciam dois discos voadores de chocolate ao encarar o homem alto, de rosto rude e moreno.

— Você é meu papai?

Havia um bolo imenso que se alojara na garganta de Giovanni, e tudo que ele conseguiu fazer foi balançar a cabeça, seus lábios apertados, tentando manter os sentimentos sob controle.

— Sim, sou — ele acabou dizendo. — Sou seu papá.

Alexa congelou, diante da visão do rosto lindo e incomum, com sua arrogância vacilando sob o peso dos sentimentos desconhecidos. Como uma espectadora diante de um filme, ela ficou olhando enquanto ele abria os braços e Paolo ia ao seu encontro, como alguém voltando para casa depois de uma longa ausência, e ela se perguntou o que viria depois.

Pelas coisas que ele dissera e o contentamento que brotara em sua voz, ela achava que Giovanni jamais encontraria algo em seu coração para perdoá-la.

A questão era: Paolo perdoaria?

CAPÍTULO SETE

O sol quente de Kharastan caiu sobre a cabeça de Alexa, e ela piscou ao ver a jovem vestindo um véu sobre os cabelos claros, entrelaçando os dedos como se estivesse em prece, curvando o dorso.

— Posso ter a honra de lhe dar as boas vindas ao Palácio Azul, Alexa? — disse ela, em voz baixa e suave. — Meu nome é Sorrel e eu cuidarei de você durante a sua estadia aqui.

Quando Alexa achava que já não haveria mais surpresas, ali estava outra. E talvez fosse bom ter algo em que pensar além das possíveis repercussões da descoberta de Paolo quanto à paternidade de Giovan-ni.

— Mas você é inglesa! — exclamou ela, surpresa, observando a loura.

Sorrel, que aparentava a mesma idade de Alexa, abriu um sorriso largo.

— Dá para notar? Não tenho nenhum sotaque de Kharastan?

Alexa sacudiu a cabeça.

— Não aos meus ouvidos — disse ela, olhando ao redor com um ar incerto, como se esperasse acordar daquele sonho louco a qualquer instante e se encontrar de volta em sua casinha alugada, em Lyrningham. Mas não. Ela estava ali, com uma residência incrível e mal fadada atrás de si, a maior de todas as casas em Kharastan.

Na chegada ao palácio, Paolo logo quis ir ao banheiro. Ele insistiu que Giovanni o levasse, não ela, e Alexa travou uma batalha interior antes de ceder graciosamente.

— É mais fácil assim — disse Sorrel, suavemente, conforme elas assistiam a um serviçal de robe de seda guiar Giovanni e seu filho pelas portas entalhadas. — Há áreas do palácio que não são permitidas às mulheres.

Alexa concordou, dizendo a si mesma que o comportamento do filho era compreensível dentro das circunstâncias, mesmo sendo essa uma convicção que não tinha, de fato.

Paolo acabara de descobrir o pai e queria aproveitar o máximo disso. Como uma criança a quem fora dado um novo e maravilhoso brinquedo, ele simplesmente queria brincar sem parar. E, se fosse levado em consideração que haviam acabado de chegar a um país exótico e profundamente diferente, no qual os homens pareciam dominantes, certamente podia entender por que seu filho queria parecer e agir como um dos homens.

Então, por que ela se sentia tão só e excluída? Como se estivesse à beira de um precipício que começava a ruir sob seus pés? Pois o equilíbrio do poder havia mudado, reconheceu ela, dolorosamente. E agora tudo pesava a favor de Giovanni e, oh, não é que ele assumira esse novo status de real como se fosse de nascença?

Uma frota de carros os recebeu no aeroporto quando chegaram à capital. Carros compridos, baixos, com janelas escuras e à prova de balas. De dentro deles surgiram homens de terno e olhares escuros que jamais cruzaram com o dela.

Eles receberam as boas vindas de um oficial que vestia robe marfim. Seu nome era Fariq e ele era secretário de Malik, o assistente de maior confiança do sheik. Ele se curvou para Giovanni.

— Akil Malik me incumbiu de dizer que está reunido com o sheik Khalim de Maraban antes do casamento real. Ele pede as mais profundas desculpas, e irá encontrá-lo mais tarde, no jantar.

Ao entrarem no carro, Alexa se voltou para Giovanni, franzindo o rosto.

— Todos o estão tratando como um membro da família real — disse ela, confusa.

Giovanni sacudiu os ombros, determinado a permanecer amistoso com ela, ao menos aparentemente, principalmente quando estivessem com Paolo. O menino não veria nem um instante de desarmonia se Giovanni pudesse evitar, nem saberia do quanto esteve próximo de jamais saber a identidade de seu pai. Isso havia sido por conta de Alexa, mas não haveria acusações a respeito. Que sentido faria se a criança adorava a mãe? Falar mal dela só transformaria Giovanni num mostro aos olhos do pequeno Paolo.

Não, ele faria Alexa pagar por sua decepção à sua própria maneira, e sabia exatamente como fazê-lo. A expectativa esquentou-lhe o sangue. Ele podia sentir o calor nas maçãs do rosto. Mas o olhar que ele lhe lançou não ia além de deboche, já que percebia seu desconforto pelo fato de não conseguir relaxar ao seu lado.

— Isso é porque eles me aceitaram como um membro da família real — disse ele, friamente.

— Tão rápido? — perguntou ela.

— Concluiu-se que esperar não serviria de nada — disse ele, conforme Paoio subia pelo seu joelho e o agarrava como um cachorrinho ávido. — Portanto, minha identidade como o segundo filho do sheik foi revelada nos últimos dias.

Mas o ar frio de Giovanni disfarçava sua própria perplexidade face às notícias que recebia pelos relatórios mandados diretamente por Malik. O povo de Kharastan, que adorava a família governante e todos à ela ligados, aceitara Giovanni imediatamente.

Independente das circunstâncias incomuns de seu nascimento, para dizer o mínimo, não havia diferença no entusiasmo da reação do país.

O jornal Kharastan Observer produzira um editorial celebrando o sangue novo que fora trazido por Xavier e, agora, por Giovanni. Qualquer filho de Zahir com sangue de Kharastan correndo em suas veias é sheik o suficiente para o povo desta terra. E, se dois herdeiros foram produzidos, nosso povo reconhecerá o valor de um verdadeiro bom negócio!

Havia sido planejado que Giovanni faria sua primeira aparição oficial na sacada após o casamento real. Seus lábios se contraíram, determinados, e ele estava totalmente decidido a segurar Paolo em seus braços!

Alexa ficou em silêncio durante o trajeto de carro até o palácio, sentindo como se estivesse começando um processo pensado para deixá-la na obscuridade. Paolo brincava nos joelhos de Giovanni, tagarelando alegremente conforme eles passavam por árvores floridas e o belo céu.

— Olhe os soldados! — gritou Paolo. — Eles têm armas!

Alexa lançou um olhar suplicante a Giovanni. Os olhos dele se estreitaram, mas ele tocou o braço de Paolo carinhosamente.

— Olhe aqui, em vez disso, murmurou ele. — Há um macaquinho tocando acordeão.

— Ooooooh!

— E você sabia que há encantadores de serpentes na praça principal da cidade?

— Serpentes de verdade?

Giovanni sacudiu a cabeça.

— Cobras negras e enormes.

— Posso vê-las?

— Claro que sim, e olhe, aqui estamos. Chegando ao palácio.

— Um palácio? — perguntou Paolo, que só os vira em seus livrinhos de histórias.

— Um palácio — concordou Giovanni, sério.—É onde mora o sheik, e logo você mesmo irá conhecê-lo. — Por cima da cabeça de Paolo, seus olhos

encontraram os de Alexa. A criança não fizera a ligação, mas teria ela feito? O sheik Zahir era seu avô. Paolo também tinha sangue real correndo em suas veias, e para o povo de Kharastan essa ligação seria mais valiosa do que o mais puro ouro.

— É aquele? — Paolo se empinou, empolgado.

— Certamente. — Ele sorriu.

Giovanni ficara hospedado no Palácio Azul durante sua última visita, mas dessa vez ele ficou perplexo, num tipo de torpor, como se a verdadeira suntuosidade da edificação só fosse evidente numa segunda contemplação. E, ao imaginá-la através dos olhos de uma criança, percebeu, com sério espanto, que não estava habituado a ver as coisas sob a perspectiva de outra pessoa.

— Oh, é lindo — Alexa olhava pela janela da limusine, e todas as suas tribulações se dissiparam momentaneamente com o impacto que o prédio causou em seus sentidos. — Absolutamente lindo.

Com todos os tons de azul que ela já vira e mais alguns, culminando numa cúpula que enchia os olhos.

A combinação dos azuis formava uma cor tão intensa que rivalizava com qualquer coisa feita pela natureza. Mas, em contraste, as flores cultivadas ali eram em tons de rosa, vermelho, roxo e creme, e um amarelo profundo, como gema de ovo. Ao saírem do carro, o aroma poderoso que exalavam impregnou seus sentidos, fazendo-a se sentir fraca.

Foi quando a loura chamada Sorrel surgiu das sombras do santuário do palácio para dar-lhes as boas vindas, aparentando tanto frescor em seu véu que Alexa quase pensou que fosse sua imaginação.

Alexa desejou estar vestindo aquilo, ou algo mais fresco do que as calças de linho que usava, mas ficaria constrangida demais vestindo algo tão característico no Aeroporto de Heathrow.

— Entrem, venham para o frescor da sombra — disse Sorrel. — Vocês parecem estar com calor.

— Eu estou com calor — confessou Alexa, E cansada, e desencantada, e aterrorizada de perder meu filho para um homem que um dia me disse que me amava, mas agora só me olha com ódio em seus olhos negros. Lambendo os lábios secos e se sentindo desorientada, Alexa olhou para a loura. — Como é que você fala inglês tão perfeitamente? — perguntou ela, numa voz que pareceu trêmula.

Uma ligeira ruga surgiu entre as sobrancelhas de Sorrel.

— Eu lhe direi tudo que quiser saber, mas você não está em condições de fazer ou responder perguntas no momento. Venha comigo e eu lhe conduzirei à sua suíte. Lá você poderá se banhar e trocar de roupa, vestindo algo mais adequado ao nosso clima.

— Mas eu estou esperando pelo meu filho — protestou Alexa.

— Seu filho ficará bem — Sorrel a acalmou. — Eu prometo. Um dos empregados irá trazê-lo até você. O melhor a fazer por ele é descansar um pouco. Você parece estar morta de cansada.

Será que Alexa podia confiar em Sorrel? Mais importante, será que poderia confiar em Giovanni tomando conta de Paolo? Estava se sentindo um pouco deslocada, mas sabia, com toda a certeza, que Paolo estaria seguro.

— Talvez esteja certa — disse ela, hesitante.

Sorrel a conduziu por uma série de corredores intermináveis de mármore. Alexa se sentia como se estivesse numa colmeia. Bem no centro do palácio havia o jardim mais belo que ela já vira.

Flores amarelas pendiam de árvores altas que faziam sombra, e flores brancas inundavam o ar com seu aroma. Os caminhos que dividiam o jardim rumo a inúmeros cômodos eram de ladrilhos azuis em mosaico e o leve som de um chafariz fez Alexa desejar dar um mergulho.

— Esses são seus aposentos — disse Sorrel, abrindo uma porta dupla.

Lá dentro havia um imenso salão, com tapetes de seda, e lindos móveis e um lustre que brilhava como um milhão de diamantes suspensos no teto.

— Há dois quartos e três banheiros — disse Sorrei, suavemente. — Talvez você queira se refrescar.

Havia uma pane de Alexa que estava além da contestação quanto ao que sua vida se tornara. Ela estava tão cansada física e emocionalmente que até mesmo colocar um pé diante do outro parecia um esforço monumental.

— Mas Paolo...

— Eu imagino que Xavier esteja a caminho para confraternizar com ele e Giovanni e levar a criança para um rápido passeio pelo palácio. Isso o ajudará a se situar. Portanto, você certamente terá tempo para se trocar. — Seu rosto suavizou. — Será melhor que Paolo veja sua mãe mais recomposta e com um sorriso no rosto.

Um sorriso? Seria possível sorrir de verdade se por dentro se sentia como se seu coração estivesse partindo?

— Olhe — disse Sorrei, conduzindo-a a um lindo espelho pendurado numa das paredes. — Olhe para você.

Alexa olhou e, se já não fosse branca como um véu de noiva, poderia ter passado a ser, pelo susto. Estava assustadora. Além de seus ombros desalinhados, seus olhos aparentavam cansaço e havia um risco escuro numa das bochechas, provavelmente por ter passado as costas da mão. E por que Giovanni não lhe dissera? Por querer que ela parecesse uma tola? A vendedorzinha que realmente era, deslocada no ambiente requintado do palácio?

Estaria ele torcendo para que ela causasse uma impressão tão ruim que o sheik e os outros membros de sua nova família a achassem inadequada para ser mãe de uma criança com sangue real?

Se Alexa havia considerado Giovanni poderoso o suficiente para tirá-lo o filho, não levaria em conta como seria ter todo o poder da família real de Kharastan contra ela.

Mas junto com seu medo veio uma onda renovada de determinação. Ela simplesmente jogaria conforme as regras dele? Deixaria que isso acontecesse? De jeito algum!

— Por que uma inglesa como você vive num lugar estranho e exótico como esse, Sorrel? — perguntou ela, baixinho, já que a amabilidade da outra despertara sua ternura.

— Meu pai foi o embaixador britânico aqui em Kharastan por muitos anos — disse Sorrel. — Passei todas as minhas férias aqui, e logo aprendi a língua e a amar o povo. — Seu belo rosto ficou enevado. — Meus pais morreram num acidente de avião sobre as montanhas de Maraban quando eu tinha dezesseis anos, e me tornei a filha de Malik, assistente do sheik, um homem muito importante que você irá conhecer mais tarde.

— Você não quis voltar a viver na Inglaterra? — perguntou Alexa, fascinada pela história que momentaneamente deixou suas tribulações em segundo plano.

Sorrel balançou a cabeça.

— Nem um pouco. Senti uma afinidade incrível por Kharastan — disse ela, sinceramente. — Talvez eu tenha adquirido isso dos meus pais, que me ensinaram muito da cultura e da história turbulenta daqui, e tive sorte o bastante para me tornar fluente no idioma, o que é raro para uma mulher ocidental. Sempre que ia à Inglaterra eu parecia contar os dias para voltar, então resolvi concluir meus estudos e universidade aqui. — Ela encolheu os ombros estreitos e deu um sorriso tímido. — E aqui estou eu.

— E qual é o seu papel aqui, agora? — perguntou Alexa, interessada.

— Ah, meu papel. — Sorrel deu um sorriso seco. — Trabalho para a embaixada britânica e vivo nas dependências do palácio. Não acho que exista uma definição para o meu papel aqui!

Alexa ponderou sobre o tom ligeiramente ríspido que pontuou a voz de Sorrel, mas disse a si mesma que não era de sua conta. Ela certamente já tinha o suficiente com que se preocupar. No entanto, as palavras dela haviam sido gentis e encorajadoras. Ela não pareceu se importar com o interesse de Alexa. Seria esperar demais em ter uma amizade entre ela e sua conterrânea? Talvez uma aliança?

— Giovanni, Paolo e eu ficaremos nessa suíte, juntos? — perguntou ela, baixinho.

— Sim. — Houve uma pausa quase imperceptível.

— Foi isso que Giovanni pediu. — O rosto de Sorrel estava impassível e ela sacudiu os ombros, sem ação.

Parecia significar não me culpe. Não me faça perguntas que eu não possa responder.

E Alexa entendeu perfeitamente. O gesto silencioso de Sorrel lhe dizia algo que ela já imaginara. Que Giovanni detinha todo o poder ali e seus desejos seriam imperativos. Não havia escolha para Alexa, a não ser concordar.

Mas isso não significava que ele pudesse tirar seu filho à força.

Se estivesse prestes a enfrentar uma luta pela custódia, então era bom que Giovanni soubesse que o amor de mãe move montanhas. No entanto, assim como um general não enfrenta a batalha fraco e desarrumado, também ela não poderia se embater com ninguém com aquela aparência.

— Posso tomar um banho rápido? — perguntou a Sorrel.

— Um banho rápido! — Sorrel riu. — Eu nunca mais ouvi ninguém dizer isso desde o colégio interno, na Inglaterra, há muitos anos! Claro que pode. Eu tomei a liberdade de lhe providenciar um.

E, apesar de seu estado disperso, Alexa não pôde deixar de exclamar em alto e bom tom quando Sorrel abriu a porta de um dos banheiros e ela viu a banheira margeada por ladrilhos em mosaico. A água era docemente aromatizada e havia pétalas de rosa boiando na superfície enfumaçada.

— Como algo das Noites da Arábia — disse Sorrel, sorrindo. — Acho que você vai gostar.

Gostar?

Depois que Sorrel saiu, Alexa tirou suas roupas amassadas e entrou nas águas perfumadas, dando um suspiro profundo de prazer. A banheira era tão funda que dava quase para flutuar e a sensação da água morna banhando seus membros era imensamente prazerosa. Podia ficar ali o dia todo... Mas não tinha o dia todo. Assim, lavou os cabelos e vestiu um robe felpudo, tentando não comparar isso a seu pequeno banheiro de casa, onde tinha de se contorcer como um avestruz para se secar e pendurava as meias de Paolo num varal, durante o inverno, para que secassem.

Sua mala fora feita e desfeita no quarto de vestir, e a roupa novinha em folha havia sido pendurada no guarda roupa para Alexa. Antes da viagem ela pesquisara no computador onde poderia adquirir trajes aceitáveis em Kharastan. Depois de deixar Paolo na babá, foi até o fabuloso bazar asiático realizado uma vez por mês em sua região sudeste da Inglaterra.

Por quase nada ela pudera comprar várias sedas de cores diferentes, que se aproximavam bastante das túnicas longas e esvoaçantes que as mulheres de Kharastan vestiam. Agora ela escolhera um delas e passava a mão no tecido leve e delicado, mal podendo esperar para colocá-lo.

Ao vesti-lo, o pano lhe beijou a pele, e naquele momento se sentiu quase indecente, e não a mãe solteira responsável com pinta de freira em que se transformara por necessidade. Isso não é real, disse ela a si mesma, desesperada. Nada disso é real.

Com uma última olhada no espelho, passou pela luz fraca da suíte e encontrou o filho.

Apertando os olhos diante da luz externa, viu Paolo sentado junto a uma mesa no terraço, bebendo um suco de canudo, ao lado de uma jovem Kharastani que era claramente uma babá.

Ao som dos passos de Alexa ele se virou, e seus olhos se iluminaram ao sair correndo de braços abertos, gritando de empolgação.

— Mama, mama! O jardim é muito maior do que o do parque perto de casa!

— É mesmo? Oh, Paolo. — Ela apertou os braços ao redor dele e fechou os olhos. — Como vai você, meu querido?

Ele se soltou do abraço da mãe.

— Eu vi o palácio, é enorme, e encontrei o tio Xá... Xavier, e tem uma caixa de brinquedos no meu quarto, e podemos comer sorbet.

— O que é sorbet?

— Ele quer dizer sorvete — disse uma voz em tom baixo, vinda de trás deles, e Alexa se virou para ver Giovanni surgindo da sombra do quarto.

— O coração dela quase parou, e depois acelerou como se tivesse acabado de aprender a bater. Ele parecia um predador sensual, e Alexa odiava o arrepio instintivo que ele provocava em sua pele, despertando todas as suas terminações nervosas, que automaticamente o reconheciam. Por ele ser o pai de seu filho. Seria esse o motivo de sentir esse laço quase tangível?

— Papá! — gritou Paolo, radiante, saindo de seus braços e correndo para Giovanni, se agarrando a ele com a confiança de um cachorrinho.

Papá? Pensou Alexa, enfraquecida. Já? Quando foi que isso aconteceu? Giovanni esticou a mão para remexer os cachos escuros e sorriu.

— Você bebeu bastante água? Porque está muito quente e porque...

— Água faz com que os leões fiquem fortes! — completou Paolo, entusiasmado, correndo de volta ao terraço como se tivesse morado no palácio a vida inteira.

A expressão incomum a surpreendeu e Alexa imaginou o que mais Giovanni teria ensinado num espaço de tempo tão curto. Que a Itália era bem mais quente e hospitaleira do que a Inglaterra? Ou teria Giovanni o instigado com sua fortuna, dizendo possuir uma piscina azul turquesa tão grande quanto a casa em que moravam? E mais, muito mais.

— Como você o influenciou rápido — disse ela. baixinho.

— Você pode me condenar? — A boca de Giovanni se franziu, exibindo um sorriso cruel. — Eu tenho quatro anos para recuperar.

Encare seus temores, disse ela a si mesma. De frente.

— Você está trabalhando para ter a guarda dele, Giovanni? É contra isso que estou lutando?

— Quem disse alguma coisa sobre lutar? — A visão dela, de banho tomado e perfumada, começou a ser registrada por seus sentidos. — Essa é a última coisa que passaria pela minha cabeça no momento — murmurou ele, com voz rouca, passando os olhos negros por ela, numa inspeção puramente sexual. — Como você está perfeita, cara.

Alexa inalou o ar, tentando obter oxigénio suficiente para não fazer algo imperdoável, como desmoronar no chão diante dele. Porque aquele olhar fora pura tentação. E porque sob o traje de seda ela se sentia curiosamente nua. Sentiu o súbito surgimento do desejo e ficou aterrorizada quanto a ele poder detectar o quanto ela o queria pelo perfume sutil do desejo sexual. Com os lábios secos, ela engoliu.

— Giovanni...

Ele ergueu as sobrancelhas negras arrogantes.

— O quê?

— Seu filho está no terraço — sussurrou ela, alarmada.

— E daí?

— Então pare de provocar. Ele pode nos ver.

— O que você acha que faz a maioria dos casais casados? — perguntou ele, suavemente. — Eles mandam mensagens silenciosas com os olhos, e sussurrara o que pretendem fazer quando o filho tiver ido dormir.

Aquilo foi tanto um alerta quanto um convite.

— Mas nós não somos casados. Não apropriadamente.

— Então, inapropriadamente. E talvez assim seja melhor. O casamento complica as coisas com sentimentos. Dessa forma ficamos livres de restrições. Podemos apenas desfrutar do sexo pelo que é. — Exatamente como o planejado a princípio, pensou ele. Passou a língua pelos lábios deliberadamente e a viu observar o movimento com imensa cobiça, que não foi capaz de esconder por mais que quisesse. — Quer que eu faça isso com você, cara mia?

— Não.

— Mentirosa.

Ele estava certo, maldito. Mas isso não queria dizer que ela daria o que ele queria.

— Por favor, não faça isso, Gio.

Ele sorriu. Mas foi um sorriso cruel, severo. Deixe-a se contorcer, implorar. Depois, mais tarde, deixe-a gritar seu nome num outro tipo de súplica.

— Não estou fazendo nada além de olhar para você.

Como ela poderia dizer a ele que a forma como a olhava era o suficiente para provocar uma porção de reações complexas, tanto física quanto psicologicamente? Que a chama de seu olhar de ébano a deixava derretida, de joelhos trêmulos? E seu coração estava doendo, como se ele o tivesse perfurado com um punhal, pois ela via a hostilidade que acompanhava o desejo.

Alexa abriu a boca para protestar, mas as palavras não vieram. Ela se sentia impotente como um recém-nascido. Ele tirou vantagem de sua fraqueza momentânea para pegá-la pela cintura e puxá-la para junto a seu corpo.

Foi um gesto arrogante de possessividade que ele havia demonstrado muitas vezes, com muitas mulheres, ao longo dos anos. Mas isso foi diferente. Junto aos cabelos dela, Giovanni fechou os olhos rapidamente, sentindo uma fraqueza incomum, por apenas um instante. Foi uma sensação diferente. Porque era posse? Seria por ela ser sua esposa e ter lhe dado um filho? No entanto, ela fugira, astutamente, construindo uma vida sem ele. Ela, que deveria ter sido tão próxima dele, estava a milhões de quilômetros de distância. Mas não por muito mais tempo.

Com os dedos, Giovanni ergueu-lhe o queixo para que seu rosto ficasse diretamente de frente para ele. Os olhos verdes claros estavam fracos, os lábios cheios tremiam diante de sua cáustica inspeção.

— Mas você está certa — concordou ele, com a voz rouca. — Não é a hora nem o local para amar. Nosso filho, como você lembrou, está no terraço, e eu tenho de ir encontrar Xavier.

Ele franziu a boca. Havia se considerado sozinho no mundo, mas agora parecia que tinha parentes. Já havia decidido reivindicar seus direitos por Paolo, mas que impacto nisso teria o meio-irmão? Será que seu status real traria alguma influência sobre sua vida? Ele se forçava a se concentrar no que podia controlar, mas, ao sentir a maciez da pele de Alexa sob seus dedos, subitamente sentiu uma fisgada faminta.

— Você já viu como foram feitas as arrumações para a hora de dormir?

— Receio que sim. — Virando a cabeça, ela se afastou de seu toque, de todas as mensagens de perigo que sentia na pele.

— Dividir uma cama será bem parecido com os velhos tempos, não, Alexa mia? — Seu sorriso foi de um deboche triunfante ao sentir que ela estava obviamente desconcertada, e ele gostou de vê-la lutando contra os sentimentos, tentando reprimir o próprio desejo. — Eu mal posso esperar.

— Bem, eu posso, e vou. — Ela respirou fundo, sabendo que isso tinha de ser dito. — Não importa o quanto você tramou ou planejou para nos colocar juntos na mesma cama. A proximidade não quer dizer nada, diante

de minha determinação. Você não me terá, Giovanni. Isso só complicaria as coisas — disse ela, suavemente, depois se virou e saiu.

Giovanni começou a rir baixinho ao vê-la caminhando rumo ao terraço, observando o movimento de seus quadris sob a seda do robe. Mas que negação sem sentido! Que desperdício de palavras!

Em breve ele a possuiria da forma mais elementar possível. Mas dessa vez usaria suas proezas de amante para uni-la a ele para sempre.

Quando estavam casados, as probabilidades eram bem menores. Seu orgulho havia sido ferido brutalmente e ela o deixara. Mas, no fim, tudo que ele perdera fora uma noiva mentirosa.

Mas com a descoberta de Paolo tudo havia mudado.

Alexa jamais teria permissão para fugir dele novamente. Porque o que ela possuía era muito valioso. Ela tinha algo que ele queria.

O filho deles.

E Giovanni jamais o perderia novamente.

CAPITULO OITO

Alexa se vestiu para o jantar com um frio na barriga. Que irônico que ela se encontrasse numa situação em que a maioria das mulheres acharia invejável, jantando num palácio real, e, no entanto, estivesse uma pilha de nervos por dentro.

Mas não era a etiqueta que a incomodava, o medo de não render a cortesia apropriada a alguém ou não usar o talher certo. Não, ela estava preocupada com Giovanni, o que ele estaria tramando por trás da máscara implacável e vidrada de seu rosto.

E estava preocupada com suas próprias emoções imprevisíveis. Uma coisa era continuar dizendo a si mesma que ele era o homem errado, mas aquilo não impedia que seu coração disparasse sempre que ele estivesse por perto. Ou o desejo estúpido e insensato de estar nos braços dele, com o olhar abrandando seus olhos negros, como fizera há tanto tempo. Mas precisava encarar a realidade: ele não estaria prestes a fazer isso novamente, estaria?

Ela se sentia como se estivesse num daqueles filmes de suspense psicológico, sabendo que ele estava usando a força para jogar com sua fraqueza. Com o fato de que uma atração sexual potente ainda ardia entre eles. Mesmo quando ainda estavam vivendo juntos, e ele a provocava e desprezava supostamente por conta de suas falhas morais, ele ainda sabia

exatamente como satisfazê-la. Mesmo quando a sexualidade que ele demonstrava era a um homem sem coração.

— Está pronta, cara mia?

Apenas o som daquele sotaque italiano era suficiente para causar arrepios em sua espinha. Alexa ergueu o olhar e viu Giovanni em pé, junto à porta do quarto de Paolo. Ela estava fechando o último botão da longa túnica de seda do filho. Ele a usava com calças combinando, tudo providenciado por Sorrel. Havia sido um tanto trabalhoso convencê-lo a vestir a roupa, até que Giovanni lhe assegurara que também usaria trajes tradicionais de Kharastan para a refeição noturna.

— Por quê? — Paolo queria saber.

— Porque é cortês — respondeu Giovanni, seriamente. — E também porque você certamente vai querer parecer um pequeno príncipe esta noite, não vai?

Somente aquilo já convenceu Paolo, e as preocupações de Alexa quanto a ele parecer um pequeno príncipe e isso lhe subir à cabeça foram instantaneamente esquecidas graças à visão do próprio Giovanni vestindo as roupas prometidas.

Ele estava usando um robe da mais fina seda que ela já vira. De um vermelho profundo, que o fazia parecer uma labareda em movimento. Um turbante dourado complementava o traje. Alexa imaginou que a maioria dos homens, talvez um pouco acima do peso, poderia correr o perigo de parecer ridículo. Mas a forma como o tecido caía sobre o corpo musculoso de Giovanni o fazia parecer um poço de masculinidade.

— Papá! — gritou Paolo. — Eu pareço um príncipe?

— Você parece um bravo guerreiro — disse Giovanni, solenemente.

— Pareço?

— Certamente que sim. Agora vamos, não podemos nos atrasar para o jantar.

Paolo saiu correndo e passou por ele, e Alexa não teve escolha a não ser ir atrás. Mas Giovanni não se mexeu. Apenas continuou na soleira da porta, como se fosse feito de aço. Ela podia sentir a pele arrepiada sob a roupa.

— Vamos — disse ele, desviando os olhos dos mamilos subitamente arrepiados que marcavam a seda do vestido. Se ele não tivesse a restrição das regras do palácio e o filho, certamente a estaria encostando à parede e tomando-a para si.

O banquete formal para chefes de Estado e autoridades visitantes havia sido na noite anterior, mas esse jantar antes do casamento era um evento familiar. Seria numa sala que Malik descrevera como "íntima", mas que era do tamanho de um salão de bailes, adornada com espelhos e pinturas inestimáveis.

A mesa era redonda, e havia sido posta com prataria e cristais nobres e potes de rosas aromáticas. Imensas velas brancas lançavam sombras intrigantes, enquanto figuras vestidas de robe entravam e saíam da sala carregando travessas que atendiam a todos os desejos dos convidados. Num canto havia um pequeno grupo de músicos que tocava instrumentos de formatos estranhos, produzindo um som peculiarmente memorável.

Eram sete, no total. Além de Alexa, Giovanni e Paolo, estavam sentados Malik com Sorrel e, ao lado, Xavier e Laura, sua noiva inglesa.

— Não costumamos comer assim, tão cedo — disse Malik, com os olhos ligeiramente sorridentes, olhando para Paolo, abaixo. — Mas muito poucas vezes temos a honra de convidados como o jovem Paolo.

— Mas eu posso ficar acordado até tarde! — se gabou Paolo, dando um imenso bocejo em seguida, o que fez todos rirem.

Ao pousar seu cálice de prata sobre a mesa, Giovanni olhou ao redor pensando no grupo distinto que formavam. E no fato de Malik parecer estar no papel de anfitrião da noite, apesar da presença do noivo real.

Os olhos de Giovanni se estreitaram de curiosidade. Talvez Malik tivesse assumido porque Xavier e sua noiva estavam num estágio de tanta paixão que mal conseguiam tirar os olhos um do outro.

Mesmo hoje, ao encontrar o meio-irmão e tentar reconstruir os retalhos do passado vendo se tinham algo em comum, Xavier parecera ávido em voltar para a mulher que no dia seguinte faria sua esposa.

Giovanni observava enquanto o francês a servia de água, tocava seus cabelos, quase maravilhado, e olhava sua linguagem corporal de uma forma que satisfaria o mais crítico dos psicólogos.

Sua boca exibiu um sorriso cínico. Será que algum dia ele teria se sentido assim quanto a Alexa? Ele tentou pensar no passado, mas suas lembranças foram povoadas com a amargura e uma súbita visão: o fato de que todos eles eram sujeitos aos caprichos de seus hormônios.

Amor era apenas uma palavra usada pela sociedade para regularizar um instinto bem mais básico, o imperativo da natureza em continuar a raça humana. O que Xavier e Laura estavam experimentando nesse momento era apenas um estado de consciência sexual mais aguçado, combinado com uma compatibilidade que podia ou não durar. Provavelmente não duraria, considerando as estatísticas. E os casamentos com misturas étnicas duravam menos ainda. Sua boca se contraiu implacavelmente ao olhar para o outro lado da mesa, vendo sua esposa enganadora. Bastava ver o que acontecera a ele e Alexa.

Será que ela sentiu seus olhos sobre si? Por isso olhou acima e seus olhares se encontraram? No entanto, por um instante ele se sentiu vítima dos truques que o tempo às vezes faz, se perdendo na suavidade do olhar verde, vendo uma tristeza que pesou em seu coração.

Ele a viu morder o lábio ao desviar o rosto, e o movimento fez seus seios maravilhosos se moverem sob o tecido da túnica, e ele teve de engolir sua frustração ao sentir a pressão de sua excitação. Como é que ela se atrevia a demonstrar estar tão triste e quase maltratada? Ela, que lhe negara seu próprio filho!

Sufocando sua raiva, ele se virou para falar com Malik, que parecia estar numa conversa um tanto desconfortável com a bela loura chamada Sorrel. Ela era protegida de Malik, e agia como se fosse parte da família.

— O sheik não vai nos acompanhar para o jantar? — perguntou Giovanni, suavemente.

Malik sacudiu a cabeça.

— Infelizmente, não. Ultimamente Sua Majestade Imperial se recolhe cedo, mas ele deseja encontrar com você e Paolo amanhã, antes do casamento. — Malik fez uma pausa. — E com sua esposa, é claro.

Giovanni ponderou aquilo por um momento, ouvindo a pergunta que não havia sido feita. Na verdade, ele não havia confirmado a Malik, ou a ninguém, que ele e Alexa estavam distantes há muito tempo, apesar de suspeitar que isso fosse abertamente sabido. Ele não era inocente a ponto de pensar que eles o teriam deixado ficar em aposentos reclusos no círculo real sem tê-lo investigado minuciosamente. Aliás, eles provavelmente sabiam tudo a seu respeito, até o número que calçava.

— Entendo.

— Você é um homem de poucas palavras — observou Malik, erguendo a sobrancelha escura. Giovanni sorriu. Ele aprovava um mundo onde o protocolo proibia a elaboração de perguntas diretas. Um mundo onde os sentimentos podiam ser enterrados e esquecidos de forma aceitável.

— Eu acredito em guardar minha opinião para mim mesmo — disse ele, baixinho.

Malik concordou.

— Estratégia sábia, pois essa é a maneira de agir em Kharastan, e particularmente a dos homens da realeza — observou ele. — Imagino que tenha achado suas acomodações adequadas. — acrescentou ele.

Giovanni sorriu e os olhos deles se encontraram. Perfeito! Uma pergunta educada sobre as acomodações que disfarçava a pergunta verdadeira, encoberta.

— Mais que adequadas — murmurou ele, e os olhos dos dois homens se cruzaram num instante de entendimento silencioso.

Alexa ouviu a conversa dos dois e ergueu a cabeça indignada quando Giovanni falou.

Mais que adequadas? O que diria o seletto grupo se ela subitamente dissesse: Não, não são adequadas. Na verdade, são exatamente o oposto?

Que ela havia sido colocada num quarto onde se esperava que fosse dividir uma cama com seu marido, e ela não sabia se conseguiria resistir a ele?

Mas ela sabia como se comportar num banquete real, ou melhor, como não se comportar, e seus generosos anfitriões jamais saberiam qualquer coisa sobre sua inquietação interior. Em vez disso, ela sorriu para Laura.

— Você está nervosa com o casamento?

Laura lançou um olhar a Xavier, mas ele estava ocupado contando uma história para Giovanni, sobre uma das famosas corridas de cavalo do sheik, e não prestava atenção a elas. Ela mordeu o lábio com uma empolgação quase palpável.

— Eu deveria estar nervosa— confidenciou ela, a Alexa. — Com praticamente todas as famílias reais do mundo sendo representadas, sem mencionar todos os políticos e astros de cinema, e o fato que vou ser fotografada sob todos os ângulos, estou aterrorizada, mas o fato é que... — A voz dela foi desaparecendo e seus olhos assumiram um ar sonhador. — Eu amo tanto Xavier que nada disso parece importar. Por mim, nós poderíamos estar descalços numa praia deserta!

— Fantástico! — exclamou Xavier, que claramente ouvira a última parte da frase. Ele lançou um olhar brincalhão para Alexa. — Estão chamando de casamento da década, mas agora eu percebo que, por Laura, nós poderíamos ter fugido para as Malvinas!

— Porque é com você que estou me casando! — disse Laura. — E você é a única coisa que importa.

— Sou mesmo, chérie?— perguntou ele, baixinho.

O amor deles era incandescente, e Alexa ficou contente pela felicidade radiante dos dois, mas era difícil não sentir uma ponta de inveja. Ela lembrou de seu próprio noivado, igualmente extasiante. Mas agora ela podia ver que todas aquelas expectativas e idealismos o fizeram parecer irreais, ao contrário de Xavier e Laura.

Giovanni se comportara com um cuidado quase exagerado por ela, e Alexa o deixara, sem fazer nada além de concordar com todos os seus desejos. Ela estava tão apaixonada e tão incrédula quanto ao fato de que ele se sentia da mesma forma que honestamente acreditava que podia caminhar sobre brasas e tingir os cabelos de verde se ele assim quisesse. Ou deixá-lo acreditar que era virgem? Questionou uma pequena voz interior, dolorosamente. Alexa estremeceu. Como é que algo tão desigual poderia ter durado?

Mas ela fez seu melhor para tirar uma reflexão tão fútil da cabeça. Se concentrou na experiência que provavelmente não repetiria depois da cerimônia real: jantar num palácio!

Foi servido um prato após o outro. Carnes e frutas, figos e doces, e um peixe imenso feito com passas, carregado por duas pessoas numa gigantesca travessa dourada.

Alexa achou que Paolo se comportou incrivelmente bem durante o banquete, com todos os adultos ao redor da mesa lhe dando atenção, com a qual ele se deleitava. Mas, ao pedir uma uva, ele disse, num tom um tanto imperioso:

— Mama! Você tem que descascar para mim! —E ela achou que era hora de dar-lhe um choque de realidade.

— Eu acho que você já comeu bastante, querido — disse ela, gentilmente. — E acho que está na hora de ir para a cama. Foi um longo dia.

— Eu não quero ir para a cama!

Alexa retraiu-se, achando que aquele raro momento de mau humor tinha demorado a acontecer, diante da quantidade de acontecimentos, mas isso não impediu que ela corasse de constrangimento ao se levantar, imaginando se Giovanni tentaria citar essa cena como exemplo de suas pobres habilidades maternas.

No entanto, ao olhar, Giovanni não exibia nenhum traço de recriminação no rosto, apesar de seus olhos negros se manterem enigmáticos.

— Quer que eu vá ajudar?

Uma pergunta tão simples. No entanto, teve o poder de tocar profundamente seu coração, pois era o tipo de coisa que um marido normal teria perguntado à esposa. O relacionamento deles não era normal, ela lembrava a si mesma, impetuosamente. Nunca havia sido e jamais seria. E Giovanni não era estúpido. Ao contrário. Sua observação só fora feita para mostrar ser atencioso, porque estavam na frente dos outros e ele sabia que todos estavam ouvindo, observando.

Até onde os outros saberiam a respeito da situação deles? O quanto ele lhes teria contado? Será que ele a teria pintado como a megera de coração de pedra, como costumavam ser suas acusações? Mas, se fosse o caso, Xavier e os outros não estavam demonstrando qualquer sinal de reprovação. Ao contrário, ela só vira demonstrações de consideração e cortesia por todos ali, e aquilo a deixou pensativa. Como ela adoraria fazer parte de um grupo como esse, apropriadamente, sentindo que se encaixava em algum lugar.

Os olhos negros de Giovanni ainda estavam sobre ela, interrogativos, mas Alexa sacudiu a cabeça.

— Não. Francamente, ficarei bem sozinha. Boa noite a todos.

— Você parece cansada — disse Laura, franzindo o rosto.

— E estou. Exausta. — admitiu Alexa.

Talvez Giovanni fosse notar a dica, pensou ela, com mais esperança do que convicção. Talvez ele ficasse até tarde conversando e bebendo com Xavier e Malik. E quando fosse para a cama iria encontrá-la dormindo profundamente, e a deixaria em paz.

Talvez.

Uma empregada surgiu para acompanhá-la pelos corredores frescos de mármore, de volta à suíte. No esforço para lidar com os pensamentos tumultuados em sua mente, ela tentava se concentrar nas pequenas coisas enquanto arrumava Paolo para a cama. O luar banhava o chão. O forte aroma de rosas vindo do jardim. O cheiro suave de jasmim que entrava com a brisa, por entre as cortinas abertas. Que lindo lugar, pensou ela, apertando a pasta de dente na escova de Paolo.

Ela acendeu alguns abajures. Paolo estava tão exausto que quase dormia quando ela puxou o lençol de algodão sobre ele. Nenhum de seus temores quanto a ele se intimidar com o novo ambiente se concretizou.

Será que parte dela não teria torcido para que ele ficasse ligeiramente inquieto, exigindo sua vigília maternal?

Carinhosamente, ela o olhava, vendo os dois arcos formados pelos cílios escuros junto à pele morena. Oh, Paolo, pensou ela.

— Boa noite, Mama — murmurou ele, sonolento.

— Boa noite, querido, durma bem. — Mas sua respiração já estava em ritmo suave e profundo.

E agora, o que ela deveria fazer?

Realmente não havia muita escolha. Ela não queria dormir com o marido, isso era certo. Perigoso demais, em muitos níveis. Mas tinha igualmente a certeza de que Giovanni nem sonharia em ficar num dos sofás da sala de estar, o que significava que ela teria de fazê-lo. Poderia ficar com a cama imensa só para ele e aproveitar bastante!

Ela se trocou rapidamente e vestiu uma camisola longa que Teri insistira em lhe dar para a viagem, junto com um sutiã e chinelos combinando.

— Roupas de dormir e lingerie jamais podem ser baratos — dissera sua chefe. E quando Alexa sacudiu a cabeça negando, ela acrescentou: — Aceite, Lex... encare como um bônus por ser uma funcionária tão boa.

Não há uma parte de toda mulher que adora o luxo? Não foi preciso perguntar duas vezes a Alexa. Com duas camadas de tecido de renda creme, a camisola parecia o céu. Ao menos ia até o chão, dando um ar sério. Portanto, se ela precisasse levantar no meio da noite, pelo menos Giovanni não poderia acusá-la de provocação.

Ela escovou os cabelos longos que caíam como uma cascata dourada em suas costas, pegou um travesseiro na cama de quatro pilares, deitou num dos sofás e rezou para adormecer logo.

Lá fora, ela podia ouvir o canto de algum pássaro no jardim do palácio. Seria o equivalente a uma coruja Kharastani?, pensou ela, sonolenta. O luar entrava pelas frestas das cortinas, abrandando a escuridão com listras prateadas. O sofá era macio, mas apenas um travesseiro não era adequado. Porém, talvez o redemoinho emocional dos últimos dias tivesse sido o suficiente para exauri-la completamente, pois, quase incrédula, Alexa logo se sentiu mergulhando na escuridão do sono.

Mas se ela dormiu, não teve qualquer lembrança disso. Pareceu que, assim que fechou os olhos, foi surpreendida por um ruído no quarto e suas pálpebras se abriram.

Qual de seus sentidos foi despertado primeiro?

Teria sido a presença dele que ela sentira, ou teria ouvido o som de sua respiração?

Ou seria o reajuste gradual de seus olhos à luz que começava a registrar na consciência? Giovanni estava em pé, ao lado do sofá, com um lindo abajur prateado nas mãos.

Por um instante ela pensou estar sonhando, já que seus olhos fizeram a conexão visual antes que seu cérebro tivesse tempo de decifrar todas as implicações da presença dele. Ele estava sem camisa e tinha um pano amarrado na cintura, com fios dourados que reluzia sob a luz do abajur. Dissera ao filho que ele parecia um rei guerreiro, mas, naquele momento, era ele quem parecia um rei.

Quase em câmara lenta, ela o viu largar o abajur e desamarrar o nó na cintura, deixando o pano cair com um suspiro profundo.

Subitamente, ele estava nu.

Ali estava ele, bronzeado e altivo, sem qualquer vergonha de sua nudez. E quem poderia condená-lo? A luz enfatizava seus membros longos, o peito largo, a barriga lisa. Ele realmente era o exemplo mais perfeito de espécime masculino, pensou ela, com uma sensação de desejo ávido.

Involuntariamente, porém, de forma irresistível, os olhos dela percorreram seu corpo até a bifurcação de sua masculinidade. Em meio à floresta de pelos escuros estava a alusão de sua virilidade. Alexa sentiu seus lábios secarem, sabendo que deveria estar amedrontada pelo súbito desejo que a atingira na garganta e no coração. Estaria ela sonhando?

— Giovanni — ela engoliu em seco.

Cuidadosamente, ele se sentou na beirada do sofá, perto o suficiente para que o calor de seu corpo irradiasse até ela, mas não perto a ponto de ameaçá-la. Sob a luz suave, ela estava recostada, de olhos vidrados e rosto pálido e confuso. Mas foram seus cabelos que o cativaram. Os fios sedosos de ruivo dourado espalhados sobre o travesseiro. Isso e a abertura de seus lábios, num convite inconsciente.

— Você estava dormindo — disse ele, com um bolo súbito se formando em sua garganta.

O que seria? A maciez da voz dele que a acalentava, ou o aumento da avidez que ameaçava calar todas as suas objeções?

— Eu sinto como se ainda estivesse — disse ela, com parte dela desejando que ele destruísse essa maldição sobre eles. Para que fosse seguro rejeitá-lo. Para querer rejeitá-lo.

— Por que você está aqui, Lex? — murmurou ele. — Sozinha, nesse sofá duro e impiedoso?

— Você sabe... você sabe por quê — disse ela, se odiando por sua hesitação, a incerteza torturante de sua reação e a avidez em tê-lo tocando-a apesar de cada célula de seu corpo dizer que seria errado.

— Não, não sei.

— Giovanni...

— O que foi?

— Eu...

— Bella — murmurou ele — Bella mia.

Suas palavras eram persuasivas, lisonjeiras, pareciam rogar por todo tipo de autoconfiança. Mas ela não se atreveu a começar a falar, por medo de deixar escapar o quanto ele era lindo. E o quanto ela sentira saudade de ver seu corpo nu e moreno dessa forma. Como a ausência de intimidade do casamento poderia deixá-lo desolado, mesmo se esse casamento não fosse um mar de rosas.

Ele pensou se ela saberia que seus mamilos despontavam no tecido da camisola. Que a seda macia colava às suas coxas, aderindo à barriga lisa, descendo pela curva dos quadris. Será que alguma mulher o teria provocado e decepcionado tanto quanto Alexa?

Dio, mas ele a queria!

Esticando o braço, ele pôs a ponta do dedo sob seu queixo, num movimento lento, provocante, controlando sua avidez com uma sedução cuidadosa e não ameaçadora.

— Você está tensa — murmurou ele, deslizando o polegar até a curva de seu maxilar. — Relaxe.

Relaxar? Quando seu toque começava a embaralhar seus sentidos? Quanto tempo fazia que um homem não lhe acariciava no meio da noite dessa forma?

Ela lembrava das noites em claro com as febres de Paolo. Secando sua testa molhada, morta de temor e pânico, até que a crise tivesse passado e a manhã despontasse.

Também lembrava da época em que não tinha emprego fixo, antes de Teri abrir a loja na vila, e a preocupação quanto a sustentar os dois sem ter de pedir auxílio ao Governo. Sua mãe estava morando tão longe que mais

parecia estar em outro planeta, e deixara bem claro o fato de achar Alexa uma tola por acabar sendo mãe solteira sem pensão. Não havia ninguém para pedir nada, nem compartilhar seu desgosto crescente. Durante essa época, Alexa aprendera o significado de estar completamente só.

Será que a péssima qualidade de sua vida desde que conhecera Giovanni explicava o motivo de estar ali deitada, agora, tão condescendente quanto um gato acariciado por seu dono?

Alexa inclinou a cabeça para trás, e o protesto pareceu sair de seus lábios de forma relutante:

— Pare, Gio, por favor.

Mas seria melhor se não tivesse dito nada, pois ele não deu atenção às palavras nem a soltou. Apenas continuou acariciando seu corpo, como se tivesse todo o tempo do mundo.

E como podia um toque tão inócuo como aquele invocar um feitiço tão poderoso, enviando mensagens sussurrantes de desejo por toda a sua pele? Alexa podia sentir a súbita aceleração de seu coração, o rubor quente em seu rosto, enquanto ele arrogantemente movia a mão para segurar seu seio. Ela o observava, mesmo quando o mamilo se enrijeceu sob seus dedos.

— Você me quer — sussurrou ele. — Você me quer, cara mia. Sempre quis e sempre irá querer.

Foi uma gabação sexual insultante, e Alexa queria negar a verdade ali contida, mas a carícia experiente de seus dedos a fazia derreter.

— Gio...

Ela fechou as pálpebras e Giovanni se permitiu um breve sorriso de triunfo ao baixar a cabeça e começar a beijá-la, sentindo seus lábios se abrirem e o calor de seu hálito se misturar ao dele.

— Não quer? — insistiu ele, com a voz abafada junto ao doce sabor de sua pele.

A pressão de seus lábios a impedia de responder, ou estaria ela simplesmente se enganando? Pois como ela encontraria forças para dizer que ele parasse, quando se sentia indo rumo ao paraíso? E agora ele descia a mão, parando sobre sua barriga, circundando-a. Por um instante Alexa paralisou, esperando por algum tipo de recriminação, como se ele pudesse, subitamente, começar a repreendê-la pelo que aquela barriga abrigara sem seu conhecimento.

Mas não houve qualquer acusação. Em vez disso, deslizava os dedos sobre a seda escorregadia, descendo, numa lentidão agonizante, até o meio de suas coxas.

— Não quer? — disse ele, novamente, afastando os lábios, sentindo o corpo dela se contrair de expectativa.

Alexa engoliu em seco. Sob a luz fraca ela podia ver o brilho febril em seus olhos, e ergueu a mão para tocar os contornos de seu rosto, que exibia

uma expressão voraz de desejo. Podia dizer que não, não o queria, mas essa não seria mais uma mentira para acrescentar à pilha? E, de certa forma, isso não seria inevitável? Não era inevitável desde que ele entrara na loja e voltara à sua vida, na semana anterior?

— Sim — admitiu ela. — Sim, eu o quero.

Então, Giovanni soube que a tinha e podia fazê-la implorar por ele, se quisesse. No entanto, se isso fosse vitória, seria muito fútil. E, pela primeira vez em sua vida, ele não tinha certeza do porquê.

Ele contraiu a boca, pois não gostava da sensação confusa.

— Venha, não podemos acordar nosso filho — disse ele, curvando-se para pegá-la nos braços, segurando-a junto ao peito nu.

Será que Alexa estaria imaginando um tom súbito de reprovação em sua voz? Tinha de estar, pois por que razão ele a estaria acariciando sobre a seda da camisola e carregando até a suíte principal? No entanto, apesar das mãos gentis, seu rosto era implacável enquanto a carregava rumo ao quarto, onde a deitou sobre a cama.

Por um momento ele apenas ficou olhando de cima, com uma expressão que ela jamais vira em seu rosto. Depois, com um sorriso cruel, ele esticou os braços e pegou o tecido delicado com as duas mãos, rasgando num único puxão, deixando seu corpo alvo nu.

Alexa resfolegou ao ouvir o rasgo, e sentiu o ar quente junto à pele.

— Por que você fez isso?

Ele não sabia. Para destruir alguma coisa dela? Ou lembrar a si mesmo de que, no fim, tudo era descartável? A seda não era diferente das juras feitas durante a cerimônia de casamento. Ambas podiam ser rasgadas em pedaços.

— Digamos que eu simplesmente não podia esperar — disse ele, numa voz perigosa.

Alexa sabia que deveria ter reclamado, dito que ele acabara de destruir um presente caro que para ele podia não significar muito, mas significava algo para ela. Mas era tarde demais para isso. Tarde demais para qualquer coisa além de respirar fundo novamente. Só que, dessa vez, de prazer, pois ele começava a beijá-la novamente, deslizando sua bela forma nua sobre ela. Parecia que ele havia dito a verdade e não podia esperar. Ou não queria. Ele estava imenso.

— Gio! — disse ela, ofegante.

Sua rigidez se misturava à maciez dela. A mão dele estava entre suas pernas, os dedos se deleitavam em sua umidade. Alexa podia sentir a ponta de sua ereção junto a ela, enquanto ouvia coisas em italiano que, naquele estado, não conseguia entender.

O que fez com que ela enlaçasse as pernas ao redor dele e empurrasse os quadris, convidativamente, como se todas as palavras ásperas que

trocaram não tivessem existido? Seria simplesmente uma fome sexual que ficara muito tempo sem ser saciada? Ou seria porque, apesar de tudo, havia sido Giovanni quem dominara seus pensamentos ao despertar de sonhos agitados no meio da noite por muito tempo, mesmo que fizesse tudo que podia para tentar esquecê-lo?

O homem que ela havia amado.

E ainda amava?

— Não! — ela se contorceu, negando.

Ele parou.

— Não? — disse ele, incrédulo.

— Sim — sussurrou ela, tocando com os lábios o ombro dele, seus dedos se embrenhando nos cabelos escuros. — Quer dizer... sim.

Perversamente, as palavras de excitação dela o fizeram parar. Para mostrar que ele detinha todo o poder, não ela. Para provar a si mesmo que podia fazê-la implorar e deixá-la esperar enquanto tinha a força para resistir ao desejo e à volúpia das investidas dos quadris dela.

Mas ela começou a beijá-lo no pescoço, lambendo da forma como costumava fazer, e esse pequeno gesto o levou de volta a uma época em que ele via nela todas as suas esperanças e sonhos de um futuro glorioso. Por uma fração de segundo Giovanni se sentiu como se ela tivesse rasgado seu peito e olhasse seu coração pulsante.

Ele a adentrou, furiosamente, com mais força e mais fundo do que jamais fizera com qualquer mulher, enquanto se forçava a esquecer que havia se casado com ela, que ela fora para ele muito mais do que era agora: apenas um corpo perfeito e desejoso compartilhando sua cama. Ela não é nada para você, dizia a si mesmo, vorazmente, fechando os olhos para apagá-la de sua visão.

— Giovanni...

— O quê? — rosnou ele.

Os dedos de Alexa cravavam seus ombros nus enquanto ele se movia dentro dela, parecendo apunhalar seu coração, indo cada vez mais fundo rumo a um momento glorioso. No entanto, de alguma forma, parecia um prazer vazio. Mesmo ao sentir o desejo aumentando no limite de sua consciência, ela percebeu que ele já não a estava beijando.

Acima dela, seu rosto era uma máscara, seus olhos fechados não a viam. Mesmo com seu corpo em movimento tão doce dentro dela tudo parecia, de certa forma, um ato mecânico.

Ele não estava fazendo amor com ela, estava fazendo sexo. Fisicamente satisfatório, mas sexo, frio e funcional.

Ela sentiu um protesto silencioso e angustiado vindo de dentro, mas era tarde demais para recuar agora. Tarde demais para deter o prazer

crescente. Seu próprio corpo parecia um traidor ao começar a estremecer nos braços dele.

No entanto, por mais que tentasse, no momento de libertação inebriada, Giovanni não conseguia se livrar da sensação de que isso era diferente. De que um dia ele a desejara de uma forma que lhe tirara o fôlego e, mesmo abstraindo isso, seu filho havia crescido em seu útero nesse meio tempo. Uma parte dele crescera dentro dela.

Inesperadamente, a emoção o invadiu, enquanto ele deixou escapar um grito dos lábios. Ele se sentiu como se o universo estivesse implodindo sob seus olhos. Como se ele pudesse morrer naquele ápice, e como se essa morte fosse sem igual, perfeita.

Ele havia planejado se distanciar dela, virar para o lado e dormir longe, na cama vasta, até que seu desejo voltasse e ele pudesse, novamente, ir ao seu encontro com nada além de sexo na mente. Mas, de alguma forma, isso não aconteceu. Ele não conseguiu se mover de onde estava, ainda dentro dela, com a cabeça inebriada e aconchegada em seu peito, sentindo os últimos espasmos abençoados se dissipando.

— Gio? — Alexa chamou, imaginando para onde iriam depois disso. Mas sua pergunta monossilábica não foi ouvida, e ela piscou os olhos surpresa.

Giovanni já estava dormindo.

CAPÍTULO NOVE

Alexa passou a noite apreensiva enquanto Giovanni dormia a seu lado, com os lençóis emaranhados sob a coxa morena enquanto a mão forte descansava, despreocupadamente, sobre a curva de sua cintura.

XXX Ela permanecia imóvel enquanto seus corpos nus se encostavam e sua camisola rasgada continuava no chão. Pensava como podia ter se comportado de uma forma tão terrivelmente previsível.

Nem foi o caso de ter sido forçada. Ele nem a tomara brutalmente nos braços, como fizera em sua pequena casa, para demonstrar todo o seu repertório de habilidades sensuais, não é? Na verdade, ele só surgira ao lado de sua cama e largara no chão o pano que o cobria, como um stripper

barato. E ela o deixara tocar seu rosto e seios, depois praticamente ficara de joelhos implorando para que ele fizesse amor com ela.

Fazer amor?

Se não houvesse o risco de acordá-lo, ela deveria ter soltado uma gargalhada irônica. Ela se colocara em perigo emocional sem nada a ganhar. E, se começasse a imaginar que o que acontecera entre eles fora fazer amor, então certamente estaria correndo um risco. Resistindo à vontade de se mexer por temer perturbar o corpo viril do homem que dormia a seu lado, Alexa olhava os desenhos do teto e o reflexo do luar nas gotas de cristal do lustre, enquanto a noite lentamente seguia rumo ao dia. O que ela havia feito?

Ela se comprometera profunda e inteiramente, fora isso que fizera. Fizera sexo sem amor com um homem que não escondia seu desprezo por ela, nem sua visão machista do mundo e do lugar de uma mulher nele. Será que ele não a desprezaria ainda mais agora? O fato de sempre tê-la acusado de fácil, algo que ela sempre negara veementemente, agora teria sido confirmado por suas ações explícitas.

Ela não era burra, sabia o que ele queria. Algo que todo o seu poder e sua riqueza não poderiam comprar: seu filho. E, se ele quisesse ir adiante numa batalha judicial, que chance ela teria? Que tipo de quadro ele faria seus advogados espertos pintarem sobre ela? Uma oferecida? Sem moral?

No fim, ela acabou adormecendo na pior hora, pouco antes do raiar do dia, abandonando seu plano de sair da cama de mansinho, tomar banho e se vestir a tempo de acordar Paolo para não correr o risco de que ele visse...

— Papá! O que você está fazendo aqui, papá?

A voz empolgada de Paolo irrompeu os sonhos nebulosos de Alexa e ela abriu os olhos a tempo de ver o pijama do filho subindo na cama onde Giovanni estava, indolente como uma pantera negra, recostado nos travesseiros.

— O que parece? — perguntou Giovanni, casualmente, conforme a criança se aconchegava a ele, como um filhotinho. Ele sorriu, abriu os braços, abrigou a criança no peito e depois bocejou. — Acordando.

Paolo o encarava.

— Você agora vai dormir sempre com a Mama?

Os olhos negros cintilaram observadores sobre a cabeça de Paolo na direção de Alexa. A noite anterior o balançara. O deixara se sentindo de um jeito que ele não esperava. Com a cabeça nas nuvens, fora da realidade. Sua voz ficou séria ao pensar naquilo.

— É melhor você mesmo perguntar a ela.

O olhar que ela o lançou de volta foi de fúria silenciosa. Ela odiava que seu filho a visse assim, descabelada da cama. Paolo estava acostumado

a vê-la de camisola, e sua nudez por baixo a fazia se sentir vulnerável e indefesa. E reduzia sua chance de sair com sua dignidade intacta.

Com uma das mãos ela prendeu o lençol embaixo do queixo e com a outra ela acariciava os cachos escuros de Paolo.

— Hum, querido, você se importa em pegar aquele robe que eu deixei na cadeira?

— Permita-me — uma voz sedosa interpôs.

E, para o horror de Alexa, eia viu Giovanni graciosamente soltar a criança dos braços e sair da cama completamente nu, saracoteando até o quimono de seda, como se fosse perfeitamente aceitável que ele circulasse sem nada.

Os olhos dela lhe lançaram um recado. Ponha uma maldita roupa.

Ele cruzou o olhar e sorriu, com os olhos dilatados por um breve momento, ao pegar o traje verde e carregar até ela, sutilmente chutando a camisola rasgada, tirando-a de vista, o que fez as bochechas de Alexa queimarem de humilhação. Ele havia rasgado sua camisola cara em seu corpo e ela simplesmente o deixara fazê-lo!

— Paolo, por que você não vai escovar seus dentes e mama irá encontrá-lo num minuto? — Alexa sugeriu furiosamente, e tremia tanto que ficou impressionada que a frase tivesse soado coerente.

— Está bem.

Ela esperou até que o filho saísse correndo do quarto antes de se virar para Giovanni. Poderia bater em seu peito com os punhos, mas não arriscaria uma provocação dessas.

— Como se atreve? — esbafuriu ela. — Como se atreve?

— A respeito do quê, exatamente, você está fazendo objeção? — disse ele.

— Desfilar sem roupa! — disse ela.

— Qual o problema, ele nunca viu um homem pelado antes?

— É claro que não!

— Ah! — Ele conteve um sorriso de inequívoca satisfação. — Não?

Ela fora levada a responder à pergunta capciosa e o encarava. Sabia que era perverso, mas algum demônio dentro dela queria fazê-la dizer sim, que Paolo vira milhares de homens nus passando por seu quarto. Que ela entretinha amantes com todo o desembaraço das cortesãs antigas!

— É claro que não viu! — repetiu ela. — Não que você vá acreditar nisso, é claro, você só acredita no que lhe convém, não é, Giovanni? Portanto, uma mulher que não é virgem só pode ser uma vadia, pois jamais haverá espaço para o cinza em seu mundo, não é? Só preto e branco! Sempre distorcendo a realidade para ser conveniente à sua visão!

Ele pensou em como ela estava magnífica. Em como ela estaria se contorcendo sob ele, a essa altura, se não fosse pela lista de compromissos

da realeza e pelo filho deles. Amaldiçoando o fato de ter dormido a noite toda sem aproveitar a chance de fazer mais sexo com ela, ele abriu as palmas das mãos, num gesto de admissão.

— Talvez você tenha razão — disse ele, suavemente.

Alexa congelou, incerta quanto a ter ouvido corretamente.

— Deixe-me esclarecer isso. Eu já não estou no topo de sua linha de presas sexuais? Você está concordando comigo? — perguntou ela, desconfiada. Giovanni era suficientemente astuto para reconhecer que mais acusações não lhe seriam favoráveis. A noite passada havia sido movida pela raiva e lembranças amargas do passado, assim como pela fome sexual. Mas, de certa forma, o ato havia sido purificador, lavando tudo e, se ele quisesse repetir a performance, então teria que empregar uma estratégia totalmente diferente com ela.

— Estou dizendo que faz sentido — cedeu ele, cuidadoso com as palavras como um advogado.

Pelo menos o reconhecimento poderia ter dado a ela a sensação de vitória, mas era tarde demais para isso. Não significava nada o fato de ele a ter julgado mal ou ter sido ríspido com ela. Tudo isso agora era irrelevante, e só o filho deles contava.

— Mas tudo isso está totalmente fora de questão. E quanto a Paolo entrar daquele jeito e vir...

— Dois adultos fazendo algo inteiramente natural?

— Não finja me entender mal, Giovanni! — Alexa fechou os punhos.

— Sei que você não ficaria satisfeito enquanto não tivesse o que queria...

— Sendo que você não queria nem um pouco, eu suponho? — perguntou ele, sarcasticamente. — Eu realmente tive que lutar para que você se submetesse à minha astúcia, não tive?

Ela ignorou a interrupção e sua terrível precisão.

— Mas você poderia ter tido a decência de ir dormir num dos sofás antes que clareasse. Ao menos dessa forma Paolo não teria que presenciar...

— Presenciar o quê? Marido e mulher acordando juntos na cama? — perguntou ele, suavemente. — Você acha que isso é um crime tão terrível, cara?

— Sim, em nosso caso, acho! — Ela lançou um olhar na direção da porta do banheiro, mas felizmente não havia sinal de Paolo. Alexa puxou o quimono escuro de seda e deu um nó apertado na cintura, passando a mão pelos cabelos, pensando na aparência com que devia estar. — Nós nem devíamos mais estar casados, caso você tenha esquecido!

— Estou tendo dificuldades de lembrar de qualquer coisa agora, principalmente com os seus cabelos dourados caindo sobre seus seios desse jeito — disse ele, provocador.

Ela teria de ser feita de gelo para não reagir ao elogio sexual, e já provara, além de qualquer dúvida, que ser glacial não era de sua natureza. Ao redor de Giovanni, não. Alexa respirou fundo.

— Você pode, por favor, colocar alguma roupa? Ele lançou um olhar de deboche.

— Essa é a primeira vez que me fazem essa pergunta, especificamente.

Ele foi até o banheiro e voltou enrolado numa toalha branca, mas nem assim disfarçava seu desejo evidente. Viu os olhos dela o filarem compulsivamente e depois desviarem, antes de se fixarem em seu rosto.

— Frustrante, não é, bella? — murmurou ele.

— Que diabos nós vamos fazer?

— Quanto à frustração, ou sobre a programação do dia?

— Gio!

Ele passou os dedos no queixo, pensando que precisava se barbear e sentindo que estava meio inseguro, de forma bastante incomum. Era um homem que achava conhecer todas as regras do comportamento sexual. No entanto, esse era um território inteiramente novo para ele.

Para começar, ele não costumava levar para cama mulheres que tinham filhos, a não ser que fossem mais velhos e estivessem seguramente fora do caminho. Na verdade, ele não se envolvia com nada que ameaçasse atrapalhar seu estilo de vida e isso incluía maridos ciumentos, e mães de plantão, que quisessem a garantia de que ele casaria com suas filhas caso tivesse um caso com elas.

Ele era determinado em todas essas questões, jamais se permitindo oscilar a despeito de provocações. E se isso fosse considerado egoísta, que fosse. Ao menos Giovanni era honesto, e jamais prometia algo que não pudesse cumprir. Prazer sem compromisso. Se a mulher não gostasse, então, que pena. Sempre haveria outra, igualmente linda, esperando para receber o que quer que Giovanni de Verrazzano estivesse preparado para oferecer.

Mas com Alexa... a criança em questão era o filho deles, e isso dava uma perspectiva inteiramente diferente à situação. Ele sentia não querer exigir friamente que ela contratasse uma babá. Queria compartilhar o café da manhã com o filho. No entanto, será que admitir isso não o mostraria vulnerável, expondo um lado seu que ela poderia usar contra ele no futuro, em qualquer batalha pelo filho?

Seu rosto sério não demonstrava nenhum de seus pensamentos conflitantes,

— Nós vamos apresentar nosso filho ao sheik e depois iremos ao casamento de Xavier e Laura, como planejado. — Ele deu um sorriso gélido.

— Nada mudou cara. Você realmente esperava que mudasse?

Alexa o encarou.

— Nada? — Ela o pediu que parasse de fazer alusões ao sexo, mas não esperava que todo o vigor subitamente sumisse de seu rosto, deixando os olhos frios e a boca cruel. — Você está dizendo que o que aconteceu ontem a noite não vai nos afetar de uma forma ou de outra? — perguntou ela, lentamente.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

— Isso depende de você — disse ele. — Pode nos afetar de qualquer jeito que queira. Você só precisa pedir e nós desfrutaremos de uma reprise. — Os olhos negros dançavam sob uma mensagem sensual. — Satisfação garantida.

— Seu arrogante...

— Mas é a verdade, você sabe disso.

— Bastardo! — disparou ela.

— Mantenha a voz baixa. Lex. Eu não quero que Paolo cresça com esse vocabulário chulo.

Alexa raramente se sentia tão frustrada ou zangada, mas essa provavelmente era a intenção dele. Sem confiar em si mesma para responder e dar a satisfação de saber disso, ela deu a volta e foi convencer Paolo a vestir a roupa que ela havia trazido para ele.

Ele até que concordou com facilidade. Depois, na varanda já aquecida pelo sol, enquanto lhe serviam o café da manhã com frutas frescas e doces, Alexa pegou sua roupa para o casamento. Tentou se animar quanto aos assessórios que Teri havia recomendado para combinar com o vestido longo verde cobalto.

Um par de brincos pingentes imensos e um punhado de pulseiras completavam o traje, e quando ela olhou no espelho foi um prazer ver que estava em sua melhor forma. Que o reflexo que a encarava de volta era de uma mulher jovem e atraente em seu ápice, e não de uma atendente de loja para quem cada centavo contava.

Porém, acima do traje incomum, o rosto de Alexa estava vazio e ela suspirou. O que ela diria ao pai de Giovanni, o sheik?

— Lex? — disse a voz vindo de trás dela.

Ela se virou para ver Giovanni, parecendo ter nascido para viver num castelo, com os cabelos e os olhos escuros sobressaindo diante do robe claro que vestia.

— E então? — perguntou ele.

Como se ele se importasse!

— Ah, sabe como é. — Demonstrando casualidade ela sacudiu os ombros. — Alguém poderia escrever um livro de etiqueta do tipo "Como agir quando o pai de seu filho anuncia que é da realeza!" — e, claro, o volume seguinte seria "Conhecendo seu sogro!"

Uma menção de sorriso estampou seus lábios, geralmente vistos em tom sóbrio.

— Você esta nervosa?

— O que acha? Que conheço sheiks todos os dias da semana?

— Acho que você está linda e é uma boa mãe, é isso que acho — disse ele, inesperadamente.

O elogio a pegou de surpresa, aquecendo-a bem mais do que deveria. Seria porque não a elogiava havia tanto tempo? Ela corou e se odiou por isso. Só porque ele deixou de ser hostil com você por uma fração de segundo não quer dizer que você deva tirar conclusões.

Em vez disso, ela olhou seu robe e turbante, vendo a alvura do traje, contrastada somente pelo toque colorido na cabeça e faixa na cintura.

— Achei que só a noiva deveria vestir branco.

— Não em Kharastan. Aparentemente ela está vestindo vermelho e dourado, repleta de bordados e jóias. Você e Paolo estão prontos para ir ver Zahir agora?

Alexa sabia que não podia adiar para sempre.

— Sim — respondeu ela, baixinho.

— E você disse a Paolo?

Ela acenou a cabeça novamente.

— Disse. — Sua expressão era retraída. — Se há algo que descobri com isso tudo é que a honestidade é o melhor ao se lidar com crianças.

— Só com crianças? — debochou ele, suavemente. — Quer dizer que as mentiras são aceitáveis quando se lida com adultos?

Ela o olhou pensando como aquele rosto, que ela tocara com tanto êxtase na escuridão da noite, podia agora estar tão distante e remoto.

— Eu jamais mentirei para você novamente, Giovanni — prometeu ela.

Ele desviou o olhar. As palavras eram tão fáceis. Podem ser tiradas de qualquer lugar à vontade. E ele não precisava de suas promessas.

— Vamos ver nosso filho — disse ele, ríspidamente, endurecendo o coração diante da ligeira expressão de decepção no rosto dela.

Os três seguiram aos aposentos particulares do sheik. Os cômodos eram grandes e frescos e ali havia tesouros mais espantosos do que os que vira em qualquer outro lugar do palácio. Entretanto, de certa forma, Alexa estava alheia a tudo, exceto ao significado da ocasião.

O sheik era bem idoso e estava sentado numa poltrona acolchoada, perto de uma janela com vista para um jardim de rosas. Ele gesticulou para que se aproximassem. Paolo pegou a mão de Alexa e quando se aproximaram ela se curvou, num cumprimento que sequer imaginava saber fazer.

— Por favor — o sheik sorriu e deu um tapinha no lugar ao seu lado, olhando para o menino. — Você quer se sentar ao meu lado? — perguntou a Paolo.

Para surpresa de Alexa o menino foi imediatamente, e sentou, balançando as perninhas como se estivesse sentado no muro do colégio! Seria por estar carente de mais familiares, tendo apenas uma avó que morava no Canadá, a quem via apenas uma vez por ano, se tivesse sorte?

Por um instante ela sentiu uma ponta de culpa e olhou para Giovanni, esperando um tom acusador. Mas não. Em vez disso, ficou estarecida com o brilho de admiração que vinha de seus olhos, ou ela estaria imaginando isso? Não. Ele disse que a achava uma boa mãe e não havia motivos para que mentisse sobre algo assim, principalmente ao ter sido tão brutalmente honesto em relação a todas as outras coisas.

O sheik começou a falar com Paolo, baixinho, contando como era crescer em Kharastan, e Alexa achou que isso valia tanto para o filho quanto para o neto. Ele falou sobre o deserto, onde as flores desabrochavam uma vez a cada século e os camelos andavam por períodos de tempo inimagináveis, e descreveu a antiga arte da criação de falcões, a beleza selvagem dos pássaros. Com uma expressão de orgulho indubitável, ele descreveu os belos cavalos que mantinha em seus estábulos.

— Você monta, Paolo?

— Não, senhor.

— Gostaria?

— Oh, sim, por favor, senhor!

Em seguida eles beberam chá de menta e a provação não foi nem remotamente tão aterrorizante quanto Alexa havia temido. Mas, quando se preparavam para sair, o sheik gesticulou para que ela ficasse.

Ela olhou suplicante para Giovanni, mas seus olhos negros brilharam inabaláveis ao pousar a mão no ombro de Paolo.

— Quer ver os acrobatas treinando?

— Acrobatas? — Paolo deu um gritinho.

O sheik sorriu.

— Sim, há acrobatas — disse ele, sério. — E mágicos, músicos e dançarinos, pois um casamento real em Kharastan é algo raro, algo a ser verdadeiramente celebrado!

Depois que eles se foram houve um momento de silêncio. Alexa não estava habituada a lidar com a realeza, mas sabia que não se deve começar uma conversa, principalmente num país onde as mulheres pareciam submissas. Lembrando algo mais que havia lido, ela baixou o olhar.

— Você tem um belo menino — disse o sheik, finalmente.

Suas palavras a fizeram erguer o olhar e, inspirada pela surpresa, tanto quanto pelo alívio, Alexa abriu um largo sorriso.

— Ora, muito obrigada.

O sheik concordou e houve uma pausa.

— Mas compreendo que a vida tem sido dura.

Alexa congelou.

— Dura? Não tenho certeza se entendi, Sua Majestade.

— Giovanni me disse que você vive numa pequena casa e trabalha numa loja.

Ah, disse? Não sendo considerada particularmente alta, Alexa se ergueu altiva, inalando o ar, com raiva.

— Podemos não ter muito no aspecto material — disse ela, com uma dignidade silenciosa — mas jamais faltaram a Paolo as coisas importantes. Ele sempre teve alimentos, brincadeira e conforto. Porém, mais importante do que qualquer outra coisa, sempre teve amor. Amor abundante. Portanto, eu não creio que sua vida tenha sido dura de forma alguma, Sua Majestade. Sou obrigada a discordar de seu filho.

Os olhos do sheik se estreitaram com uma ponta de humor.

— Pelo que sei há muitos desentendimentos entre vocês dois, mas seu relacionamento com Giovanni não é de minha conta. No entanto, meu neto é. Que o dinheiro não compra sentimento é verdade, mas o dinheiro pode comprar conforto — disse ele.

— Conforto material — enfatizou Alexa. — O conforto emocional é algo bem mais etéreo.

— Somente as mulheres dão importância a tais coisas — disse ele, conclusivo.

Mas Alexa não era uma de suas serviçais para ser banida porque seu ponto de vista não calhava de coincidir com o dele. Sim, ele era o todo poderoso de seu reino, mas seria moralmente errado concordar com ele só por conta disso.

— As mulheres geralmente são encarregadas de cuidar da família — disse ela — e nós reconhecemos a importância do sentimento.

Ele a encarava.

— Você é teimosa — disse ele, subitamente.

— Não. Sou apenas fervorosa quanto às coisas em que acredito, Sua Majestade.

— Às vezes temos que viver sem as coisas nas quais acreditamos — disse ele, e depois fechou os olhos e se recostou, repentinamente enfraquecido. — Obrigado por falar comigo. Agora vá e aproveite o casamento.

Estaria ele transmitindo um recado silencioso? Dizendo-lhe que ela estaria perdendo seu tempo se esperasse por um sentimento de Giovanni? Bem, não precisa se preocupar. Sua Majestade, pensou ela, eu não tenho ilusões quanto a Giovanni.

Um empregado a levou até onde Paolo estava sentado, no jardim, sendo entretido por um grupo de malabaristas. Giovanni estava em pé, próximo, ao lado de uma laranjeira repleta de frutos e flores.

Ele olhou com um ar interrogativo conforme ela se aproximou.

— Sua reunião com o sheik foi bem?

— Surpreendentemente bem, levando-se em conta...

— Levando-se em conta o quê? — A voz dele era tranquila.

Alexa estreitou os olhos.

— Você descreveu a vida de Paolo como dura? Houve uma pausa.

— É claro.

Conte até dez. Mantenha-se calma. Não perca as estribeiras. Mas não era fácil, pois ela queria berrar de ódio.

— Como pôde dizer isso? Não é dura — defendeu-se ela, ofegante. — Seu filho é amado e querido. Até o sheik reconheceu isso.

— Meu filho não tem um pai — disse ele, friamente. — Nem todas as vantagens que minha fortuna pode dar a ele...

— Mas...

— Ouça, Alexa! — As palavras dele cortaram suas objeções como uma faca. — Eu não pretendia tocar no assunto até depois do casamento mas, já que você parece tão decidida a ter a discussão, não tenho escolha.

— Escolha? Do que você está falando?

— Levando em conta todas as condições desfavoráveis a Paolo...

— Que condições? — Perguntou ela, numa voz perigosa.

— O fato de você ser uma mãe solteira e não poder comprar sua própria casa. — Ele viu seu ar de objeção e sacudiu a cabeça. — Não são coisas que estou simplesmente inventando, cara — disse ele, impetuosamente. — Há obstáculos conhecidos na criação apropriada de uma criança. Você sabe disso. Eu sei disso.

Ela virou a cabeça na direção do filho, que parecia estar rindo e se divertindo a valer, apesar do fato de só falar uma ou outra palavra em kharastani.

— Acha que ele parece privado de algo?

— Não nesse momento. Mas será, Lex.

— Ah, é mesmo?

— Sim, é mesmo! Ele será um daqueles garotos sem pai que circulam pelas esquinas fumando — disse ele, demolidor.

— Ora essa, de onde você tirou o seu conhecimento. Gio? Do livro internacional de estereótipos? E, de qualquer forma... — ela lhe lançou um olhar triunfante. — Você mesmo cresceu sem um pai!

O sorriso dele demonstrou que ela caíra na armadilha que ele cuidadosamente armara.

— Exatamente! — disse ele. — E eu sei como é!

Alexa franziu o rosto, confusa.

— Você está dizendo que não gosta de como se saiu?

— Estou dizendo que me transformei no homem que sou apesar de minha criação, mas Paolo pode não ter a mesma sorte. Eu vi o que é ter uma mãe ávida pela companhia de homens.

— Eu só tive dois amantes na minha vida! — respondeu ela, furiosamente. — E eu lhe disse isso até cansar. Quando é que você vai tirar isso de sua cabeça e acreditar que não estou a ponto de divertir um batalhão em meu quarto?

— Mas você ainda é muito jovem — disse ele. — Sua vida está tomada pela rotina diária com Paolo. No entanto, chegará a hora em que ele não irá precisar tanto de você e você pensará em satisfazer suas necessidades sexuais, quando será provável que ele saia dos trilhos.

— Você não saiu — frisou ela. — E você foi filho de mãe solteira!

— Porque tive sorte! — esbravejou ele, sentindo um punhal em seu coração ao lembrar de todas as noites em que esperava a mãe voltar para casa, sem conseguir se tranquilizar até que ouvisse seu salto alto pelo corredor. Às vezes ele adormecia, acordando assutado ao ouvir a porta da frente sendo fechada, percebendo que já amanhecera... — Mas estamos falando de uma loteria — acrescentou ele. — E Paolo pode não ter a mesma sorte que eu.

— A vida toda é uma loteria — disse ela, secamente, pensando se teria imaginado ver uma súbita desolação em seus olhos. Provavelmente viu, pois agora a expressão de seu rosto era inflexível. — Ter pai e mãe não é a receita da felicidade, Gio.

— Não, mas eu quero maximizar suas chances — disse ele, teimoso.

Ela balançou a cabeça de frustração, com a claridade fazendo-a piscar. Gostaria de poder agarrar o filho e sair correndo.

— Você sempre foi tão pessimista?

— Um bocado — disse ele, suavemente. — Você baseia seu comportamento em experiência pessoal.

Ela olhou para ele para ser objetiva, mas não era fácil. Sua atitude a irritava e suas palavras a enfureciam, mas isso não a impediu de emaranhar os dedos em seus cabelos e beijá-lo. Ela engoliu em seco.

— Olhe, você já me deu o bastante para refletir — cedeu ela. — Quando eu voltar para a Inglaterra.

Giovanni deu um sorriso austero. Ela ainda não havia notado, não é? Que quando ele queria algo ia até o fim?

— Acho que você entende — disse ele — que a decisão já foi tomada.

Alexa piscou, ouvindo os tambores à distância.

— Que decisão? — perguntou ela, enquanto os músicos aqueciam.

— As coisas evoluíram e eu já não acho que você seja uma mulher sem moral. Mas ainda é uma mulher, com todas as necessidades de uma mulher, e eu não estou disposto a tolerar que meu filho seja criado por outro homem — disse ele, categórico.

— Mas tudo isso é suposição, Giovanni — contestou ela. — Não há outro homem.

— Nesse momento não há.

Quando se diz a alguém que não se pode ter algo, isso o faz querer mais, e aquilo pareceu um desafio a Alexa.

— Você não pode me obrigar a fazer nada que eu não queira — disse ela.

— Ah, posso sim, cara. — disse ele, suavemente. — E eu quero Paolo comigo.

— Paolo vive comigo — frisou ela, ciente de que estavam falando sobre o filho como se ele fosse uma peça de mobília. O rosto dela começou a queimar de vergonha e terror.

— Então, é óbvio que você também tem de viver comigo — disse ele. — Você é uma boa mãe e eu quero a chance de ser um bom pai. Ontem à noite nós provamos que nunca deixamos de nos desejar. Então, qual é o empecilho?

Ela queria explodir e perguntar e quanto ao amor? Ou até mesmo, se não fosse arriscar demais, quanto à segurança emocional sobre a qual discutira com o pai dele. Mas o sheik havia sido incisivo em relação a isso, como Giovanni provavelmente também seria. Seria inútil.

Talvez o que ela e Giovanni haviam tido há tantos anos fosse amor, ou a tentativa do princípio de amor. Mas isso fora esmagado pelas circunstâncias. No entanto, seu coração ardia por ela, tanto quanto seu corpo, e ele era o pai de seu filho. Estavam unidos pelo resto da vida.

O que ele estava oferecendo era um acordo, mas como ela teria forças para viver num mero acordo com o único homem que já amara?

Alexa sacudiu a cabeça,

— Sinto muito, Giovanni, mas não posso fazer isso.

Houve um momento de silêncio, e quando ele falou as palavras foram cortantes como uma lâmina.

— Não estou fazendo uma proposta — disse ele — isso é uma afirmação dos fatos.

Alexa piscou.

— Não compreendo.

— Então você está sendo notavelmente lenta, se posso colocar assim. Eu não estou pedindo para que você venha viver comigo, Lex. Estou dizendo que não tem alternativa se quiser continuar com seu filho.

Teria ele imaginado que, ao vir para um país como Kharastan, onde os homens eram predominantes e as mulheres obedeciam, ele poderia simplesmente ditar seus termos e ela os aceitaria humildemente?

— Sempre há alternativas, Giovanni. — disse ela, orgulhosamente.

O sorriso dele foi frio, de puro poder.

— Sim, você está certa — concordou ele, suavemente, vendo que ela relaxou por um instante. — Você pode contratar um advogado para lutar comigo, se puder pagar. Mas, independentemente da quantia que você invista, será inútil, Lex. Veja, se não aceitar meus termos haverá uma batalha judicial, o que não quero, mas acontecerá se chegar a isso. — Seus olhos negros faiscaram com uma determinação que fez a pele de Alexa se arrepiar — E eu vou ganhar.

A ameaça de Giovanni estragou o resto do dia de Alexa. Qualquer coisa que acontecesse na cerimônia do casamento não faria diferença. Um foguete vindo da lua poderia aterrissar no meio da festa sem que ela notasse. Alexa imaginava que podia haver lugares piores onde se preocupar em perder a guarda de seu único filho, mas não conseguia pensar em um.

Ela se empenhou para tentar se concentrar, para que a lembrança de um dia tão magnífico não fosse apenas uma imagem borrada. Para que a família real não a achasse uma convidada ingrata, nem Paolo sentisse vergonha de sua mama.

A cerimônia foi num jardim circular, em uma das áreas mais privativas do palácio, com fileiras de cadeiras ao redor, montadas, segundo Sorrel, para abrigar todas as celebridades. Alexa reconheceu dois membros da família real inglesa e três ex-presidentes dos EUA, e foi estranho estar tão próxima a gente que ela só vira em jornal ou televisão.

Obviamente, com a influência de Giovanni, eles estavam sentados nos melhores lugares, ouvindo tudo em kharastani, francês e inglês. Ela ficou ali sentada com um sorriso fixo, enquanto milhares de pétalas de rosas caíam da sacada e um aplauso irrompia, com uma música triunfante.

De alguma forma ela conseguiu não recuar diante da cortina de flashes cegantes que surgiu quando Laura foi declarada princesa,

Alexa se viu imaginando se algum dos convidados estaria tentado embolsar uma das colheres de chá, que aparentavam custar uma fortuna, e a idéia inapropriada a fez sorrir pela primeira vez.

— Você está muito quieta, cara — observou Giovanni, enquanto seguiam rumo à mesa.

— O que esperava? Que eu saísse dançando depois das ameaças que você fez? — disse ela.

— Acho que haverá dança mais tarde. Então, porque não?

— Muito engraçado. Não conte comigo!

É claro que desentendimentos com a nova família não tinham nada a ver com o marido distante. Por isso, quando o sheik disse que queria fazer uma fotografia com os filhos e suas esposas e Paolo, ela não teve como negar.

Ele chamou seu "assistente fiel", Malik, para participar da foto. Depois a festa toda seguiu rumo ao salão de baile, todo florido, e o sheik ergueu a mão para que a dança começasse.

Os noivos deram a partida e o sheik acenou para que Alexa e Giovanni fossem para a pista, onde ela permaneceu retraída em seus braços.

— Não vai funcionar, você sabe. — disse Giovanni, baixinho.

— O quê? Não sei do que você está falando.

— Sabe, sim. Estou falando do mau humor, minha bella Lex. Isso não irá me fazer mudar de idéia e só deixará as coisas piores para Paolo.

Alexa ergueu as sobrancelhas.

— Além de estar sendo chantageada tenho que ser instruída sobre como me comportar?

— Isso depende.

— De quê?

— Do quanto será boazinha.

— Não quero ser boazinha!

— Ah! — Ele começou a rir. — Assim é melhor — murmurou ele, aprovando. A mão de Giovanni deslizou até a base das costas e começou a massagear com destreza. — Não relute, cara.

Alexa fechou os olhos e passou a língua nos lábios secos, com o desespero que se aproximava. O que ele tinha que a fazia se sentir assim?

— Quanto tempo faz que não dançamos? — perguntou ele.

— Eu... não me lembro.

Claro que lembrava. E sentia o aumento da avidez sexual, quase incapacitante. Ela se remexeu, mas seu movimento a fez se aproximar mais da rigidez sob a seda da roupa dele. Arregalou os olhos.

— Giovanni!

— Você pode sentir o que faz comigo? — perguntou ele, indolente.

— Pare!

— Como? Só há um jeito de me livrar disso e não acho que vai acontecer agora, devido às circunstâncias.

— Você é nojento!

— Ontem à noite você não achou!

— Aquilo foi diferente.

— Diferente como, Lex?

— Bem, para começar eu não imaginei que você fosse lutar comigo pela guarda de Paolo!

— Você achou que depois do casamento nós voltaríamos às nossas vidas separadas, como se nada tivesse acontecido?

— Claro que não. Achei que pudéssemos fazer o que os casais fazem nessa situação. Tomaríamos providências para que ele visse ambos.

— Visse ambos? Quer mandar um garoto de avião para a Itália, para alternar fins de semana?

— Bem, sempre há os feriados.

Logo que viu a fúria em seus olhos ela percebeu que dissera algo errado.

— Um pai de meio período? — estrilou ele, — Imagino que ainda seja melhor do que um pai ausente.

— Não é isso que estou dizendo. Só não sei como Paolo se sentiria sendo levado para a Itália.

Como sempre ela eslava repassando seus infortúnios a Paolo, pensou ele.

— Por que não pergunta a ele? Ou teme a resposta?

— Oh, Gio, não é nada disso.

— Não? — Ele a puxou para seus braços. Será que ela estaria pensando que apenas piscando seus lindos olhos verdes conseguiria tudo que quisesse? — Você vai colaborar comigo, de uma vez por todas.

— De uma vez por todas ?

— Ao voltar para a Inglaterra tomará as providências.

— Providências ? — Ela ecoava como uma fita de aulas de idioma.

— Para se mudar para Nápoles — concluiu ele.

Ela sentiu os joelhos fracos, vendo que ele falava sério. Não voltaria atrás. E se Paolo fosse cativado pelo pai machão, seduzido pelo poder e o dinheiro?

Antes que fizesse algo tolo como chorar no casamento, ela se afastou dele.

— Acho que já dancei bastante. Vou procurar Paolo e colocá-lo na cama.

Ele traçou uma linha com o dedo em seus lábios.

— Pode fugir de mim o quanto quiser, mas não irá adiantar — disse ele, baixinho. — Logo você estará em Nápoles, comigo, onde quero que esteja, Lex. Assim como estará em meus braços, em minha cama, mais tarde.

Alexa sentiu a boca trêmula sob o toque. Será que ele pensava que como filho do sheik poderia impor sua vontade sobre ela?

— Não, não vou — prometeu ela, afastando-se. Mas ele a pegou pelo braço.

— E já que estamos no assunto, vamos esclarecer algo. — disse ele. — Eu não vou brincar de gato e rato com você. Ontem a noite foi uma exceção. Não vou passar por aquela pantomima noite após noite.

— Como rasgar a minha camisola, você quer dizer?

Giovanni congelou.

— É prazeroso fazer parecer uma agressão, Lex, mesmo quando isso aumenta o prazer sexual? — Como fez com você, pensou ele, amargamente.

— Não quero você perto de mim essa noite — disse ela, temendo as lágrimas. — Fique longe.

Giovanni exibiu um ar sério e arrogante. Será que ela realmente pensava que ele iria implorar? Ele se aproximou de seu rosto de forma que ela só via seu olhar em brasa e disse:

— Se eu não a encontrar na cama essa noite, não vou atrás de você. Você pode tentar negar o sexo como ferramenta de barganha, mas não vai funcionar, pois não vou mudar minha posição quanto a Paolo.

Ele deixou a pista de dança com todos os olhares femininos o seguindo. Alexa tremia ao ir atrás de Paolo, super agitado e exausto, para levá-lo para a cama. Depois ela tomou um banho e disse a si mesma que não se intimidaria, e de jeito algum seria uma conquista fácil. Não mais.

Quanto mais teria de aturar do sexo sem amor antes que dissesse algo imperdoável? Como dizer que queria a intimidade que achava possuir, pois pensou que ele se casara com ela por amor?

A imensa cama parecia zombar dela, mas Alexa sabia que não podia ficar ali como um carneirinho rumo ao abate. Seria melhor sugerir que conversassem, sem recriminações?

Os minutos passavam e seu nervosismo aumentava. Será que Gio realmente forçaria Paolo a viver com ele na Itália? Essa foi a sua última lembrança consciente.

Giovanni entrou na suíte esfregando as têmporas cansadas. Depois de se reunir com inúmeras personalidades, seu pai o chamou em particular e lhe ofereceu terras no país e um lar permanente, caso quisesse. Mas a herança era a última coisa em sua mente. Ele ficara mais balançado pelo tempo que passara com o homem que não tivera ao seu lado.

Eles conversaram longamente até o sheik ficar cansado, mas só havia um pensamento predominando na mente de Giovanni.

Que Paolo jamais experimentasse a ausência de um pai, como acontecera com ele.

— Você me culpa por não ter lhe reconhecido antes? — perguntou o sheik.

Giovanni sorriu.

— A mim não cabe culpar, apenas aprender com a experiência. — Ele concordou em logo regressar a Kharastan e discutir o futuro. Bocejou. Um casamento, uma reconciliação familiar e a apresentação de seu filho à nova família. Que dia. Mas ainda havia uma prova adiante, e ele sentiu o coração disparar.

Será que Alexa desejaria ser sua esposa integral?

Os corredores da suíte estavam desertos e ele a encontrou dormindo encolhida no sofá. Sentiu uma facada nas vísceras. Que mulher tola! Será que não percebia que seu orgulho napolitano não o deixaria voltar atrás numa promessa?

Não via que até agora ele havia lidado com ela como se faz com uma criança?

E agora ela estava prestes a perder tudo?

CAPITULO ONZE

Aqueles últimos dias em Kharastan ensinaram a Alexa o verdadeiro significado do isolamento. Algo havia mudado, e era o comportamento de seu marido em relação a ela. A indiferença era a morte.

Ele agia com frieza e desprezo. Se estava sexualmente frustrado, era orgulhoso demais para demonstrar e mais orgulhoso ainda para pedir que ela mudasse de ideia.

No mundo dos privilégios, ser da realeza era o máximo, em qualquer país.

Giovanni era o filho favorecido. Filho do sheik. Ela recebera cortesia e respeito por ser sua esposa, mas, principalmente, por ser mãe de Paolo. Mas sabia que se Giovanni deixasse de apoiá-la ela seria posta de lado.

Alexa começou a se perguntar se fora muito apressada. Ele a olhou com profunda indiferença na manhã seguinte, o que a deixou questionando se agira certo.

Depois disso agiu com frieza exagerada quanto aos preparativos de sua mudança para Nápoles. Então, por que seu comportamento a incomodava? Não era isso que ela queria?

Mas aquilo era muito mais profundo do que sexo, já que não haveria mulher no planeta que não se excitasse com Giovanni.

Era o que o sexo representava. Mecânico, isento de emoção. Sexo assim era assustador. A fazia se sentir vazia, e talvez fosse o que ele desejava.

Ainda assim ela cedeu aos seus desejos de ir para a Itália, pois não tinha forças nem recursos para agir de outra forma. Uma escola bilíngue já havia sido providenciada para Paolo em Nápoles, e esse era o principal motivo da tentativa que ela faria. Ela tentou explicar a Teri, durante seu breve regresso a Londres.

— Minha felicidade está ligada a Paolo — admitiu ela. — E ele quer a mudança, está louco por seu papá... que é como deve ser. — Apesar das

palavras ditas com determinação, será que uma pequena parte dela ainda desejava que ele preferisse jamais voltar a ver Giovanni? Tornaria a vida mais fácil. — E ele adora a Itália — continuou ela. — Todos gostam dele, não só por ser filho de Giovanni. E o clima é diferente, com a piscina. Para ele vai ser como estar permanentemente de férias.

A decisão fora tomada. A ausência de sexo não faria Giovanni mudar de idéia.

Paolo estava radiante e Alexa sabia que não podia minimizar o impacto do estilo de vida no filho. Sem dúvida ele sentiria falta de sua terra natal e de seus amiguinhos. Ela precisava tornar a transição fácil para ele e sepultar quaisquer sentimentos que tivesse dentro de si.

Após a chegada a Nápoles, Giovanni foi buscá-los. Passando pelas ruas, os cafés e catedrais a fizeram lembrar da cidade colorida aonde chegara, com vinte e poucos anos.

Paolo via tudo pela janela, mas Alexa olhava o perfil de Giovanni.

— Não parece ter mudado muito — observou ela, tentando se concentrar no caos do lado de fora, em vez de em sua atitude fria em relação a ela.

Giovanni deu uma olhada e apertou a buzina, gesto típico de Nápoles.

— Olhe abaixo da superfície e verá que tudo muda — disse ele, numa indireta, conforme o carro subia uma colina rumo a Vomero. — Muito dinheiro foi injetado na cidade. Nápoles sofreu uma cirurgia plástica para ser vista pelo mundo.

— Já estamos perto, papá? — perguntou Paolo.

Giovanni sorriu.

— Si, mio bello, pertinho — disse ele, olhando para o filho com o coração transbordando de amor.

Foi quando viu o rosto de Alexa e contraiu as mãos ao volante.

— Lembra disso? — perguntou ele, hostil, enquanto o portão eletrônico se abria, revelando a fachada do palazzo.

Alexa só visitara o lugar uma vez, anos antes.

— Sim — respondeu ela, incerta.

Giovanni sentiu um arrepio momentâneo. A casa estava vazia desde a morte da mãe, e o deixava apreensivo quanto aos fantasmas do passado.

Mas esse era um dos melhores lugares para se ter uma família. Ele contratou uma cozinheira e uma empregada que tinha um filho, Fabrizio, apenas um ano mais velho que Paolo. Ao menos haveria bastante coisa para distrair seu filho, pensou ele. Poderia aprender futebol e italiano, e o sol quente daria mais cor às suas bochechas pálidas de inglês.

— Ele pode começar no colégio assim que quiser — disse Giovanni, no jantar da primeira noite.

E eu? Os olhos dela perguntaram, silenciosamente.

— Você pode decorar a casa, melhorar seu italiano — disse Giovanni, displicentemente. — Ou fazer compras.

Ele a fazia soar tão descartável quanto o jornal de ontem, o que provavelmente era sua intenção.

Alexa ficou olhando a cidade, pensando: Agora esse é meu lar... Imaginou se algum dia teria essa sensação, mas o futuro a assustava. E se eles continuassem assim, como estranhos?

Ver o filho desabrochar sob o sol e o olhar de aprovação do pai era comovente, e Alexa começou a entender que a obrigação moral era bem mais forte do que a ameaça legal.

Agora ela via que nenhum tribunal lhe tiraria seu filho só porque Giovanni era rico e poderoso.

Mas como ela poderia tirar Paolo dali, se ele estava tão feliz?

À noite ela ficava deitada no quarto fresco que lhe fora dado, ouvindo o som das cigarras lá fora, imaginando se ouviria os passos de Giovanni ou o barulho de sua porta se abrindo. Depois, é claro, se amaldiçoava por ser tão tola.

Será que realmente achava que ele viria para sua cama depois de alertar que se fosse rejeitado novamente se afastaria dela? Não teria notado que o gelo sobre o qual caminhava era fino demais?

Noite após noite ela imaginava se não poderia ir até ele. Porém, quanto mais o tempo passava, mais distante isso parecia. Ir para a cama de um homem que só oferecera o sexo como parte do pacote para obter o filho não satisfaria nem a mulher mais confiante. Não seria se contentar com migalhas, quando ela queria amor?

Mas Giovanni não tinha a ver com amor. Tinha a ver com ciúmes, suspeita e distanciamento. Ao fazer sexo, ele escondia algo. Ele sempre escondia algo, independentemente do que fizesse.

Ela olhava o teto. Era estranho querer algo de um relacionamento e ser derrotada pelo vazio de seu corpo e de seu coração.

— Mama, você sabia que o campo de futebol de Nápoles se chama Estádio San Paolo? Alexa sorriu.

— Não, querido, eu não sabia.

— Foi por isso que você me chamou de Paolo? — perguntou-lhe o filho.

Os dedos de Alexa tremeram ligeiramente e ela pousou a xícara, encontrando os olhos enigmáticos de Giovanni.

— N.. não. Eu o chamei de Paolo porque é um nome bonito.

Giovanni passou um pouco de marmellata di albicocke em seu pão.

— Pensei em levar Paolo até o estádio essa manhã, e Fabrizio também.

Quer vir?

Ela viu o esforço que ele teve de fazer para convidá-la, mas havia dias em que era um peso muito grande manter a fachada de contentamento.

Alexa sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada. Pensei em olhar os tecidos para a cortina da biblioteca.

Giovanni encolheu os ombros, terminando o café e colocou o guardanapo na mesa. Ela naturalmente preferia ficar sozinha numa biblioteca empoeirada a passar qualquer tempo com ele.

— Como quiser — disse ele, friamente, levantando-se. — Voltaremos por volta das cinco.

— A tempo de nadar, papá?

— Si, bambino. — Os olhos de Giovanni sorriram automaticamente. —

A tempo de nadar.

Mas o coração de Giovanni estava pesado ao saírem para procurar Fabrizio. A promessa do dia dourado foi manchada pela certeza de que não poderia continuar assim. Nenhum deles. Não era justo, principalmente com Alexa. Subitamente seu sofrimento silencioso começou a doer, fazendo-o se sentir como um tirano.

Sim, ele queria seu filho em tempo integral, mas esse jamais seria o caso. Não se estava chantageando sua mãe, coagindo-a a ficar. Não era de admirar que ela se afastasse de qualquer lugar quando ele entrava.

Se fosse qualquer outra ele a teria seduzido a ficar, mas essa não era uma opção. Ele aprendera a respeitá-la e admirar sua dignidade silenciosa, a forma como agia junto a ele e o filho.

Ela merecia respeito e algo mais. Merecia sua liberdade.

Giovanni estreitou os olhos sob a nuvem que encobriu seu coração.

Depois que eles saíram ela se pôs a trabalhar. Achara que Giovanni havia sido frívolo ao sugerir que ela decorasse a casa, mas abraçou a tarefa com vigor.

O pulazzo era antigo; a decoração havia sido negligenciada e parecia gritar por cuidados. Alexa encontrou uma tinta que combinava perfeitamente com as outras paredes. Mais tarde mostraria a Giovanni para ver se ele aprovava.

Será que você vai estar por perto para ver a casa pintada? Zombava uma voz, em sua cabeça. Naquele momento ela viu um livro fora do lugar na prateleira. Ao olhar de perto, percebeu que era um álbum de fotografias e ficou estarelecida... Ver as fotos era como olhar seu próprio filho. Eram da infância de Giovanni.

Ali estava ele, num circo, vestindo um lindo casaquinho, ao lado de um elefante. Depois, ao lado da mãe, sorrindo, e em Paris, caminhando em meio às flores. Havia fotos de Gio em quase todos os países da Europa, e todas as fotos traziam sua mãe olhando nos olhos de algum belo homem.

Era um homem diferente em cada foto.

Ela olhou bem a imagem da criança, que lembrava Paolo e viu a vulnerabilidade de seu rosto. Não era um menino aproveitando as férias. Era um menino no papel coadjuvante de um estilo rico de vida. Um menininho perdido.

Oh, Gio, pensou ela.

— Que diabos pensa que está fazendo?

As palavras irromperam seus pensamentos e Alexa viu Giovanni na porta da biblioteca, tenso, olhando para ela.

Seu coração disparou.

— Dando uma olhada nas coisas.

— Impicciona! — acusou ele.

A palavra saiu como uma bala.

— Não, eu não estava bisbilhotando.

Ele olhou pela janela e viu a vista deslumbrante que fora comprada por um sheik para garantir o silêncio de sua mãe. No entanto, ele não seria culpado por fazer exatamente a mesma coisa com Alexa?

Durante a manhã, ele sentiu a força da confiança que o filho tinha nele e isso fez seu coração quase explodir de felicidade. Aquilo o arrebatou como um raio. O que ele mais queria, acima de tudo, era amor. E amor não pode ser comprado, nem forçado, nem exigido.

Ele queria um tipo de amor que fosse autêntico, mas não podia tê-lo sem a mãe de seu único filho ali. E Alexa não queria estar ali. Ele a mantivera sob ameaça.

Ficara zangado por ela não ter contado sobre o filho, mas, diante de seu comportamento antes e depois de saber, como poderia condená-la?

Mesmo com todo o emaranhado que haviam feito do relacionamento, quem poderia acusá-la de não ser uma boa mãe? Era assim que ele a recompensava por ter cuidado tão bem de seu filho? Intimidando-a?

Ele lhe diria que seria generoso com ela.

— Você pode ter a pensão que merece. O bastante para garantir uma vida confortável na Inglaterra. Não vou mais mantê-la aqui contra sua vontade. Pode ir.

Alexa piscou, estarrecida.

— Ir?

Será que ela queria torcer a faca? Fazê-lo implorar por seu perdão?

— Si, ir! — disse ele, zangado. — Já que é isso que quer!

A segurança financeira acenou para ela, que percebeu que isso não significava nada. Começava a entender o que motivara esse homem poderoso e solitário.

Alexa o encarou por um bom tempo. Seu ciúme culminara nos acontecimentos que a levaram a manter o filho em segredo. Mas as pessoas não nascem ciumentas e a razão estava no álbum de fotografias, com um homem em cada página. Alexa sabia que meninos tendem a proteger a mãe. Paolo talvez tivesse se dado bem com Gio por ter sentido uma ligação instintiva, mas sua aceitação certamente foi ajudada pelo fato de que ele foi o primeiro homem, o único, com quem tivera intimidade desde a sua concepção. Ela tentou imaginar a confusão de Paolo, se houvesse uma sucessão de homens na vida dele. Não era de se admirar que Giovanni tivesse crescido pensando que as mulheres gostavam de variedade em lugar de estabilidade.

Ela percebeu que esse fora o motivo de sua reação na noite de núpcias. Não pela ausência da virgindade, mas pelo que ela representava. A inexperiência, a segurança. Ele a achara uma deusa e descobrira que ela era apenas uma mulher.

Emocionalmente, veio a ela como um menininho, e a percepção quanto à virgindade foi comparada à decepção de quando era criança. Os dois haviam agido de maneira egoísta, mas Alexa não podia ocultar o medo dos erros para sempre. Alguém tinha de dar o primeiro passo.

— Eu sinto muito, muito mesmo, Giovanni.

Em sua cabeça, ele estava repassando a melhor forma de formalizar a separação, e as palavras foram um choque. Ele congelou, estreitando os olhos negros.

— Há algo que eu deva saber?

— Não, não é nada disso. — Ela hesitou. — Estou me referindo à dor que lhe causei. Pelos anos da vida de Paolo que neguei a você.

Agora ele estava zangado. Queria que ela o deixasse em paz para se acostumar com a decisão.

— Você não precisa falar essas coisas, Alexa. Pode ter sua liberdade e voltar para a Inglaterra.

Ele a estava mandando embora, de qualquer forma?

— E se... e se eu não quiser voltar para a Inglaterra?

— Não, vá — disse ele. As barreiras de aço ao redor de seu coração estavam ali há muito tempo para serem derrubadas diante de uma negação hesitante. Mas ela estava conseguindo. — Não diga coisas que não sente.

— Mas eu estou falando sério! Eu... — Ela hesitou, pois sabia que tinha de expor seus sentimentos e não tinha garantia alguma de como ele iria tratá-los.

— Eu te amo, Giovanni — sussurrou ela. — No fundo eu nunca deixei de amá-lo e jamais deixarei.

As palavras o atingiram como flechas. Ele deliberadamente virou as costas, bloqueando o apelo dos olhos dela e ocultando também a fome de seus próprios olhos. Uma fome selvagem. Não por seu corpo, mas pelo sonho que o iludiu a vida inteira.

Ele queria voltar para ela, dizer que também sentia muito pelo rumo que suas vidas haviam tomado, mas tinha medo. O forte e poderoso Giovanni de Verrazzano estava, de fato, amedrontado. E se essas coisas estivessem sendo ditas para serem esquecidas amanhã?

No entanto, ele se voltou para ela e viu que acreditava. A verdade irradiava de seus olhos verdes como um farol. Ele tinha algo maravilhoso que não podia se arriscar a perder. Não pela segunda vez.

— Não quero suas palavras — disse ele, ríspidamente. — As palavras não podem remover toda a amargura do passado.

— Então fique com meu coração — disse ela, baixinho, indo em direção a ele, tocando seu rosto tenso. — Fique com tudo que tenho. Mas, por favor, Giovanni, me leve junto em sua jornada pela vida. Não me importa se você não me ama, contanto que seja um bom pai para nosso filho. E eu serei fiel a você, meu único e verdadeiro amor, como fiz desde a primeira vez em que me você me tomou nos braços.

Houve uma pausa. Ele sentiu o coração revirar com uma poderosa emoção por dentro, como se um imenso bloco de gelo tivesse derretido. Por um instante, ele não se moveu. Depois os dois se agarraram como dois sobreviventes de um naufrágio.

Um suspiro escapou dos lábios dele enquanto a beijava. Foi um beijo que jamais haviam dado. Não era um beijo de cobiça, nem raiva, fantasia ou frustração. Era o símbolo do amor dos dois, um amor real e adulto, e um compromisso com o futuro. Porque, em meio às lágrimas e à felicidade, Alexa sentiu que jamais se separariam novamente.

Nenhum dos dois havia notado que um garotinho surgira na biblioteca. Quando o viram, repararam na expressão esperançosa em seu rostinho. Juntos, eles abriram os braços para o filho, que foi direto ao encontro deles.

EPÍLOGO

O sheik Zahir ficou encantado, mas, aparentemente, nada surpreso, quando Alexa e Giovanni voltaram a trocar seus votos nupciais em Nápoles. Ele insistiu em dar uma festa enorme para eles, em Kharastan. Teri foi convidada, e a mãe de Alexa também, naturalmente.

— Querida, você se saiu melhor do que eu jamais podia imaginar!

E também alguns amiguinhos da escola de Paolo, e sua antiga babá.

Mas depois dos seis meses que ficaram sem vê-lo, Zahir parecia bem enfraquecido. Alexa conversara com Giovanni a respeito enquanto estavam deitados na imensa cama da suíte, com o aroma de jasmim varrendo seus corpos nus,

Alexa tinha consciência do laço que se formara entre pai e filho, dois homens orgulhosos com dificuldade de expressar os sentimentos. Mas Giovanni estava melhorando a cada dia. Ela se virou para ele e contornou seu rosto com a ponta do dedo.

— Você quer vir morar aqui, caro? — ela perguntou, suavemente, a Giovanni. — Você é mais velho do que Xavier. Acha que Zahir quer passar o trono a você? Ele disse algo?

Ele se virou e a beijou na ponta do nariz, maravilhado com a mulher que era sua esposa, em todos os sentidos da palavra. Essa mulher que não se importava com riqueza, nem status, pois o desejo de seu coração era por aqueles que amava. Sua família. Ele sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe com isso — murmurou ele.

— Você não pode simplesmente passar isso adiante, Gio! — protestou ela. — Não estou preocupada com isso, me preocupo com você! E se...

— Shh — sussurrou ele, silenciando-a com um beijo. — Apenas espere.

Uma comunicação oficial foi feita no dia seguinte. Que o último dos três filhos do sheik seria identificado.

— Outro filho? — disse Alexa, sabendo que os comentários corriam pela capital. — Você quer dizer que o sheik tem um terceiro filho?

Giovanni concordou.

— O terceiro e último — disse ele, secamente. Alexa encarou Giovanni de olhos arregalados.

— Você não está surpreso?

Giovanni riu.

— Não, não estou. Não sei por que, mas esperava por isso. Xavier e eu fomos informados pouco antes do comunicado.

— E você sabe quem é?

— Não, mas me deram a chance de saber. Contudo, Xavier e eu dissemos que preferimos descobrir junto com nossas esposas.

— Oh, Gio! — ela riu, encantada.

— De qualquer forma, eu arrisquei um palpite. É Malik.

— Malik?

— Aposto minha fortuna nisso.

Mas ele não perderia, pois estava certo. O assistente fiel do sheik, o único com sangue puro de Kharastan correndo nas veias. Na verdade, o filho mais velho e herdeiro de Zahir.

Alexa se tornara admiradora de Malik, mas sua maior lealdade era ao amado marido.

— Você imaginou que talvez tivesse de governar Kharastan, antes de saber de Malik? Você o faria?

— Eu não teria escolha — disse Giovanni, simplesmente. — O destino não é algo que se escolhe como produtos do supermercado. — Ela teria se tornado esposa do sheik e Paolo um dia herdaria a coroa. Mas ficou feliz em saber que uma responsabilidade tão grande não recairia sobre os ombros do filho.

— Não se importa de não ser sheik dessa linda terra?

Giovanni sorriu e ergueu a mão ao rosto dela. Ele ainda não havia perdido a sensação de que acordaria a qualquer instante. Como ela pudera transformar toda a sua vida?, pensou ele. Mas ele sabia a resposta. O amor tinha um poder maior que todos. E vira Alexa florescer como uma flor ao abraçar seu amor.

— Não, amata mia, eu não me importo, pois tenho mais riqueza do que caberia em qualquer reino. — Seus olhos negros mostraram um sorriso que se tornara comum. — Eu tenho você e Paolo. O que mais um homem poderia querer da vida?

FIM

E-books Românticos e Eróticos

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=42052224&refresh=1>
http://br.groups.yahoo.com/group/e-books_eroticos/